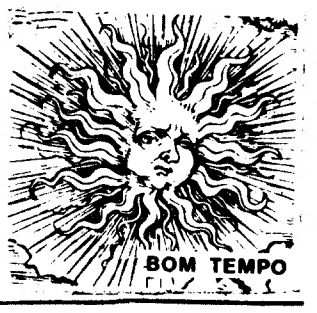
# Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 22 DE MARÇO DE 1973 — N.º 18047 — ANO 52.º — PREÇO 1$50


# OS PRESIDENTES DOS MUNICÍPIOS DEVEM SER ELEITOS

## — defende a Sedes

**O princípio da elegibilidade para os presidentes das Câmaras Municipais, que, como se sabe, são nomeados pelo Governo, foi defendido num colóquio, organizado pela Sedes e moderado pelo dr. Vera Jardim. Durante a reunião foram abordados importantes problemas dos municípios, mas, após as exposições iniciais e por sugestão do próprio moderador, viria a ser discutido apenas o problema, que se considerou de grande interesse e muita oportunidade, da eleição dos presidentes das câmaras.**

Por outro lado, questões de ordem estrutural relacionadas com a actividade dos municípios foram largamente desenvolvidas nas exposições que antecederam o debate. Analisou-se, assim, o estrangulamento económico-financeiro da maioria das câmaras, bem como a sua dependência económica face aos departamentos superiores, o excesso de encargos e as dificuldades de créditos. Estes aspectos, no entanto, não chegaram a ser motivo de discussão, pela razão já referida. A este colóquio seguir-se-á um outro, a realizar amanhã em Torres Vedras, durante o qual se falará sobre «Lisboa e o monopólio da participação política» (Pag. 4).


**Capitais e técnica do grupo Champalimaud na maior fábrica de cimento do Brasil Pág. 10**


**EDIÇÃO DE 32 PÁGINAS**

## COOPERAÇÃO URSS-EUA

**Segundo foi agora anunciado, a comissão conjunta soviética e americana para a cooperação científica e técnica vai intensificar as acções comuns em diversos sectores com interesse para ambas as partes. Na telefoto, obtida em Washington no final de uma conferência de imprensa, os delegados dos dois países às conversações que têm vindo a ser desenvolvidas — o americano Guyford Stever, à esquerda, e o soviético V. Trapeznikov — selam** o acordo com um vigoroso aperto de mão, (UPI-Telimprensa-DL)

# O Grémio das farmácias não quer fim-de-semana

As farmácias não podem praticar o regime de fim-de-semana porque, se tal acontecesse, os armazenistas passavam a fechar ao sábado durante todo o dia, o que criaria graves problemas de abastecimento, segundo afirmou a direcção do Grémio Nacional das Farmácias em conferência de Imprensa realizada esta manhã na sua sede. Durante a conferência o representante do Grémio ocupou-se também da situação económica das farmácias em Portugal e do caso de farmácias que fazem descontos ilegais. (Pag. 2).


**PRÉMIOS DA IMPRENSA: ENTREGA ESTA NOITE NO SÃO LUIZ (Pág. 2)**

**Nos bastidores do Conselho de Segurança, o embaixador panamiano, Aquino Boyd, conversa com o seu colega soviético, Yakov Malik. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)**

## O Panamá vai pôr de novo o problema do Canal

Juan Antonio Tack, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Panamá, anunciou hoje que o seu Governo pedirá a seu tempo a inscrição da questão do Canal na ordem do dia do Conselho de Segurança e da Assembleia-Geral das Nações Unidas. A decisão panamiana seguiu-se à rejeição, devido a veto dos Estados Unidos, de uma moção que pedia o recomeço de negociações sobre o Canal do Panamá no sentido de fazer regressar à soberania panamiana a zona actualmente administrada pelos EUA com carácter perpétuo. Além do veto americano, registou-se abstenção britânica. Houve 13 votos a favor. (FP e DL).

# Vendem-se cada vez mais colégios particulares

Depois da venda do Colégio dos Maristas (Rua Artilharia Um) por 120 mil contos, ao grupo Jorge de Brito, e do Colégio das Doroteias (também na rua Artilharia Um) estão à venda, segundo anúncios em vários matutinos, diversos colégios e quotas em estabelecimentos de ensino particular. Entretanto, decorrem negociações entre o Estado e religiosas para o aluguer de um famoso seminário, no Bairro Alto. O planeamento da escolaridade obrigatória e a criação de novos liceus e escolas técnicas, segundo os proprietários dos colégios particulares, não teve em conta situações criadas. Acontece, por outro lado, que os subsídios do Estado aos colégios particulares recaiu acentuadamente sobre estabelecimentos de ensino dependentes do Patriarcado, pelo que os enconrajamentos não são muitos. Estão suspensas algumas obras de ampliação em vários colégios, outros fecharam os refeitórios, outros ainda venderam parte dos móveis ou alugaram pisos térreos para agências bancárias ou comerciais, havendo, finalmente, alguns que alugaram as suas instalações ao Ministério da Educação Nacional.

## Faleceu esta manhã o dr. Trigo de Negreiros

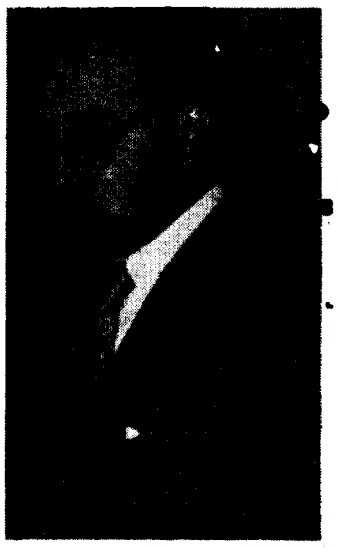
Na Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa, em Benfica, faleceu, esta manhã, o dr. Joaquim Trigo de Negreiros, que ali se encontrava internado desde o passado dia 18. O dr. Trigo de Negreiros, que actualmente era procurador à Câmara Corporativa, foi ministro do Interior do Governo do prof. Salazar, de 1950 a 1958, e presidente do Supremo Tribunal Administrativo.

O corpo do dr. Trigo de Negreiros encontra-se em câmara ardente na igreja de S. João de Brito, saindo, ainda hoje, às 18 e 30, em carro funerário, para a igreja dominicana da Foz do Douro, onde, amanhã, às 9 horas, será celebrada missa de corpo presente, após o que o funeral seguirá para Abreiro, Mirandela, terra da sua naturalidade. (Ler biografia na pág. 2).

DL/NACIONAL

# A MORTE DO DR. TRIGO DE NEGREIROS

O dr. Joaquim Trigo de Negreiros nasceu em Longra, Mirandela, a 11 de Agosto de 1900. Em 1923 licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Dos cargos públicos desempenhados, salientam-se os de presidente da Câmara Municipal de Vila Flor, governador cívil do Porto, subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social e subsecretário de Estado da Assistência Social.



O dr. Trigo de Negreiros

Em 1950, passou a sobraçar a pasta do Ministério do Interior, sem se desligar dos assuntos da assistência, cargo que ocupou até 13 de Agosto de 1958, tendo sido substituído pelo prof. dr. José Pires Cardoso. Quando do exercício daquele cargo desenvolveu larga acção como defensor dos interesses da política do Estado Novo nas campanhas eleitorais, discursando nas principais localidades portuguesas. Mais tarde sucedeu ao conselheiro Albino dos Reis na presidência do Supremo Tribunal Administrativo. Ultimamente desempenhava o cargo de procurador à Câmara Corporativa. Era agraciado com os graus de grande oficial da Ordem de Cristo, grã-cruz de S. Gregório Magno (Vaticano) e comendador da Ordem do Império (Grã-Bretanha), do Cruzeiro do Sul (Brasil) e da Coroa (Itália). Para além de vários estudos publicados em revistas de Direito, deu a lume: **Crédito Agrícola; Assistência Social-Proncipios e Realizações e Pensamento e Acção.**

Quando subsecretário de Estado das Corporações, o dr. Trigo de Negreiros criou a «carteira profissional de jornalista» e deu o apoio oficial à realização dos «cortejos de oferendas» a favor dos hospitais da província.

# LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

**42.623 __ 2.450.000$00**
**22.345 __ 245.000$00**
**5.841 __ 140.000$00**

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºS PRÉMIOS

**42.622 __ 7.577$50**
**42.624 __ 7.577$50**

PRÉMIOS DE 7 CONTOS

34; 1.005; 3.622; 4.239; 4.283; 6.009; 7.916; 10.069; 10.314; 11.275; 11.578; 14.932; 14.992; 15.500; 16.577; 16.783; 18.077; 19.475; 23.223; 27.466; 30.467; 30.570; 30.662; 33.339; 34.872; 35.196; 35.926; 37.351; 38.008; 38.621; 40.500; 42.431; 42.465; 43.755; 44.586; 45.363; 47.745; 49.546 e 50.729.

PRÉMIOS DE 280$00 (CENTENAS)

5.801 a 5.900; 22.301 a 22.400 e 42.601 a 42.700

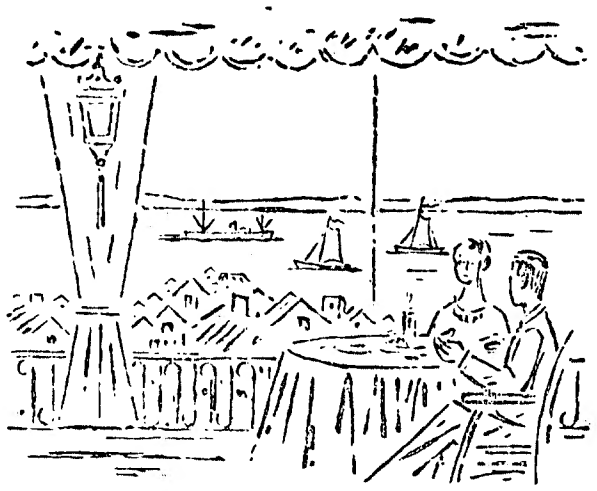
PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 037, 201, 675, 702, 704 ou 754, são contemplados com 560$00, no bilhete de cada série. Os números cujos dois algarismos finais sejam 57, 82 ou 99 têm direito a 350$00, de prémio. Também nos bilhetes de cada uma das duas séries da emissão desta lotaria cujo algarismo final seja 3, cabe o prémio de terminação __ 175$00.

**Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.**

Os 490 contos dos dois segundos prémios grandes foram distribuídos dos balcões da CASA DA SORTE

**Restaurante Varanda do Chanceler**



**COZINHA E AMBIENTE REQUINTADOS**

Largo do Chanceler, 1-Alfama-LISBOA

**TELEF. 86 62 86**

Encerrado ao Domingo

## Visita de Azeredo Perdigão a S. José

# 2.352 traumatizados do crâneo no espaço de um ano

O serviço de traumatizados do crâneo do Hospital de S. José recebeu 2352 doentes dos quais 409 faleceram e 650 foram operados, segundo revelou o director do respectivo serviço, dr. Vasconcelos Marques, esta manhã, no inicio da visita que o dr. Azeredo Perdigão fez aquele serviço com vista à renovação de um subsídio que a Fundação Gulbenkian possibilitou o ano passado e que se destinou a equipamento e apetrechamento do respectivo serviço. O dr. Azeredo Perdigão foi recebido pelo dr. Alfredo Franco director da Comissão Administrativa dos Hospitais Civis de Lisboa.

Na sua intervenção o dr. Vasconcelos Marques disse que dado o facto de os traumatizados do crâneo só poderem ser tratados convenientemente em Lisboa, Porto e Coimbra e prevendo-se um aumento do número de sinistrados devido ao crescimento do parque automóvel, é fundamental beneficiar o serviço para o qual a Fundação Gulbenkian contribuiu o ano passado com 4500 contos. O dr. Azeredo Perdigão revelou que a Fundação Gulbenkian contribuiu com 70 mil contos no espaço de um ano, para serviços de assistência e beneficiência apesar do processo inflacionário que se verifica à escala internacional, ter afectado as receitas da Fundação em cerca de 20 por cento.

No final os visitantes observaram algumas obras em curso.

## OPERAÇÃO «STOP»: QUARENTA DESOBEDIENTES AOS SINAIS LUMINOSOS

Na sequência de mais uma operação «stop» efectuada, ontem á noite, pela Secção de Trânsito da P.S.P. no Campo Grande, Avenida de Berna e Bairro do Alvito, entre os 366 carros particulares e os 52 táxis fiscalizados verificaram-se 79 autuações, 37 das quais por desobediência aos sinais luminosos e 7 por manobras perigosas.

## GATUNOS MOTORIZADOS ESCAPAM-SE À POLÍCIA

Utilizando uma forguneta para transporte dos objectos roubwdos, dois indivíduos que ainda foram perseguidos pelo guarda de giro na área assaltaram, esta madrugada, um estabelecimento de electrodomésticos da Rua D. Vasco, 38-B, levando três gravadores, dois rádios e um gira-discos, tudo no valor de dezasseis contos.

No mesmo período e fazendo uso de um pé-de-cabra com o qual arrombaram a montra, os gatunos estiveram ainda em acção nos escritórios de uma firma comercial da Rua Luciano Cordeiro, 107, onde se apoderaram de três máquinas fotográficas e de duas malas tipo diplomata.

A Polícia Judiciária procede a averiguações.

# Isenção de imposto nas licenças de militares

Ficam isentas do pagamento do imposto do selo e de emolumentos as licenças para ausência do País de militares dos três ramos das Forças Armadas nas seguintes situações:

a) Oficiais e sargentos do quadro permanente no activo, reserva ou reforma e praças do mesmo quadro em qualquer situação; b) Oficiais, sargentos e praças, não pertencentes ao quadro permanente, na prestação do Serviço Efectivo.

## NOVOS GOVERNADORES CIVIS DE CASTELO BRANCO E DE BRAGA

Pelo ministro Gonçalves Rapazote foi hoje empossado, pelas 12 e 30, o novo governador civil de Castelo Branco, capitão Geraldes Nunes. Pelas 17 horas e também pelo ministro do Interior, será empossado outro governador civil: o dr. Ascensão Azevedo, que assume assim as funções de chefe do distrito de Braga.

Os dois actos efectivaram-se em Lisboa, no salão nobre do Ministério do Interior.

# O GRÉMIO DIZ PORQUE NÃO CONCORDA COM A SEMANA INGLESA NAS FARMÁCIAS

A não ser que seja estabelecido um sistema em que os armazenistas de farmácia sejam obrigados a abrir rotativamente ao sábado (no caso das farmácias encerrarem nesse mesmo dia da parte da tarde) o Grémio Nacional das Farmácias não concorda com o sistema de semana inglesa que algumas farmácias de Lisboa têm praticado por iniciativa própria, segundo foi afirmado esta manhã numa conferência de imprensa realizada na sede daquele organismo onde, além deste assunto se falou da prática de descontos praticada por algumas farmácias, e a situação económica da farmácia em Portugal.

Ainda sobre a primeira questão que é também a mais actual, foca da aliás em último lugar na conferência, o Grémio afirma que «esta atitude, que pode parecer impopular na medida em que priva os trabalhadores de uma regalia concedida já em numerosos países adiantados, baseia-se em factos que o público deve também conhecer». Esses factos relacionam-se, segundo o Grémio, com o circuito de abastecimento dos medicamentos. Dado que se tem verificado ultimamente uma «proliferação exagerada de similares» a farmácia precisa de ter acesso fácil aos armazenistas. Ora sucede que «segundo um acordo estabelecido no contrato colectivo do pessoal que trabalha nos armazenistas estes ficarão encerrados todo o dia de sábado logo que seja estabelecido para todo o ano o regime de semana-inglesa para as farmácias. Que sucederia, então, no caso de se adoptar o regime de semana inglesa para todo o ano?» Pergunta o Grémio que conclui na parte final da exposição com que abriu a conferência de imprensa que «a menos que as autoridades enfrentem o problema dos armazenistas, a instituição da semana-inglesa nas farmácias para todo o ano não terá o apoio do Grémio.»

### FARMÁCIA ENCERRADA

A prática de descontos, atitude de que está em desacordo com a lei levou recentemente ao encerramento de uma farmácia, aliás ordenado pelo Grémio que explica assim a sua posição: «O que se passou, foi que a referida farmácia, após ter sido várias vezes condenada em penas pecuniárias, foi agora encerrada em virtude de uma punição aplicada pelo Grémio e confirmada pela Junta Disciplinar da Corporação do Comércio, **por praticar descontos ao público,** o que é não só contrário à lei do exercício da profissão farmacêutica (Decreto-Lei n.º 48.549) como constitui uma violação da deontologia profissional».

### SITUAÇÃO ECONÓMICA

Sobre a actual situação económica das farmácias o Grémio pensa que a situação é difícil exactamente porque, apesar dos medicamentos serem caros, não é a farmácia que fica com a grande percentagem de lucros. O Grémio afirma que em Portugal se consomem 4 milhões de contos por ano de medicamentos cabendo às farmácias 520 mil contos. Tal quantitativo possibilita, em média, 260 contos a cada farmácia o que, segundo afirma, é pouco porque é preciso ter em conta que uma farmácia, em Lisboa, precisa fazer 300 contos por ano para cobrir as despesas e nem todas o conseguem e, para finalizar, há a situação das farmácias da província que segundo aquela entidade, é muito difícil dado que nos últimos anos fecharam 75 farmácias.

# O bailado da Gulbenkian e a companhia de Carlos Avilez no Festival da Casa da Imprensa

Os prémios de arte e literatura da Casa da Imprensa, referentes a 1971, atribuídos pelos júris das várias especialidades, são esta noite, às 21 e 30, entregues durante um espectáculo, no Teatro Municipal de S. Luiz, em que intervirão: o Teatro Experimental de Cascais, interpretando algumas cenas de «Ivone, princesa de Borgonha» e seis poemas, ditos em coro, sob a direcção de Jans Schmidt; a cantora Elisette Bayan cantando duas páginas de Mozart, acompanhada ao piano por Regina Cascais; e na segunda parte do espectáculo o Grupo Gulbenkian de Bailado, dançando a «Sinfonia dos Salmos» (música de Strawinsky, coreografia de Michel Descombey) e «Suite de Bach» (J. S. Bach, com coreografia de Sparemblek).

Foram premiados no ano em referência: o prof. Vitorino Nemésio, o musicólogo António Vitorino de Almeida e Augusto Cabrita, Joaquim Manuel Magalhães e Aldónio Gomes (Prémios de Televisão); a cantora lírica Elisette Bayan, o violinista Gerardo Ribeiro, o Quarteto de Cordas do Porto, e Emanuel Nunes (Prémios de Música Erudita); o escritor Carlos de Oliveira (Prémio de Literatura); os 1.ºs. bailarinos do Grupo Gulbenkian de Bailado Johna O'Hara e Ger Thomas; e o pintor Espiga Pinto (Prémios de Bailado); a companhia do Teatro Experimental de Cascais, «pelo melhor espectáculo do ano», «Ivone Princesa de Borgonha», e Carlos Avilez e Jorge Listopad («O Fim» «pelas melhores encenações de 1971», as actrizes Manuela de Freitas, Glória de Matos e Graça Vitória, os actores Rui de Carvalho, António Montez e Rui Mesquita (Prémios de Teatro Declamado); os autores e produtores da revista «Saídas da Casca». a actriz Aida Baptista, o autor Rui Mendes e o cenógrafo-figurinista Pinto de Campos (Prémios de Teatro Ligeiro); as equipas dos programas «Página Um», «Tempo Zip» e «Vértice» (Prémios de Rádio); e José Afonso, José Mário Branco e Sérgio Godinho (Prémios de Música Ligeira).

# Recursos humanos

Promovido pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial, realiza-se de 9 a 11 de Abril, nas instalações da Fundação Gulbenkian, um simpósio sobre «Formação e Desenvolvimento dos Recursos Humanos», destinado a responsáveis pela formação nas organizações, metodólogos, monitores, professores e técnicos de vários níveis do ensino particular e oficial. No decorrer das sessões estará patente, para os participantes, uma exposição bibliográfica e de moderno equipamento audiovisual.

# O CENTENÁRIO DE COPÉRNICO NO CENTRO DE CULTURA

Efectua-se hoje no Centro Nacional de Cultura, ás 21,30 horas uma sessão integrada nas comemorações do 5.º Centenário de Copérnico. Será conferencista o dr. José Gabriel Trindade Santos.

Esta sessão, que vem na sequência de uma manifestação análoga promovida pela Cooperativa de Estudos e Documentação, será seguida do debate, esperando o Centro poder contar com a presença dos sócios daquela Cooperativa.

A entrada é livre.

DL/OPINIÃO

# Um assunto "dramático"

Uma aparente clareza de pensamento pode, em muitos casos, esconder um nada claro programa de intenções. Mas muito mais frequente é ver um pensamento expresso limpamente e uma intenção que não se disfarçou tomados por uma simples parte do que valem, pela interpretação que melhor caminho abrirá à contestação sempre possível. O que daí para diante vai passar-se, só por acidente merecerá o nome de diálogo; será, muito pelo contrário, uma espécie de recitativo duplo, durante o qual os intervenientes prosseguem, inabaláveis, o fio da sua lição própria, que se presume de tanto mais convincente quanto mais for capaz de sobrepor-se, em altura, à voz do parceiro...

Estas crípticas considerações vêm a propósito, porém sem qualquer intuito de estabelecer polémica, de uma entrevista concedida a este jornal pelo subdirector da Secção de Teatro do Conservatório Nacional, particularmente da passagem em que foi referido o «escândalo» provocado pela concessão do título de bacharel por aquele Conservatório. Porque neste mesmo lugar se falou oportunamente do assunto, numa «opinião» que teve por título, precisamente, «Teatro com Bacharéis», supomos que não haverá em nós excessiva presunção se nos considerarmos parte do auditório a quem se dirigem as seguintes palavras do dr. Mário Barradas: «O escândalo filia-se no preconceito aristocrático de que há cursos nobres, como medicina ou direito, e cursos que não são nobres, como o ensino de teatro ou do cinema. São resquícios do menosprezo a que o teatro, as artes do espectáculo, foram votadas desde sempre. (...) Serão também resquícios do ridículo lançado sobre o título de bacharel pela literatura e pela imprensa do século passado.» E prossegue: «Trata-se de uma polémica centrada em torno de um falso problema. O importante é que a atribuição do grau de bacharel corresponde, efectivamente, a um ensino de nível universitário, quer pelo esforço teórico, quer pela organização, quer pelas habilitações literárias exigidas aos alunos. Ao ensino superior correspondem graus académicos. O Conservatório passou a ser uma escola superior, é normal que atribua graus académicos.»

Nada mais exacto, nada mais inatacável. Mas a questão (mesmo aceitando que com demasiada facilidade se terá cedido à tentação de transferir humorismos passados para a situação presente), a questão dizíamos, não é precisamente essa. Que uma escola superior atribua graus académicos, bem está, mas muito nos estaremos a enganar todos se considerarmos que por essa via encontrará o teatro que se faz em Portugal a sua salvação... A verdade manda dizer (se atendermos a certos hábitos nacionais de autoconvencimento) que o perigo existe: a satisfação pessoal do sujeito pode sobrepor-se ao e fazer esquecer o melindroso estado do objecto, caso em que a situação actual se prolongaria, fosse qual fosse o número de bacharéis fornecidos pelo Conservatório.

Aliás, o dr. Mário Barradas pôs o dedo nas feridas quase todas, ao dizer: «E claro que o nosso esforço só resultará se for acompanhado da definição de uma nova política teatral, que leve à abertura de novas salas, à formação de novas companhias, à existência dos meios materiais indispensáveis à produção teatral. A actividade está concentrada em Lisboa: é urgente que seja descentralizada, que se instalem companhias permanentes nas principais cidades da província. Sem isso, a reforma do Conservatório será vã, os alunos saídos do Conservatório terão de ficar a aguardar, como professores do ensino secundário, a existência de condições para a actividade teatral. É obviamente um problema que ultrapassa o domínio do Conservatório, que envolve toda a política cultural do país.»

Precisamente porque não seríamos capazes de dizer melhor, é que a transcrição foi tão longa. Mas a tudo isto nos referíamos quando pela primeira vez comentámos os bacharéis no teatro... E mais um ponto que o entrevistado não abordou: que teatro vão representar ou encenar os novos universitários?... Esta, se não estamos enganados, é precisamente a ferida mais dolorosa de tão achacado corpo...

## Por 30 dinheiros

O juiz «Sir» David Croom-Johnson condenou a nova pena de 20 anos de prisão Paul Storey, que dirigiu outros dois rapazes na espoliação de um transeunte.

Esta segunda pena, por roubo, será cumprida ao mesmo tempo que uma primeira, igualmente de 20 anos, a que Paul fora condenado há dois dias.

Os seus dois amigos, que tinham sido condenados a dez anos de prisão cada um, foram condenados a uma segunda pena, também de dez anos, que cumprirão ao mesmo tempo que a primeira.

Croom-Johnson declarou que os rapazes tinham recebido a primeira sentença por terem causado ferimentos graves à sua vítima, Robert Keenan, de 31 anos, que agrediram a pontapé e a quem bateram com um tijolo, deixando-o inconsciente. Seguidamente, roubaram-lhe cinco cigarros e 30 dinheiros (cerca de 20 escudos).

«O roubo implica o uso de violência e a sentença deve reflectir o grau de violência implicado — declarou o juiz aos jovens — a violência por vós utilizada neste incidente, só pode ser qualificada de doentia. O público tem de ser protegido de gente como vocês».

O advogado de defesa, George Jonas, declarou, porém, que vai recorrer da sentença dupla.

«As penas aplicadas a estes rapazes são demasiadamente pesadas e absolutamente sem precedentes, nos nossos tempos — declarou Jonas — E impossível exagerar a gravidade e a importância dos problemas que elas levantarão. Problemas que atingem directamente a política penal de um país.»

## Billy Graham o pregador

O pregador evangelista norte-americano Billy Graham, que se encontra na Africa do Sul, declarou que os Estados Unidos deviam readoptar a pena de morte para alguns casos e que os responsáveis por casos de estupro deveriam ser castrados. Graham é um grande amigo do presidente Nixon e diz frequentes vezes missa na Casa Branca.

Graham fez um grande elogio da República da Africa do Sul, que, segundo ele próprio afirmou, lhe concedeu uma das recepções mais calorosas da sua vida.

«Não quero ir para o céu antes de visitar todo o vosso maravilhoso país, de ponta a ponta» — afirmou ainda o pregador evangelista.

## Apelo

O bispo católico rodesiano de Umtali, monsenhor Donald Lamont, dirigiu um apelo ao governo no sentido de comutar todas as penas de morte e, em especial, as de seis guerrilheiros africanos recentemente condenados.

O apelo do bispo foi publicado em carta aberta pelo jornal «Rhodesian Herald» de Salisbury.

Monsenhor Lamont pergunta se não seria preferível o governo mostrar-se clemente em vez de trransformar o condenados em mártires e critica a actuação do regime de Ian Smith, dizendo que ele se encontra divorciado das massas populares.

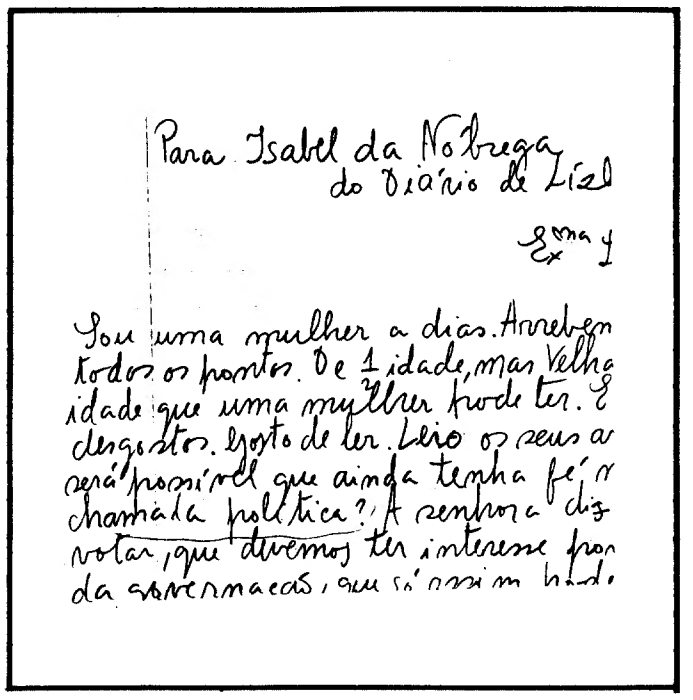
**ENGENHEIRO CARLOS SANTOS**

Sua família manda rezar missa de sufrágio por sua Alma amanhã, sexta-feira, pelas 18,30 horas, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira.

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

# O PRÓXIMO DISTANTE

**«Sou uma mulher a dias. Arrebentada por todos os pontos. De meia-idade, mas velha. Com toda a idade que uma mulher pode ter. E com todos os desgostos. Gosto de ler. Leio os seus artigos. Senhora, será possível que ainda tenha fé nessa coisa chamada política? A senhora diz que se deve votar, que devemos ter interesse por essa coisa da governação, que só assim podemos tornar melhor este velho e atormentado mundo. Será assim? Nasci e vivi num tempo em que a política era sinónimo de coisa proibida. E dela nada percebo. Mas do que eu percebo e bem, é de gente, de pessoas, do meu tão distante próximo. Sei tudo a esse respeito. Durante anos e anos eu acreditava em muitas coisas. Levei pontapés de meia-noite. Aprendi no grande livro da vida, e à minha custa. Com o meu pobre corpo. Com a minha desolada alma. Hoje já nada me espanta. Aqui minto. Uma coisa me espantou no final de 1972. Os rapazinhos que comeram carne humana. Nos Andes. Vi as suas fotografias. Risonhos, comemorando o Natal. Nos rostos deles nem uma sombra. Um dizia que ia comprar um «Porsche». Outro, que o médico o achou forte, após dez semanas a 4 mil metros de altitude. E que vão escrever um livro. Será um êxito comercial, com certeza. Todos os dias comiam uma boa fatia de fígado. Do bom fígado dos seus colegas. Penso nos meninos dos bairros de lata. «Já lá morei, também». Penso nos velhos desprezados e com fome, a apodrecer em antros piores do que tocas de animais. Pois, eles, decerto se deixariam morrer de fome. Mas não comeriam a carne dos seus irmãos. Pois é, o que me espantou a mim que li tudo sobre os campos de concentração, que tenho padecido fome, injustiças, desprezos, eu sei lá... foi apenas o ar feliz dos jovens fotografados após a tragédia.» E mais adiante: «Só a bondade pode mudar o mundo. Só a não violência. Nas grandes e pequenas coisas. Guerra sim, ao mal. A todos os males, aos pequenos e aos grandes. (...) Por hoje digo-lhe adeus. Sou Maria, ainda...»**




. Maria: Não percebo o que quer exactamente dizer a assinatura que escolheu, mas é bonita (se o quis ser) e contém certamente muitas coisas...

Julgo perceber, isso sim, que a Maria não é nada «mulher a dias», pelo menos no sentido corrente: que país é este onde as mulheres a dias, ou uma só que seja, escrevem desta maneira, tão exacta, tão precisa, tão rigorosa?... Onde é que se aprendem estes períodos secos, curtos, tão carregados de força? Ou a Maria quis ser preciosa, assinar-se «mulher a dias» naquele sentido em que todos os seres são «a dias», porque «a dias» vivem e porque «a dias» trocam o seu trabalho por dinheiro?

. Eis-me, enfim, um pouco atrasada, a responder a uma carta que não transcrevo na íntegra, e usando eu palavras que talvez não vão dar satisfação plena. Mas sabe, Maria estranha, mesmo quando de antemão prevejo que assim vai ser, que não irei corresponder ao que de mim esperam (esperam ouvir, esperam ler), nunca me permito, não me autorizo nunca, a inflectir ideias, que são minhas, na direcção pelos outros apetecida, que é a deles próprios naturalmente. A isso chamaria lisonja. Agora, se as minhas ideias e as do leitor coincidem, e se ele se sentir apoiado e confirmado, tanto melhor!

. Realmente, Maria, eu não tenho fé nessa coisa chamada política, conforme a sua expressão, que, se não despreza, menospreza. Política não é objecto «de fé», e se esta, a fé, permite acreditar naquilo que não se conhece nem viu, a política, por seu lado, não é de tão pouca exigência e há-de forçosamente recusar quem diz que dela «nada percebe», porque primeiro se recusou quem o disse. Que só ela poderá salvar «este velho e atormentado mundo», isso não sei. Mas sei (para mim, claro) que, sem ela, também o mundo não se salvará. Também eu, Maria, acredito nos poderes da bondade, mas não a tal extremo, não com essa confiança: nesse ponto, quis a vida ensinar-me alguma coisa que definitivamente apredi...

E agora o resto da matéria da sua carta: quando o avião voava sobre os Andes, quando ainda ninguém pensava em queda e desastre, em morte e antropofagia, talvez os passageiros trocassem impressões sinceras sobre os poderes da bondade, sobre a solidariedade, sobre política, quem sabe?, ou apenas sobre o automóvel a comprar, as férias da neve, a última anedota. Decerto cada um refutaria indignadamente o mau gosto de uma suspeita de vocação antropofágica, mesmo que posto em necessidade extrema. E se o avião tem descido no seu destino, nenhum de nós saberia hoje que os passageiros, gente civilizada e de teres, eram, afinal, antropófagos potenciais. Só **em situação** as pessoas se definem e afirmam. Quem me diz a mim que, salvando-se os que morreram, mortos os que se salvaram, a história não trocaria os papéis, para ser a mesma história?

. Que eu ache bem tudo quanto se passou? Nem por sombras. Também o meu espírito se revolta, também a náusea me acomete, mas não por causa dos banquetes de carne humana: não julgo, nem dou sentenças, nem estou tão certa assim de que os habitantes dos bairros de lata, postos em igual necessidade, não tivessem humanamente feito o mesmo... A minha repulsa tem outra causa: é que depois de praticado o acto que antes pareceria impossível, tenha ficado no rosto dos que se salvaram um sorriso de inocência ou de inconsciência, ou, o que seria ainda pior, de quem se julga, por ser quem é, senhor do mundo e do destino alheio. A quem habitualmente dispõe do destino dos outros, enquanto vivos, nada custará devorá-los depois de mortos e continuar sorrindo. E isto, por mais estranho que lhe pareça, Maria estranha, é outra vez política... Fiz-me entender?

# Pinturas com 42 mil anos

. TEERÃO — (UPI, ANI) — Em grutas recentemente descobertas na Pérsia Ocidental encontram-se pinturas rupestres muito anteriores àquelas que existem na Europa (na França e na Espanha). E os arqueólogos prevêem que o estudo dessas pinturas venha a alterar profundamente os conceitos tradicionais sobre a evolução inicial do homem.

Na sua maior parte, as grutas descobertas pelo professor de arqueologia da universidade de Cambridge dr. C. B. M. McBurney situam-se na província ocidental do Luristão.

As primeiras grutas descobertas foram já identificadas. Pertencem à idade paleolítica e datam de cerca de 40 000 anos a. C.

No prosseguimento das buscas arqueológicas, foram descobertas outras grutas que parecem remontar à idade neolítica e situam-se nas montanhas de Zagros, próximo de Kermanshah e de Bisotoon.

Entre os arqueólogos interessados nestas grutas conta-se a dr.ª Clare Goff, da universidade de Londres, que descobriu uma série preciosa de pinturas próximo de Mirmilas, a cerca de noventa quilómetros de Sassanian, no relevo rochoso de Tagh-e-Bustão.

DL/NACIONAL

## COLÓQUIO NA SEDES

# OS PRESIDENTES DA CÂMARA DEVEM SER ELEITOS

**Maior autonomia para os municípios e carácter electivo dos respectivos presidentes** foram duas das sugestões defendidas (e mais debatidas) no colóquio realizado ontem à noite na Sedes e subordinado ao tema: «Descentralização administrativa — O problema dos Municípios».

Perante uma reduzida assistência de dezena e meia de associados (efeitos talvez do V. de Setúbal-Tottenham, transmitido pela televisão...) os quatro componentes da mesa, Rui Mancheta, José Rasquilha, Carlos Pimenta e Tomás Oliveira Dias, fizeram breves participações sobre o tema.

Na sua exposição o dr. Oliveira Dias fez como que uma síntese das questões levantadas nas intervenções dos restantes colegas. Assim, começou por resumir os grandes problemas municipais referindo, em primeiro lugar, os de carácter estrutural, nomeadamente a excessiva centralização ou dependência dos próprios poderes centrais, a micro dimensão dos concelhos e o divórcio entre as populações e os órgãos de administração municipal. Salientou depois a estreiteza dos meios, particularmente o estrangulamento económico-financeiro dos municípios, a insuficiência de receitas, excesso de encargos e dificuldades de crédito. Finalmente, Oliveira Dias falou de carências humanas. Relativamente a este último ponto citou os problemas da reforma administrativa ao nível das autarquias locais, e as dificuldades de recrutamento de pessoal técnico, competente e suficiente. Como razões dessas dificuldades salientou o baixo nível de remunerações e regalias sociais.

### SOLUÇÕES

Seguidamente, o dr. Oliveira Dias enumerou as soluções que, no entender dos animadores do colóquio, poderiam resolver os mais graves problemas municipais. Assim, e seguindo o esquema utilizado na exposição dos já referidos problemas, apontou inicialmente, como solução estrutural, a implantação do sistema electivo dos responsáveis e, em consequência, o alargamento do poder e responsabilidade dos munícipes e juntas distritais. Uma solução económico-financeira foi também apresentada: reforma das finanças municipais articulada com a reforma fiscal, permitindo o alívio de certas despesas, divisão do regime de juros e alargamento do prazo de empréstimos. Como solução de problema de pessoal técnico adiantou a necessidade da reforma administrativa, com novos métodos de mecanização de serviços, simplificação das tarefas burocráticas e actualização do planeamento central da gestão administrativa — favorável à autonomia dos munícipes mas acompanhada da valorização dos meios e recursos humanos.

Após esta exposição seguiu-se um breve intervalo, findo o qual se iniciou o debate

O moderador Vera Jardim sugeriu para discussão o carácter electivo ou não do presidente da Câmara. O debate situou-se, praticamente, neste ponto tendo a generalidade dos intervenientes defendido a elegebilidade dos responsáveis municipais.

**O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria Fernanda Violante, Casa Violante-CARREGADO**

# Êxito de Maria João Pires na Gulbenkian

O maestro Albert ocupou novamente a estante de direcção para dirigir a orquestra Gulbenkian. O programa incluía na primeira parte a Serenata n.º 1 de Brahms, uma obra da juventude (op. 11) onde o compositor tenteia a sua própria personalidade, e ensaia a medo as grandes formas sinfónicas que muito mais tarde há-de trabalhar segundo um critério extremamente exigente, determinado pela sua ilimitada veneração pelo antecessor que legeu como modelo: Beethoven. É uma experiência, ou talvez se quisermos, um aglomerado de andamentos experimentais aos quais um a um, acabou por recusar a dignidade de elementos estruturais duma sinfonia. Por isso lhes chamou Serenata. No fundo, trata-se de uma obra de circunstância, cuja audição apenas pode subsistir hoje em dia como documento do que foi o seu autor quando ainda não se encontrara a si próprio. Enfim, uma obra puramente arqueológica ou de interesse puramente biográfico e nada mais. Portanto, o terreno ideal para Albert exercitar... a sua evidenciada falta de talento. Juntemos-lhe o pior Gounod, o pior Weber, e talvez futuramente a Sinfonia em dó maior de Wagner e aí temos um representativo naco do tipo de música em que Albert é especialista. Aliás, viu-se, ou melhor, ouviu-se, quando o director titular da orquestra Gulbenkian teve de se haver com Mendelssohn e com Chopin. Aqui já não havia música incipiente à medida da incipiência (que ameaçava perpetuar-se) do chefe da orquestra. Era Mendelssohn a sério ( o da **Gruta de Fingal**) e Chopin a sério (o do primeiro concerto para piano). Como era de esperar, morreram às mãos duma tal batuta.

Mas o «prato forte» da tarde, a grande atracção que provocou uma das maiores enchentes do Grande Auditório foi a pianista Maria João Pires, na circunstância solista do já referido concerto de Chopin. No programa geral, distribuído no princípio da temporada, vinha anunciada como solista de um concerto de Mendelssohn. Decerto que ganhámos com a troca, mas em todo o caso este «regresso» a Chopin pode muito bem induzir-nos uma vez mais à ideia, que aliás já temos arreigada, de que esta excelente artista continua a fazer muito pouco pelo alargamento do seu reportório. Move-se sobretudo entre Chopin, Mozart e Beethoven e, pelos vistos, um salto até ao tranquilo Mendelssohn já constitui para ela um «bicho-de-sete-cabeças». Para quando uma Maria João Pires atenta a Debussy, a Ravel, a Bartok, para não falar de Stockhausen e Xenakis, ou de dois ou três nomes da música portuguesa antiga e moderna que vale mesmo a pena tocar?

Isto é tanto mais grave quanto é certo que, pela maneira como tocou ontem o concerto de Chopin, Maria João Pires não tem o direito de se limitar. Total e profunda a sua identificação com a obra, que brotou sincera e espontâneamente das suas mãos, embora lhe faltasse talvez aquela grande linha interpretativa — definida por uma tersa unidade entre «numerus» e «affectus», entre razão e sensibilidade, entre rigor e emoção — que é, digamos assim, a pedar de toque dos maiores mestres. E tecnicamente perfeita.

Continua na pag. 5

# VAMOS REPETIR O MILAGRE

## — disse o governador-geral de Moçambique

**«Certos factos lamentáveis que fazem lembrar o tilintar das trinta moedas da traição sublinhando o rebentamento de bombas na capital do País, são apenas episódios, graves mas secundários, do que realmente interessa. E o que está em causa é um renovado assalto às fibras vitais da resistência dos portugueses».** — afirmou o eng.º Pimental dos Santos, governador-geral do Estado de Moçambique, no decorrer de uma sessão de boas vindas realizada em Nampula e que assinalou o início da sua primeira visita oficial ao distrito de Moçambique. E continuou:

**«O processo desenvolve-se em duas frentes. Uns sob o pretexto das eleições para a Assembleia Nacional, visam atacar pela rectaguarda os que se batem nas fronteiras. O meio fundamental consiste em pôr novamente em discussão, numa atmosfera de distorção e de calúnia, a nossa presença em África e a legitimidade do esforço de defesa. Todos os processos são considerados bons nesta manobra, desde a mentira à arruaça ou ao assassinato indiscriminado, passando pelo envenenamento intelectual especialmente dirigido à juventude».**

O eng. Pimentel dos Santos justificou a escolha daquele distrito para o lançamento do primeiro plano de desenvolvimento regional, visto situar-se em Nampula o quartel-general das Forças Armadas; referiu-se largamente às eleições em Moçambique para a Assembleia Legislativa e Junta Provincial Consultiva; falou sobre diversos problemas relacionados com o sistema de pagamentos interterritoriais e sublinhou a **«expansão muito viva do sector económica»**. E concluiu: **«Visto que pertencemos a um povo que, através da história, realizou o que os outros consideravam impossível, vamos repetir o milagre».**

Porque V. é capaz de se meter já a caminho, indicamos só algumas das muitas coisas que o Madeira-Sheraton lhe pode oferecer!

O conforto, o requinte, o serviço, já sabe, são Sheraton! Vá lendo agora devagar! O night-club "O Farol" é realmente um farol - de vida, de luz, de divertimento! As piscinas... tal como as especialidades do "Churrasco" e do restaurante "Os Arcos", só "provando-as" se avaliam. "The Pub"... aguente! Veja pessoalmente e... divirta-se!

Reservas: Lisboa - 56 39 11 · Funchal - 31 0 31

Madeira - Sheraton Hotel

SHERATON FUNCHAL Largo António Nobre Telef. 31031

TV — DL/ESPECTÁCULOS

# FUTEBOL : EVASÃO POR EVASÃO !

Por causa do futebol ficámos sem as «Histórias da Música» de António Victorino d'Almeida. Também ficámos sem saber de que forma se evadiu Bartolomeu Colleoni. Evasão por evasão, veio a bola. Em Setúbal, cidade que tão pouco tem merecido as atenções da televisão portuguesa — e qual será a cidade portuguesa que não pode queixar-se do mesmo? Setúbal em dia de grande jogo, bem merecia outra coisa, à medida do que se pretende fazer, por exemplo, com o *Taco a Taco*: antes do concurso propriamente dito transmitem-se entrevistas e reportagens sobre isto e sobre aquilo. Com motivação no pontapé da bola podia a televisão portuguesa organizar um programa para melhor conhecimento da cidade e dos seus problemas.

Desculpem. Estou a delirar, com certeza. Estou talvez a ser injusto. No último sábado, por exemplo, «Movimento» foi a Setúbal onde ficámos a não saber uma data de coisas mas soubemos, em contrapartida, outras bem saborosas. Entre elas, que a cidade estava a preparar uma formidável recepção aos forasteiros. Haveria rancho melhorado nos restaurantes, com especial relevo para a cozinha regional, nomeadamente a caldeirada e os salmonetes. Sardinha também, mas não para assar. De conserva, está claro, com a qual se podem fazer grandes pitéus. Ah, já me esquecia de dizer: o vinho seria oferta da casa... A isto se chama esforço promocional, ao nível da sardinha e do salmonete. Manifestações doutra ordem, culturais, por exemplo (olha este!) não sei se as houve. Mas vocês perguntarão, com os seus botões, quem é que estaria interessado nessas coisas em dia de futebol... Pessoalmente, estou convencido que as multidões do futebol, se lhes dessem outras alternativas, até as aproveitariam.

Bom, isso agora não interessa. Interessa a transmissão do jogo, com a sua grande audiência. Audiência que depois, nos inquéritos, não se manifesta.

*«DESPORTO»...*

O aspecto mais marcante desta transmissão foi a «limpeza» da direcção da TV, a cargo de Felix Ferreira. O telespectador pôde acompanhar atentamente o desenrolar das peripécias, pôde tirar uma que outra dúvida através da repetição de jogadass que vão incidir unicamente sobre as jogadas de golo mas também sobre al-

gumas outras mais emotivas ou mais duvidosas. O que eu gostava era de saber porquê o processo se põe em prática apenas em jogos internacionais.

Para lá da reportagem puramente desportiva, Felix Ferreira interessou-se ainda pelas manifestações extra bola. Assim pudemos ver a bandeira portuguesa a dar a volta ao campo, logo seguida pela bandeira inglesa. Vimos a banda de música a passar no campo, vimos os palhaços (tão tristinhos...) e os brincalhões, aquele por exemplo, que empunhava uma câmara de televisão a fingir. Vimos as pancadas, os letreiros com saudações e incitamentos. Alguns em verso, a demonstrar que, ao contrário do que pretende Gaspar Simões, a raiz da nossa poesia não é o lirismo, mas o épico. Assim:

*Viva o Vitória*
*o grande talismã*
*ficando na História*
*eliminando o Tottenham...*

Entre a multidão não existia o que pode chamar-se uma grande fogueira. Pelo menos, se tal entusiasmo houve, a reportagem falhou. Estou a lembrar-me, para não ir mais longe, do incêndio do público do Ajax ou das multidões inglesas, com as suas canções de grupo que lembram hinos religiosos. No entanto, entre o público, não faltaram os apitos semelhantes ao do árbitro e que chegaram a perturbar os jogadores. A isto chama-se Desporto. Em Espanha, não sei se viram durante aquele jogo de basquetebol entre o Real Madrid e um clube italiano: o público assobiava, chamava, urrava em cada tentativa de encestamento dos italianos, calava-se religiosamente quando os espanhois iam marcar. É assim o Desporto. Nem se diga que se trata do malefício do profissionalismo e coisas assim. Naquele jogo de andebol entre as raparigas do Almada e do INEF nem queiram saber o que se ouviu fora do campo... Está certo que a falta de qualidade mínima de certos encontros acaba por redundar em má propaganda desportiva. Mas que culpa têm os árbitros, coitados?

. O desporto (o espectáculo desportivo) e a sociedade não formam compartimentos estanques. O que esta for, aquele será. O resto é metafísica.

# ÊXITO NA GULBENKIAN

Continuação da pag. 4

Maria João Pires, para além de ser uma notável pianista em qualquer parte do mundo, é, como ontem novamente se demonstrou, uma verdadeira intérprete de Chopin (independentemente deste ou daquele ponto que haja a discutir na sua realização). Não há dúvida, pois, de que foi compensador ouvi-la pela centésima vez no seu repertório predilecto. Há muito que um intérprete português não nos proporcionava um tão elevado padrão de musicalidade.

**MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO**

CORREIAS TRAPEZOIDAIS
em borracha
CASA CHAVES CAMINHA
Avenida Rio de Janeiro, 19-B
Lisboa — Telef. 72 51 63

*Ande pela torre de Londres guiado por um Yeoman Warder e fique a conhecer o mais velho palácio da Europa.*

*De Outubro a Março, mais de 50 teatros em Londres oferecem espectáculos para todos os gostos.*

*Um típico pequeno-almoço inglês, já incluído no preço do hotel.*

*Uma grande surpresa aos visitantes são os preços de camisolas para homem em pura lã.*

# Londres - um paraíso para compras e divertimentos

## poupando 10% do seu dinheiro *

## Consulte a sua agência sobre os voos especiais:

## Preços desde 3280$00

(incluindo avião a jacto, hotel, transfers, visita e acompanhamento do nosso representante)

Viagens apolo

**Tudo isto vai acontecer:**

O seu dia começa com um típico pequeno-almoço inglês, já incluído no preço do hotel.

Agora, Carnaby Street e King's Road são todas suas. Com as suas lojas e armazéns onde encontrará as célebres lãs inglesas. E outros centros comerciais cheios de tudo o que o seu gosto pode exigir. Com os seus preços convidativos. E as suas surpresas.

A noite é já por si um espectáculo. Vestido à moda vá conhecer os locais que foram dos Beatles e onde nasceu a música que hoje se toca em todo o mundo. Se desejar, Sir Laurence Olivier espera por si com um «Shakespeare» mais adiante.

Foot-ball? Talvez o Arsenal jogue em Wembley no próximo sábado ...

Aperfeiçoar o seu inglês é mais um motivo. Em Londres é fácil.

Contacte o seu agente de Viagens para saber das Viagens Apolo para Londres. Em colaboração com o Turismo Britânico.

Boa Viagem!

* A recente desvalorização da libra esterlina significa que o seu Escudo vale 10 por cento mais do que antes. Aproveite esta oportunidade.

GRÃ BRETANHA a história viva.

**Receba Grátis**

Um magnífico folheto colorido sobre a «Grã-Bretanha de Outubro a Março» e um programa completo dos "Tours" organisados por Viagens Apolo.

Para informações detalhadas envie este coupon a:

Viagens Apolo
Caixa Postal n.º 2300
Lisboa

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

DL

DL/ESPECTÁCULOS

# "Bernarda Alba" na Casa do Alentejo

No âmbito das comemorações do 50.º aniversário da Casa do Alentejo realiza-se no próximo dia 31 pelas 21 e 30, na sala da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», um espectáculo de Teatro pelo Grupo Cénico da Sociedade Operária de Instrução e Recreio «Joaquim António de Aguiar», de Evora.

Será representada a peça em 3 actos «A Casa de Bernarda Alba» do dramaturgo espanhol F.Garcia Lorca.

## PARA HOJE

CONCERTO — Realiza-se hoje, pelas 21 e 30, na Aula Magna da Reitoria da Universidade, em colaboração com a Fundação Gulbenkian e com o patrocínio do Secretariado da Juventude o 5.º Concerto da série de 1972/73 dedicado aos estudantes universitários, em que actuará a Orquestra daquela Fundação.

CINEMA AMADOR — Pelas 21 e 30 horas de hoje realiza-se mais uma sessão de cinema amador com o patrocínio da Federação Portuguesa de Cinema de Amadores com novos filmes de Vasco Branco, José Barbosa, Vasco Pinto Leite e Vitor Laranjeira, entre outros cineastas.

## VÁRIAS

**TEATRO EM CONFERÊNCIA** — No sábado, pelas 22 horas, Artur Ramos, profere, uma palestra versando «A encenação», no Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria continuando assim a série de colóquios sobre teatro que esta associação cultural tem vindo a realizar.

**«OS ÁTOMOS» NA ESCOLA AGRÍCOLA** — Sábado, depois da gincana, que também organizam, os alunos da Escola D. Diniz promovem um baile no qual actuará o conjunto «Os Átomos».

**DESEDUCAÇÃO MUSICAL** — Uma actuação do Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra, no Liceu Infanta D. Maria, provocou os seguintes comentários do nosso correspondente de Coimbra, acerca do debate que decorreu paralelamente à apresentação do coro: «a exibição falhou no aspecto didáctico (...) pois a educação musical deveria ter sido ministrada durante a infância. Essa falha nota-se de uma maneira geral.»

## Cinema no mundo

. **FESTIVAL DO FILME FANTÁSTICO** — No Festival Internacional do Filme Fantástico e de Ficção Científica, que se efectua de 8 a 15 de Abril, estarão representados 17 países. O certame será acompanhado de uma exposição de fotografias e de uma feira de livros.

**«CASTIGAR A NUDEZ»** — Foram estreados no Rio de Janeiro os filmes brasileiros «Toda Nudez Será Castigada», de Arnaldo Jabor, uma comédia dramática baseada na peça de Nelson Rodrigues, com Paulo Porto, Darnele Glória, Paulo Pereio e Isabel Ribeiro, e a película «Os Mansos» em três episódios distintos. Um de Pedro Rovai, com Mário Benvenutti, Sandra Brea e José Lewgoy, o outro, de Braz Chediak, tem Mário Petraglia e Sandra Silva como intérpretes, o terceiro, de Aurélio Teixeira, com Pepita Rodrigues, Teobaldo e o próprio Aurélio Teixeira.

## CRÍTICA DE CINEMA — Lauro António

# Quatro americanos médios num "fim de semana alucinante"

**TÍTULO: FIM-DE-SEMANA ALUCINANTE (Deliverance)**
**REALIZAÇÃO: John Boorman, 1972 (EUA)**
**INTÉRPRETES: Jon Voight, Burt Reynolds, Ned Beatty, Ronny Cox, etc.**
**DISTRIBUIÇÃO: Columbia Filmes**
**ESTREIA: Cinema Roma (16-3-1973)**

**TÍTULO: LIBERDADES FEMININAS (GliOrdiniSonoOrdini)**
**REALIZAÇÃO: Franco Giraldi, 1972 (Itália)**
**INTÉRPRETES: Monica Vitti, Claudine Auger, Orazio Orlando, etc.**
**DISTIRBUIÇÃO: Internacional Filmes**
**ESTREIA: Cinema Monumental (16-3-1973)**

**TÍTULO: A MINHA ARMA NÃO PERDOA (Leave Your Guns At The Door!)**
**REALIZAÇÃO: Leopoldo Savona, 1971 (Itália)**
**INTÉRPRETES: Mark Damon, Richard Melvill, Veronika Korosec, Pietro Ceccarelli, etc.**
**DISTRIBUIÇÃO: Distribuidores Reunidos**
**ESTREIA: Cinema Olympia (19-3-1973)**

Num fim-de-semana como qualquer outro, quatro americanos médios resolvem descer, de canoa, um rio numa região selvagem do interior dos EUA ameaçada pelas obras de uma empresa eléctrica, que irá cortar o curso ao rio e transformá-lo num vasto lago. Quatro americanos médios, em dois carros, de canoas nos tejadilhos, chegam ao ponto de partida. A região é miserável, os seus poucos habitantes acusam «deficiências genéticas» indisfarçáveis, os olhos alongados, que relembram orientais, o corpo ressequido, a pele dilacerada, o cérebro atingido. Os quatro americanos médios percebem desde logo que se encontram já fora da civilização, que a sua aventura desse fim-de-semana principiou. **Porque é que se vão meter com o rio?**, pergunta um dos autóctones. **Porque o rio está lá!**, responde Lewis, o **leader** da expedição. **No fim, gostariam certamente que ele não estivesse lá.** Lewis, da estatura de um chefe, demagogo, **«julgando-se Tarzan»**, procura, nesta aventura o contacto perdido com a Natureza, da mesma forma que tenta ressuscitar o espírito dos primitivos exploradores **«Os primeiros exploradores viram o rio tal como nós o vimos hoje»**. ou **«Nunca se vence um rio. Muito menos este»**.). Numa civilização que tudo procura controlar, o americano médio sente-se diariamente uma pequena peça de uma engrenagem. Um sistema que o ultrapassa. Esta aventura será uma forma de pôr à prova capacidades físicas e «virtudes», tais como poder de decisão, coragem, destreza... Potencialidades que a vida diária de uma grande metrópole condiciona e reprime. **«Na nossa civilização, as máquinas vão falhar. Só quem souber é que consegue sobreviver!»**, explica-se Lewis, ao que lhe perguntam: **«E tu, não sabes esperar por esse momento?»**. Para além disto, a má consciência de quem se vende à engrenagem. **«A natureza?, vendemo-la ao sistema!»**

. Mas, se Lewis (Burt Reynolds) é essencialmente o chefe a quem todos se dirigem nos momentos decisivos, os restantes elementos desta expedição caracterizam-se de forma brilhante. Ed (Jon Voight), acompanha Lewis nas suas aventuras de fim-de-semana para fugir **«aos pequeninos problemas de Atlanta»**. Aqui, sente-se participar de emoções que o cotidiano não lhe oferece. Indeciso, receoso, incapaz de disparar uma flecha e com ela atingir um animal, é um indivíduo que perde facilmente, como aliás o reconhece, o controle. Será ele, porém, quem tomará (ou será obrigado a tomar) as grandes decisões: primeiramente desempatando uma votação, depois conduzindo a expedição, a partir do momento em que Lewis se encontra ferido e imcapacitado. Bobby (Ned Beatty), por seu turno, é a ousadia inconsciente, a tagarelice de um vendedor, o típico americano em confronto com gente desconhecida. Quando frente **«às deficiências genéticas»** dos habitantes da região, resolve o problema, ofertando **«um dólar»**, para logo adiante desconfiar dos condutores que hão-de levar os carros até à foz do rio. Será ainda ele o que mais fortemente se pronunciará em favor dos **«deficientes genéticos»**, mas será ele também aquele que menos perdoará o atentado que sofreu e que maculou para todo o sempre a sua masculinidade.

Finalmente, Drew (Ronny Cox), o último dos «aventureiros», é o único que consegue estabelecer um verdadeiro diálogo com os miseráveis habitantes daquela região do interior dos EUA, numa notável sequência de dueto, de guitarra e bandolim (dueto que irá prolongar-se, em fundo musical, ao longo de todo o filme, definindo e comentando situações). Drew é o democrata que acredita na Democracia, no sistema e nas votações (viciadas pela demagogia dos **leaders**, aqui Lewis), é o liberal que luta pela justiça, pelas leis, pela verdade. Idealista, num mundo de violência e crueldade, será a primeira vítima.

Teremos, portanto, primeiramente um argumento denso e estremamente bem delineado, com um retrato de figuras impecável. Um universo de violência, onde homens de dois mundos se chocam com fragor numa coexistência julgada possível, mas impossível numa idade em que se perdeu já a inocência. **Western** dos tempos modernos, com os herois desenquadrados da paisagem que violam, **Deliverance** é ainda uma obra com uma leitura subjacente extremamente clara, ainda que não totalmente expressa. Fábula provável sobre a intervenção americana, em terras estranhas, unicamente por espírito de aventura, **«porque o rio está lá»**. O «rio» com a sua vegetação exuberante, com o seu verde impenetrável, com habitantes carcomidos pelo tempo, **«deficientes genéticos»** que se movem de casa às costas, perante as explosões do «progresso» (sob a forma de companhia de electricidade). Não será possível descobrir um Vietname por detrás destas aparências? Não será provável o paralelo que se estabelece entre o americano que oferece dólares, perante a pobreza, que olha com profunda comiseração, pobreza que já não aceita, nem perdoa quando, pelas mesmas causas, o atinge fisicamente?

. John Boorman, que dirigira **À Queima Roupa, Duelo no Pacífico** e **Leo, The Last**, consegue com **Deliverance** o seu filme mais importante e uma obra de uma brutalidade invulgar. A reconstituição é de um realismo impressionante, não só na violenta crueldade da algumas cenas, como em todas as sequências (que constituem noventa por cento do filme) que têm o rio como pano de fundo, sequências filmadas quase sem artifícios de trucagem. Notável é a direcção dos actores.

Do cinema americano (que, contra o que muito boa gente quer decretar, parece atravessar um dos seus períodos mais fecundos e lúcidos), temos, portanto, uma nova obra a não perder. Aqui fica o recado.

Rapidamente, arquivam-se referências curtas a películas que mais não justificam. Primeiramente, a comédia de Franco Giraldi, com Monica Vitti na protagonista: **Liberdades Femininas**. Um tema que poderia justificar uma bela comédia, perde-se totalmente, perante a incipiência de uma realização desastrosa e inteiramente voltada para o sensacionalismo. Mais uma vez a mulher nada lucrou com o tratamento que lhe foi dado numa comédia de costumes em que é fulcro e motivo de controvérsia. Paradoxal é, desde logo a situação bizarra de se procurar criticar a coisificação da mulher, através de uma obra que nada mais faz do que aproveitar-se do motivo da sua crítica.

Quanto à **A Minha Arma Não Perdoa**, de Leopoldo Savona, **western sparguetti**, de origem italo-espanhola, nada a acrescentar ao muito que já se disse sobre este tipo de filmes. Aguardemos o regresso de **Trinitá**, cujo **trailler** já corre (e que parece ter efectivamente muita piada), para se decretar, ou não, o seu óbito.

# Von Karajan em Granada

. GRANADA — O Festival Internacional de Música e Dança de Granada, a efectuar de 23 de Junho a 6 de Julho, conta com a participação da Orquestra Filarmónica de Berlim sob a direcção de Albert Von Karajan, e da orquestra e do Coro Nacional da Espanha, regidos pelo maestro Rafael Fruhbeck, de Burgos. Actuará ainda o pianista Arthur Rubinstein.


# VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO
RECOMENDA OS SEUS
ESPECTÁCULOS

TEATRO Tel. 32 60 17
VARIEDADES
33.ª SEMANA
Grupo C M/ 14 anos
com JOSÉ VIANA
no protagonista
SUA EXCELÊNCIA O VENDURA
com
DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA
2.ª e 4.ª feira: 21.45 h.
3.ª feira, descanso da Companhia
5.ª, 6.ª e Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingos: 16 e 21.45 h.

HOJE
2 Sessões: às 20.45 e às 23 h.
Telefone do teatro: 55 51 33
Revista de Bons e Maus Costumes
no Teatro MONUMENTAL
uma produção de VASCO MORGADO
com
CARLOS de OLIVEIRA
em
MULHERES COMIGO!
com AIDA BAPTISTA
UM EXITO
LAURA SILVA
CRISTINA CASSOLA
VITÓRIA MARIA
BALLET
DOMINGO «matinée» às 16 horas
4.ª feira, descanso da Companhia
SÓ ATÉ DIA 26
Dia 29, estreia no Pôrto

TEATRO Tel. 32 74 93
CAPITÓLIO
13.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com
FLORBELA QUEIRÓS
Sexo, nunca! somos britânicos...
No elenco
IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS
Encenação de
Maria Helena Matos
2.as, 3.as, 5.as e 6.as feiras: 21.45
4.ª feira: Descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO: «matinée» às 16 h. e à noite, 21.45 h.

TEATRO Tel. 86 47 56
LAURA ALVES
RUA DA PALMA
ÀS 21.45
Grupo C M/ 14 anos
uma deliciosa comédia um êxito MUNDIAL
O PRÍNCIPE E a CORISTA
ELENCO
(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Poeira, Luís Mata, José Braz

DL/GERAL

## em 3 linhas

. Segundo informação do Ministério do Exercito, os recrutas que aguardam incorporação este ano nos cursos de oficiais e sargentos milicianos que, a partir de segunda-feira, serão afixados nos locais do costume os editais convocatórios para o 2.º turno da incorporação, que começa em 26 e 27 de Abril.

///

Assumiram as funções de presidentes da Associação de Regantes e Beneficiários do Cais e da comissão administrativa da Cooperativa Agrícola da Granja, respectivamente, os engs. Luís Fernando Franco de Mira e José Elias Romão Martins.

///

Foi nomeada a dr.ª D. Maria Odete Pereira Fabião técnico dos serviços complementares do Fundo de Desenvolvimento da Mão-deObra.

///

Podem os interessados requerer a transferência para as Tesourarias da Fazenda Pública nos concelhos da Sertã e da Mealhada (2.ª classe) e, em provimento interino, os lugares de conservadores do Registo Civil e notário de Porto Moniz e notário da Ponta do Sol (Madeira) e conservador dos Registos Civil e Predial e notário de Alandroal (3.ª classe).

///

Foi determinada a equiparação de habilitações do ensino superior para efeito de sequência de estudos (Diário do Governo», 2.ª série, n.º 68).

///

Foi promovida a enfermeira-subchefe do Hospital Miguel Bombarda a sr.ª D. Maria da Conceição de Lourdes Pereira de Almeida Baptista.

///

Estão abertos concursos para provimento dos lugares de terceiro-conservador, além do quadro, do Museu Nacional de Arte Antiga e de professor técnico efectivo do 5.º Grupo da Escola de Regentes Agrícolas de Evora.

///

Foi nomeado vogal da Junta Cadastral Concelhia de Tomar o sr. Francisco António Júnior.

///

Vem na folha oficial (2.ª série, n.º 68) a lista dos candidatos admitidos condicionalmente às provas do concurso para provimento de vagas de escriturário-dactilógrafo do quadro do pessoal civil do Ministério da Marinha.

## Morfinómanos

. A Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria realiza hoje pelas 22 horas no Salão Nobre do Hospital Miguel Bombarda, a sua sessão de Março, com duas comunicações: «Mixoma cardíaco com sintomatologia neurológica», pelos drs. Hanna Damásio, Seabra Gomes, Castro Guimarães, Veiga Fernandes e

Pereira da Silva e «Psicoterapia intensiva de um grupo de morfinómanos» pelo dr. José Carlos Dias Cordeiro.

## Economia actual

. No dia 29 de Maio, terá lugar num dos hotéis de Lisboa, o almoço de confraternização dos sócios da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã.

O convidado de honra, dr. Paul Broicher, secretário-geral da Associação Alemã das Câmaras de Comércio e Indústria, proferirá uma palestra sobre a evolução económica actual e as Câmaras de Comércio e Indústria.

## LAGOA HENRIQUES NA "ÁRVORE"

. Na Cooperativa de Actividades Artisticas, S.C.A.R.L., «A Arvore» é inaugurada hoje, às 22 horas, uma exposição de desenhos de Lagoa Henriques.

1º e 2º lugares do Grupo 1, Turismo de Série.

Rallye Tap. Uma prova comprovadamente dura. 86 carros à partida, 23 à chegada. 2 Opel entre os 8 primeiros - ambos do Team Tofa GM. Parabéns às equipas vencedoras, MêQêPê - - Mira Amaral e Martorell - A. Roxo. 1º e 2º lugares do Grupo 1, Turismo de Série. Mais uma vez, os carros Opel chegaram bem, obrigado. Com o desempenho e a resistência que demonstram no rallye quotidiano do pára-e-arranca. Com a qualidade que mostram no trânsito diário - na cidade ou na estrada. A qualidade Opel, GM. Na categoria Turismo de Série do Rallye Tap, Opel provou ser fora de série. **Os concorrentes do Team Tofa GM utilizaram exclusivamente óleos SACOR, fabricados na Refinaria do Porto.**

Associação de Concessionários da General Motors de Portugal, Lda.

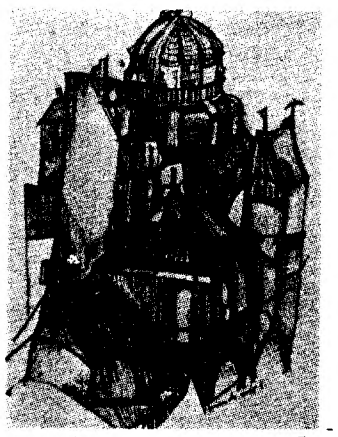
DL/NACIONAL

## À ESPERA DE VIEIRA DA SILVA

# PRATOS CHINESES E TELAS FLAMENGAS A QUEM DÁ MAIS

Superior a pechinchas e suas paixões, uma pausada afluência de serão bem-passado sobrelotou de poucas unidades só a plateia da «Dinastia», ao Príncipe Real, onde se leiloava ontem à noite «o recheio duma moradia do Estoril». Quem lá moraria, como moraria, não se pôde apurar: «para maior comodidade dos nossos clientes, o recheio foi transferido para as nossas instalações em Lisboa».

Não fosse a prevenção do caso



**O «lote 84»: uma composição de Vieira da Silva, a disputar no dia 26**

ria a conjectura de pensar que da casa arrematada não constavam coisas das úteis, mas tão-só bens decorativos. A saber: porcelana chinesa, raramente intacta, pintura flamenga, escassa em assinaturas, cadeirões onde seria ousadia sentar-se e, entre outros artigos, um complacente «Retrato dum Magistrado» que apesar duns feios raspados no canto inferior direito teve comprador por oito contos: é da escola inglesa do século XVIII.

Pouco entusiasmo entre os licitantes, aliás poucos e conhecidos, que rapidamente se destacaram da assistência interessada quase só, dir-se-ia, em identificá-los. Raramente os lances foram de mais de cem escudos, em subidas vertiginosas mas não muito altas: a mais cara que vimos foi a que levou uma «Virgem com o Menino» duma «escola italiana do Norte», século XVII, com 64 por 49 centímetros, até aos 89 contos. Esperar-se-ia muito mais para o discreto encanto da figura, que sob a devassa do holofote leiloeiro parecia corar de pudor. O mesmo não se observou nos santos que decoravam duas portas de armário, santos de pintor popular anónimo, que enfrentaram a exposição — ao colo dum empregado — com certa desfaçatez simpática. Saíram baratos ao comprador, não obstante.

Mas o grande núcleo da mercadoria eram as porcelanas chinesas, algumas «Ming», que dispensaram apreciações de ordem estética para valerem em valor relativo, quase só pelo grau de conservação. «Tem um leve cabelo», dizia um perito, ao lado do pregoeiro. Os lances, expressos em quase inapercebíveis gestos de mãos e dedos conhecedores, sucediam-se com uma aceleração que substituía — ou camuflava? — o interesse comprador, em que se podia detectar, até aos lances de dez contos, uma certa negligência. A partir daí, as pausas foram maiores e na voz do pregoeiro, como na cortesia uniforme do seu sorriso, transparecia uma leve emoção.

Um «cabelo» é um mínimo traço de fractura à superfície da porcelana. «Cabelo não é defeito», disse-se ontem, mas disse-se também que sem ele a peça valeria três vezes mais. Apresentaram-se em hasta peças inteiramente partidas e coladas, peças «sem asinhas», «com uma falhazinha na carranca», «restauradas», «muito restauradas» e uns pratos brancos «com as armas postas depois», além daquelas, raras, para as quais se ouviu o «chamo a atenção da praça» e que foram depois «vendidas e com parabéns».

**A fonte chinesa «com uma falhazinha na carranca»: ficou por vinte e quatro contos e quinhentos**

A coisa mais imediatamente bonita que ali se vendeu foram duas cadeiras espanholas de pano bordado, muito vermelhas, que pareciam o antepassado nobre e rígido daquelas desdobráveis de lona que há nas praias e onde é caricatural sentar os realizadores de cinema. A sua exibição, sempre ao colo do empregado, provocou certo fervor nas últimas filas, onde a evidente funcionalidade dos móveis constituiu tema de sussurradas contas.

«Está visto?», perguntava o dono da casa. «Vendo?» perguntava o pregoeiro. «Por seis contos cada», ditou-se então para o registo das compras, a um sinal que leve martelada simbólica acolheu. Novo lote, novo número apareceu no quadro luminoso.

O leilão, interrompido tarde mas em ponto avançado, prossegue esta noite. Para segunda-feira, anuncia-se a muito esperada almoeda de pinturas modernas e contemporâneas, de valor mais evidente e de crescimento mais rápido, de surpresas mais gostosas e de transacção mais fácil, mas mais excitante, que as antiguidades chinesas. Do catálogo constam, entre outros, e por ordem: um Abel Manta, dois Almadas, um Carlos Reis, um desenho de Jorge Barradas, um Malhoa, dois Pomar, um D'Assunção, uma gravura de Poliakoff, e, para remate (e ilustres visitas se esperam) um óleo, um desenho e duas gravuras numeradas de Maria Helena Vieira da Silva.

## OS NÚMEROS MUNICIPAIS

# Do bairro da lata para a casa camarária

Durante o mês de Fevereiro, a Câmara procedeu ao realojamento de noventa e sete famílias que viviam em precárias condições de habitação, revela o Município num comunicado distribuído à Imprensa. E de 166 o número referente a Janeiro. Na operação foram **beneficiados sobretudo os moradores em barracas ou prédios municipais antigos situados em zonas abrangidas por obras de urbanização**.

Discriminando o total das atribuições de casas municipais, o comunicado diz que 23 delas foram cedidas a famílias vivendo em barracas, 31 a famílias transferidas de prédios a demolir, 16 cedidas **por desdobramento a famílias vivendo em forte sobreocupação no bairro da Bouvista**, e 27 atendendo a **pedido dos moradores**.

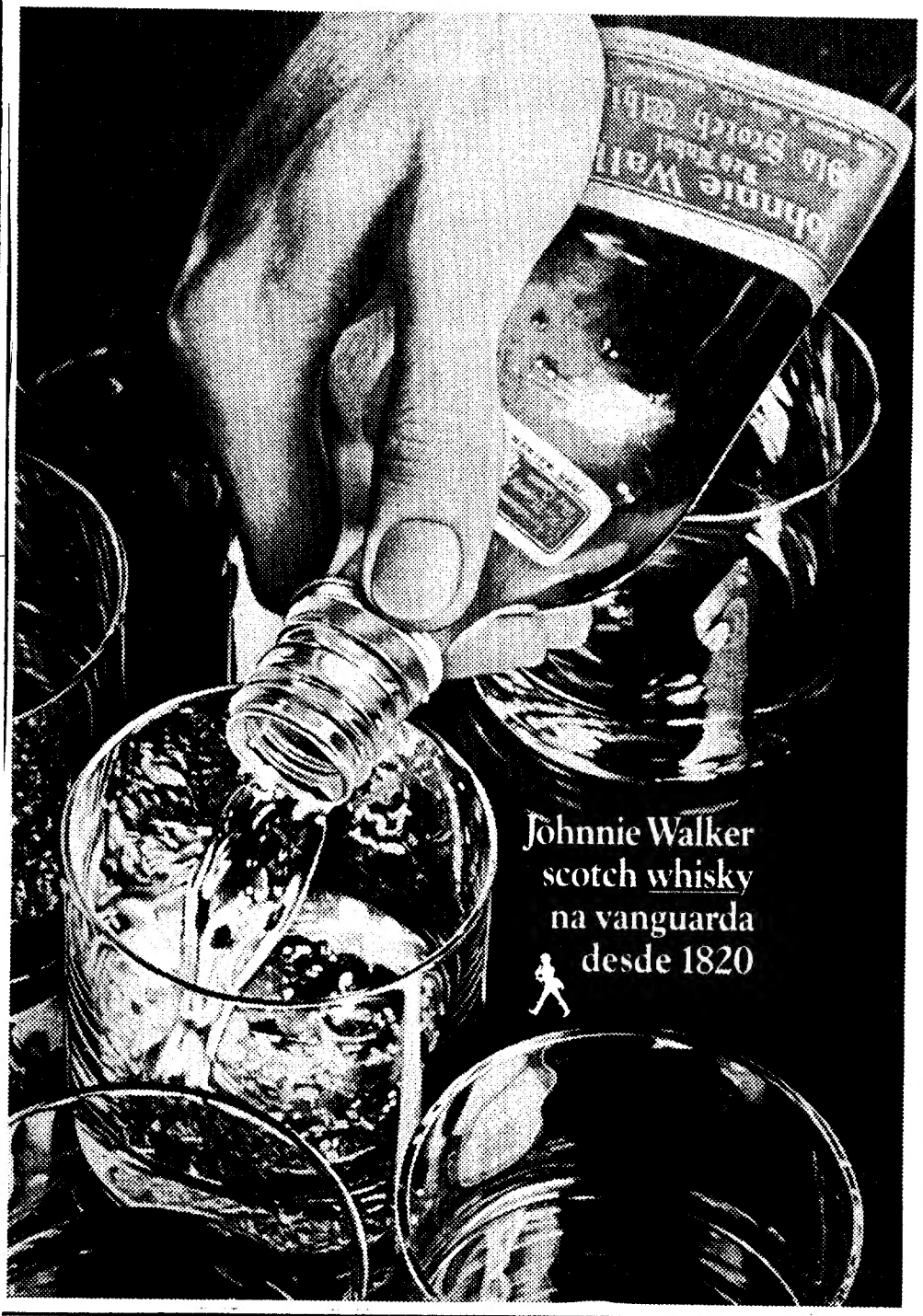
As transferências entre as casas municipais processam-se **de acordo com as conveniências dos moradores, e sempre que possível, atendendo pedidos em função da maior proximidade dos locais de trabalho, de preferência por uma habitação maior devido ao aumento do número de membros da família, desejo de uma casa de melhor qualidade, etc.**

Por um mapa apenso ao comunicado vê-se que a atribuição de novas casas ascendeu a 386, desde Novembro de 1972, mês este a que corresponde o número de 58 realojamentos.

Calcula-se em 300 000 o número aproximado de pessoas que vivem em barracas na zona de Lisboa. Na estimativa de que a média de pessoas por família seja de 4, verifica-se que cerca de 75 mil famílias carecem de melhor alojamento. Não apresentando este cálculo, que é corrente, o comunicado camarário afirma, no entanto, que **o número de barracas praticamente duplicou entre 1960 e 1970, o que obrigou à adopção pela C. M. L. de uma cuidadosa vigilância, que tem permitido evitar o aparecimento de novas construções deste tipo. Por outro lado o Município tomou a iniciativa de, pela sua parte, participar em muito maior proporção na resolução do problema aumentando grandemente o número de casas que já de há longos anos vem construindo para alugar a famílias de menores recursos económicos. Poderá dar-se uma ideia deste esforço através dos seguintes valores: enquanto que desde 1940 a 1959 a C. M. L. construiu cerca de 2500 habitações desde então até 1972 o número foi de 9800 das quais 5280 nas novas zonas de Olivais e Chelas.**

FLASH ELECTRONICO
Multiblitz
a iluminação perfeita para o fotografo profissional mais exigente.
ESTAB M SIMÕES JR S A R L
O R DOS DOURADORES LISBOA
208 R ST ANTONIO PORTO
ASSISTENCIA TÉCNICA IMEDIATA

PLANTAS
AZÁLEAS-RHODODENDROS E PLANTAS EXÓTICAS
ÁRVORES DE FRUTAS E AR LIVRE
CONSTRUÇÃO DE JARDINS — PARQUES — POMARES — ORNAMENTAÇÕES
ANTIGO JARDIM DE S. FILIPE NÉRI
Rua de Campolide, 270-A-295-A — Tel. 68 06 25-68 86 58 — LISBOA




com Wrangler®

a vida é um festival!

Wrangler®

PARA VESTIR A NOVA GENTE...

unigrupo

# Os livros estão caríssimos?

**Muita gente o diz.**

Mas nós sabemos que esse preço é, quase sempre, inevitável.
Você paga mais pelos jornais, pela carne, pelo leite. Até pelos táxis.
Acha que os livros podiam ficar à margem?
Não é possível combater o problema?
Pensamos que sim.
Por isso as nossas três casas editoras
uniram a sua experiência, as suas obras,
para lançarem, em enormes tiragens, a Biblioteca Universal Unibolso.
Vão ser livros para si — e para todos. E só assim poderão ser baratos.
Todas as semanas, às 4.ªs Feiras,
em todos os lugares onde é possível comprar livros — um grande título,
um grande autor, um grande livro. Pelo preço de um livro de bolso.
Com uma qualidade gráfica que nenhum outro atingiu.

Biblioteca Universal
# UNIBOLSO
# A RESPOSTA DE 3 EDITORES

EDITORES ASSOCIADOS – BERTRAND / LIVROS DO BRASIL / VERBO
( + ÁTICA E ULISSEIA)

CIESA - NCK

DL/GERAL

## NO BRASIL

# Do grupo Champalimaud a maior fábrica de cimentos

**RIO DE JANEIRO**, 21 (ANI) — O contrato de financiamento, entre o Banco Nacional Brasileiro de Desenvolvimento Económico e a Sociedade de Empreendimentos Industriais e Comerciais e Mineração-SOEICOM S.A., (associada brasileira da Empresa de Cimentos de Leiria) — para apoio ao empreendimento de montagem de uma fábrica de cimento em Lagoa Santa, Minas Gerais (que será, no seu género, a maior do Brasil e, também, o maior projecto industrial lançado nesse país, como resultado da cooperação de técnica e capitais luso-brasileiro) — acaba de ser celebrado nesta cidade. Pelo Banco de Desenvolvimento Económico e pela SOEICOM, assinaram, respectivamente, o Presidente, Dr. Marcos Pereira Viana, e um Director daquela empresa, Eng.º Manuel de Moura Oliveira e Silva. Este último, no discurso que, então, proferiu, afirmou:

— **Designado pelos accionistas brasileiros e portugueses, como Director mais antigo da SOEICOM, S.A., — Sociedade de Empreendimentos Industriais, Comerciais e Mineração, para falar hoje aqui em nome de todos, começo por dizer que muito nos honra ver o B.N.D.E. representado directamente por V. Ex.ª, seu presidente, na outorga da escritura do financiamento concedido à nossa sociedade. E, que me seja permitido acrescentar, sem rodeios, que nos sentimos muito lisongeados pelas referências que V. Ex.ª não tem regateado à concepção do projecto da Fábrica de Cimentos de Lagoa Santa, cuja imediata construção é o objecto do financiamento agora contratado. Com os seus 375.000.000,00 cruzeiros, (U.P.C. de Junho de 1972) de investimento, transforma-se ele, no maior projecto industrial jamais posto em execução neste país, como resultado da cooperação de técnica e de capitais luso-brasileiros. Sendo pertinente notar que a sua estrutura financeira, confere-lhe um arcabouço capaz de servir de base ao lançamento de novas e úteis iniciativas de trabalho. E era imprescindível que se tratasse de um bom projecto, como V. Ex.ª o classifica, porque também recai sobre ele a responsabilidade de surgir como empreendimento — piloto que assinala, em, grande escala, no sector da indústria, o início da concretização prática dos acordos de índole económica, ultimamente celebrados entre Brasília e Lisboa.**

### SALIENTADO O APOIO GOVERNAMENTAL

**Cumpre-me, assim, agradecer ao Governo Brasileiro os inestimáveis apoios que nos foram facultados, tanto mais que isso permitiu ao grande animador da presente iniciativa, o Sr. António Champalimaud, estender ao campo da Comunidade, a sua incomparável energia de criador industrial. E, V. Ex.ª, Sr. Dr. Marcos Pereira Viana — que, no âmbito de execução da política de estreitamento de relações com o meu país, se interessou pelo empreendimento, mandando-o estudar pelos seus competentes técnicos e decidindo posteriormente, o seu financiamento, a que vêm juntar-se os financiamentos paralelos, do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais e do Finame — é, também, credor do nosso vivo reconhecimento.**

**Do lado de Portugal, é de realçar o significado das decisões do Governo da Presidência do Professor Marcello Caetano e do Banco Emissor, que, autorizando os accionistas portugueses da SOEICOM a comprometerem elevados montantes no projecto em causa, revelam a clara intenção de alargar ao Brasil a política de aplicações de recursos financeiros nacionais. Mas se atendermos a que Portugal — país pequeno, embora dispondo, de momento, de uma desafogada situação de reservas, possui elevados compromissos de investimento em África, designadamente em Angola e Moçambique, (a que se adicionam outros derivados da associação ao Mercado Comum, dado que os efeitos da associação serão mais equilibrados quando, a investimentos europeus em Portugal, corresponderem investimentos portugueses na Europa) — obteremos a ideia exacta do esforço financeiro suplementar que essas decisões representam para Portugal. Contudo, são decisões deste tipo que permitem acabar com o impasso crónico das relações económicas entre as duas nações, fundadas quase, exclusivamente, até agora, nas escassas possibilidades de troca que a Natureza lhes proporcionava, por a ambas ter dado produções, geralmente, concorrentes. Falámos da vontade de Portugal de investir no Brasil. E o que se passa inversamente?**

**Nós compreendemos que as responsabilidades de toda a ordem aqui assumidas com os programas ciclópicos em curso — que fazendo a admiração do Mundo, se destinam a atingir metas amplamente ambiciosas, mas comprovadamente viáveis, de progresso global, de ocupação territorial e desenvolvimento regional — constituem oportunidades suficientemente numerosas e atraentes para os investidores brasileiros que, além do mais, encontram aqui um clima raro de trabalho, proporcionado por um governo cujas preocupações de grandeza da Pátria, de competência e de austeridade, planam acima de toda a discussão.**

### COOPERAÇÃO LUSO-BRASILEIRA

**Contudo, homens de negócios de um grande país como o Brasil, encontram, frequentemente, no exterior, situações interessantes de complemento para as suas actividades. Estou pensando, por exemplo, como os homens da pecuária e da mineração, que são sectores de técnica avançada neste país, poderiam buscar em Angola e Moçambique os benefícios de uma exploração que levasse à comercialização internacional da carne e do ferro, em regime de «pool» com o Brasil. As consequências de uma cooperação desse tipo no sector dos minérios do ferro, alargada, depois, a meia dúzia de países grandes produtores mundiais (quase todos do Hemisfério Sul), poderia acelerar grandemente o processo de conversão industrial, que conduzirá a serem as operações de fusão do minério e da sua transformação em lingotes ou bilhetes de aço, realizadas sobre os litorais dos países produtores, reservando-se as operações de laminagem para os países importadores. As vantagens recíprocas seriam apreciáveis. traduzindo-se na criação de novos empregos qualificados e no reforço das balanças de pagamentos dos países que possuem os minérios, e na eliminação, nos países industrializados consumidores, de fontes de poluição e de trabalhos que os seus operários especializados já não apreciam. Quer dizer, a cooperação luso-brasileira poderia levar, nos domínios que acabamos de considerar, a resultados análogos aos que estão obtendo os estados Arabes, no sector do petróleo. Mas objectar-se-á que a situação política e militar de Angola e Moçambique representa um risco sério para os programas de investimento. E eu respondo que, de momento, a situação é normalíssima e que os investidores brasileiros estão em condições de compreender, melhor do que quaisquer outros, como os atributos incólumes da alma do Homem Lusitano, serão capazes de enfrentar todas as situações históricas. Não há, pois, lugar para receios!**

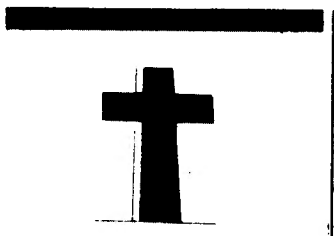
**Por tudo quanto referi, eu direi que a Comunidade Luso-Brasileira tem fortes razões para aguardar com júbilo e carinhosa simpatia, os resultados da próxima viagem a Portugal de Sua Excelência o Presidente da República Federativa do Brasil, e dirigimos as nossas respeitosas saudações ao Senhor General Emílio Carrastazu Médici.**

### UM PROGRESSO REAL

Falou, em seguida, o Dr. Marcos Pereira Viana que agradeceu as referências feitas à equipa técnica do Banco, acrescentando:

— **Este Banco que, no ano passado, realizou cerca de 12 mil contratos, não considera esta cerimónia, como de rotina. O projecto da SOEICOM é dos mais largos e o mais importante no sector do cimento, pelo processo técnico e escala de produção, representando 8 por cento da produção total do cimento produzido actualmente no Brasil. Este facto dá a este contrato uma expressão excepcional pela sua escala, que representa uma economia de cerca de 20 por cento em termos de investimento, relativamente a projectos de menor capacidade, e irá repercutir-se na actualização da indústria cimenteira. O projecto, tecnologicamente importante, representa um passo fundamental nas relações entre Brasil e Portugal.**

O Dr. Marcos Viana concluiu desejando à SOEICOM as maiores prosperidades e afirmando que o Banco Nacional de Desenvolvimento Económico se orgulha de colaborar no projecto.



**EDUARDO DAVID MARTINS PEREIRA**

**DESPACHANTE OFICIAL DA ALFÂNDEGA DE LISBOA**

**FALECEU**

Maria Isabel Martins Pereira Robalo Gouveia e seus filho, Maria Martins Pereira Martha e seu marido, Octávia Stromp Martins Pereira, Maria de Lourdes Macieira de Araújo e seu marido, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu pai, avô, irmão e cunhado.

Amanhã, pelas 10 horas, na igreja de S. João de Deus será celebrada missa de corpo presente, realizando-se o funeral às 11 horas, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA BARATA

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1870
GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

## Irmãos condenados por actividades subversivas

PORTO — Terminou no Tribunal Militar Territorial desta cidade o julgamento, a que já ontem fizemos referência, do alferes-miliciano António Júlio de Almeida Garcia, de 28 anos, e de seu irmão Alberto Almeida Garcia, de 25, furriel-miliciano.

O primeiro era acusado de pertencer ao Partido Comunista Português, para o qual contrinuiria com uma quota mensal, de ter desenvolvido diversas actividades subversivas, incluíndo a entrega a membros do Partido de um «croquis» do quartel onde prestava serviço, e de ter pedido a seu irmão que se apropriasse de armas no quartel de Cascais, onde este cumpria as suas obrigações militares — armas estas que, segundo a acusação, também teriam sido entregues ao Partido. Ele próprio, quando dirigia um acampamento militar em Lamego, teria desviado armas que, mais tarde, foram encontradas no quarto que ocupava no seu quartel.

O tribunal que foi presidido pelo coronel Armando de Sousa Botelho, não deu como provado que qualquer dos réus pertencesse ao Partido Comunista. No entanto, por crimes contra a segurança do Estado e furto, António Júlio foi condenado a três anos e nove meses de prisão maior, e seu irmão, pelas mesmas razões, a dois anos e seis meses de prisão maior. Ambos os réus — aos quais foi levado em conta o tempo de prisão já cumprida — ficaram ainda com os direitos políticos suspensos durante três anos.

## VINHO DO PORTO EM DISCUSSÃO

## Demitiu-se o presidente da Assembleia Geral do Grémio dos Exportadores

Durante uma reunião do Grémio dos Exportadores do Vinho do Porto, realizada ontem à noite no Palácio da Bolsa, na capital nortenha, e que tinha por fim a discussão, apreciação e votação do relatório daquele Grémio correspondente ao ano findo, os problemas ali levantados foram de tal ordem e tão controversos que levaram ao pedido de demissão do presidente da Assembleia-Geral, sr. Armando Silva.

A discussão incidiu, sobretudo, à volta da importância de uma imediata melhoria da exportação, assim como de um maior nível de produtividade na região duriense.

O presidente da Assembleia-Geral formulou várias perguntas à direcção do Grémio, do qual é presidente o dr. Rolando Van Zeller, perguntas que envolviam as questões postas no relatório apresentado, como o que dizia respeito à propaganda, incentivos e penetração no Mercado Comum. Estabeleceu-se discussão em torno da produtividade do Douro e quando o exportador eng. Manuel de Barros verberou a direcção por ter descuidado a informação aos exportadores sobre certa determinação da Assembleia-Geral de 29 de Dezembro, o sr. Armando Silva apoiou-o e, descontente com tal atitude, formulou o seu pedido de demissão.

A referida reunião teve momentos tempestuosos, pois ao que parece a situação dos vinhos do Porto, quer no que respeita a produtividade e qualidade entrou numa fase de declínio que prejudica altamente as possibilidades de exportação e concorrência no mercado estrangeiro.

## Extensão da Previdência aos trabalhadores rurais

Por despachos do secretário de Estado do Trabalho e Previdência, foram criadas no distrito do Porto as Casas do Povo de Bitarães, com a qual se completa a cobertura do concelho de Paredes, e de Caíde, no concelho de Lousada, abrangendo doze freguesias, tendo simultâneamente sido alargado o âmbito das de Parozelo e da Longra, respectivamente às freguesias de Rio de Moinhos e Margaride.

Por outro lado, no distrito de Aveiro foi criada a Casa do Povo de Estarreja; no de Leiria, a de Caranguejeira; e no de Viana do Castelo as de Afife e Ponte de Lima.

Como resultado das reuniões que decorreram no mês passado, entre o dr. Silva Pinto e os presidentes das Câmaras Municipais dos distritos da Guarda Viseu e Coimbra, foram constituidas as Casas do Povo de Vila Franca das Naves, Cogula, Freches e Trancoso, com as quais se completa a cobertura do concelho de Trancoso; as Casas do Povo de Paranhos e Torais, no concelho de Seia; a de Penela, concluindo-se assim a cobertura de todo o concelho com esses organismos; as de Carapinheira e Lorvão; e ainda as casas do Povo de S. João da Pesqueira e do Sul, no último dos referidos distritos.

Com a criação e alargamento de âmbito das referidas Casas do Povo, ficarão beneficiadas cerca de 50000 pessoas, das 102 freguesias abrangidas.

## Emissão de obrigações do metropolitano

A empresa do Metropolitano de Lisboa foi autorizada a emitir este ano 300 mil obrigações, nominativas ou ao portador, do valor nominal de mil escudos cada uma, em títulos de 1, 5, 10 50 e 100 obrigações.

Segundo o Decreto-Lei que o autoriza, o juro nominal será oportunamente fixado pelo secretário de Estado do Tesouro bem como a forma de colocação e o momento da emissão: As obrigações a emitir beneficiarão da isenção do imposto complementar e do imposto de capitais, bem como dos emolumentos relativos à emissão.

## Casa da Imprensa

Realiza-se no dia 30, às 17 horas, na rua da Horta Seca, n.º 20, a assembleia geral ordinária da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa) que estando marcada para ontem, não se efectuou por falta do número suficiente de sócios. Em segunda convocação, efectua-se seja qual for o número de presenças.

# O Banco Totta & Açores vai aumentar o capital social

## -diz-se no Relatório e Contas

. Realiza-se no próximo dia 26 do corrente a Assembleia Geral Ordinária do Banco Totta & Açores que, nos termos legais e estatuários, irá apreciar o Relatório e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal e ainda deliberar sobre a constituição do Conselho de Administração para o triénio em curso e sobre uma proposta concedendo a este órgão os poderes necessários para aumentar o capital social e alterar os Estatutos.

Assim, foi já distribuído o documento contendo o Relatório e Contas relativo ao último exercício que, este ano, vem acompanhado, em separata, de uma concisa e interessante análise da conjuntura económica nacional no ano de 1972 elaborada pelo Gabinete de Estudos Económicos daquele Banco.

No Relatório do Conselho de Administração enquadra-se a situação e evolução do Banco na atmosfera dos acontecimentos económicos internacionais e nacionais que, em 1972, mais directamente influiram na actividade bancária e sobre os quais são feitos, em síntese, alguns comentários.

De entre os acontecimentos mundiais que, sob o ponto de vista da banca, mais significativos se mostraram para o nosso País, salientam-se os que se referem aos movimentos de integração económica europeia, nomeadamente o alargamento da CEE onde Portugal coloca mais de metade das suas exportações, e à instabilidade do sistema monetário internacional.

No tocante à economia nacional, destacam-se quatro aspectos da maior importância. Em primeiro lugar o acordo de comércio entre Portugal e o Mercado Comum que, como se afirma no Relatório, irá sujeitar a economia portuguesa a um confronto progressivo, em bases de competitividade internacional, com a concorrência estrangeira.

Relativamente às relações económico-financeiras entre a Metrópole e o Ultramar manifesta-se a esperança num incremento continuado das mesmas, tendo em conta o novo regime dos pagamentos das transacções interterritoriais.

Seguidamente tecem-se pertinentes comentários sobre o problema da inflação aludindo-se às medidas tomadas para a combater e salientando-se a esperança de que a política anti-inflacionista, tendo em conta o fenómeno da insuficiência da oferta de bens e serviços existente entre nós, se oriente consequentemente no sentido de um maior estímulo ao investimento produtivo.

Por fim, foca-se a dinamização do mercado de capitais bem manifesta nos elevados níveis atingidos pela emissões de acções e pelas cotações e volume de títulos transaccionados na Bolsa. Prevê-se o prosseguimento da expansão do mercado dos valores mobiliários dada a existência de excedentes de fundos disponíveis e ainda porque se considera essa expansão como condição indispensável a um desenvolvimento mais acelerado da economia portuguesa.

Entrando de seguida na análise do sector bancário, o Relatório alude ao excesso de liquidez verificado no ano passado e às resoluções tomadas pelas autoridades para o absorver nomeadamente à elevação das taxas mínimas de liquidez dos Bancos Comerciais e ao aumento da taxa de desconto do Banco de Portugal. Por outro lado, lembrando as consequências do acordo entre Portugal e a CEE destaca-se a necessidade de se promover a intensificação da formação de capital, para o que se afigura indispensável a revisão urgente dos sistemas de crédito a médio prazo e do crédito à exportação nacional no sentido de ampliar os estímulos às aplicações da banca comercial em investimentos produtivos.

Refere-se ainda em especial o aumento quase geral que se verificou nos capitais próprios dos bancos que, assim, procuram harmonizar mais adequadamente os recursos próprios e alheios face ao crescimento verificado dos depósitos à sua guarda.

No que respeita à cobertura bancária do País, manifesta-se o desejo de que a mesma, mercê de uma planificação adequada, sirva para proporcionar um melhor apoio regionalizado aos diferentes sectores da actividade económica.

Destaca-se a colaboração que se vem a intensificar a nível gremial no sentido do estabelecimento de critérios mais exigentes de racionalidade económica e, simultaneamente, de melhoria global dos serviços prestados.

Menciona-se o interesse com que a Administração vem seguindo o desenrolar das negociações para a revisão do Contrato Colectivo de Trabalho e para a criação da Caixa de Previdência do Pessoal Bancário, salientando, a propósito, a necessidade de ser considerada uma nova estrutura de taxas de juros das operações activas e passivas que permita aos bancos fazer face aos crescentes encargos com que se debatem.

Centrando seguidamente a sua atenção sobre a actividade do Banco Totta & Açores, o Relatório assinala a modernidade de processos de gestão adoptados, a nova estrutura de serviços implantada ao longo do ano, assentando no planeamento a longo prazo das acções a desenvolver, e caracterizando-se por uma óptica de marketing que visa, fundamentalmente, dar plena satisfação às necessidades e exigências dos Clientes do Banco.

Alude-se concretamente à criação de um departamento especializado nos diferentes aspectos do mercado financeiro, à nomeação de gestores de crédito sectoriais visando um melhor conhecimento e satisfação das necessidades peculiares de cada sector de actividade económica, ao prosseguimento da execução do tratamento electrónico da informação e às intensas acções de formação profissional do pessoal, a todos os níveis, na intenção de alcançar uma melhoria da produtividade e maior eficiência dos serviços.

Referindo-se seguidamente à expansão geográfica do Banco, o Relatório recorda a abertura, durante 1972, de seis novas Agências (prevendo-se para breve a inauguração de outras tantas) e de novas instalações em localidades onde o Banco já estava instalado. Por outro lado, a cobertura do espaço económico português mereceu especial atenção tendo-se intensificado as relações com os Bancos associados Totta-Standart de Angola e Standart Totta de Moçambique, que registaram assinalável expansão, e vindo-se a desenrolar, em conjunto com a Sociedade Financeira Portuguesa, negociações no sentido de ser fundado um novo Banco comercial com sede em Macau.

..Em 1972 o Banco Totta & Açores continuou a apoiar de forma criteriosa as actividades parabancárias a que está ligado — Sogestil, Sociedade de Gestão de Títulos, Sarl, administradora do Fundo de Investimentos para o Desenvolvimento Económico e Social (FIDES) e a Internacional Factors Portugal, Sarl.

Também durante o ano transacto se desenvolveram as actividades do Banco no sentido de acompanhar a intensificação das relações económicas internacionais. Manteve-se a ligação com a sociedade internacional Eurofinance na qual participam também alguns dos maiores bancos europeus, americanos e japoneses; intensificou-se a actividade exercida pelos Escritórios de representação do Banco em Londres e Caracas; e participou o Banco ainda na criação da International Mergers Service, entidade promotora de fusões e aquisições de empresas em todo o Mundo.

Especificamente no que respeita às operações bancárias, regista-se que os depósitos passaram de 16 milhões em 1971 para 20 milhões de contos em 1972. No mesmo período, o saldo de crédito concedido sob a forma de letras, livranças, warrants e extractos de facturas passou de 10 milhões e 300 mil contos para 13 milhões e 802 mil contos. Na doação de crédito houve grande preocupação em apoiar o investimento e as actividades exportadoras.

Foram pagos juros e comissões no montante de 584 723 contos. As despesas com o pessoal foram de 361 837 contos, ou seja, cerca de mil contos por dia. O Banco mantém ao seu serviço mais de 2 500 empregados. A carteira de títulos atinge 829.705 contos.

Os resultados líquidos cifraram-se em 80.347 contos, agora mais de harmonia com a dimensão e projecção alcançadas pelo Banco. No caso de ser aprovada a proposta de distribuição deste resultado, os capitais próprios do Banco elevar-se-ão a 1 234 500 contos, verificando-se assim um reforço dos referidos capitais no sentido da consolidação da estrutura financeira da instituição.

O Relatório termina com uma palavra de sentida homenagem à memória do Dr. Alexandre Pinto Basto, que foi Administrador e Vice-Presidente do antigo Banco Totta & Açores.

---

**O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Quadros, Penalva do Castelo — BEIRA-ALTA**

## Dizem os Leitores:

# "Provável aumento de preços agrícolas"

**De um nosso leitor, Alexandre Guimarães, recebemos a seguinte carta:**

«Depois de ter lido a notícia intitulada «Provável aumento dos produtos agrícolas» publicada no jornal de que V. Ex.ª é ilustre director, tomo a liberdade de apresentar algumas considerações sobre o conteúdo da mesma.

O eng.º Almeida não especifica se os preços dos artigos que citou, praticados em Portugal, em comparação com os de alguns países europeus, se referem aos de venda ao público, porque sendo assim, salvo melhor opinião, os do nosso País, estão longe de serem os mais baratos da Europa, por ter de se levar em conta que, nesses países, os ordenados são muito superiores aos de Portugal e a pequena diferença que para mais vigora neles, torna esses artigos mais em conta para o consumidor. E até seria de interesse que, entre os países citados, se tivesse feito referência aos da vizinha Espanha, por ela ser a Nação da Europa que, em relação aos ordenados, numa grande maioria dos preços, possui o custo de vida mais barato do continente europeu, como ainda no ano passado o afirmou uma escritora inglesa que viajou por todos eles e o sabe quem se desloca àquele país.

O eng.º Almeida afirma que no nosso País, referido há quase um ano — Abril de 1972 — quando parece que seria mais interessante ser em relação ao presente, 100 kg de azeite extra ou seja o de graduação até 5 décimos, era de 1962$50, o que corresponderia a 19$62 o litro. Ora o signatário consome esse azeite e paga-o presentemente a 34$00 ou a 35$00, o que equivale a 3400$00 ou 3500$00 por 100 litros. Na Espanha, esse azeite, com o máximo de 5 décimos de acidez, custa apenas 24$00 cada litro. E mesmo atendendo a que na Espanha, custa 55 pesetas, digamos 55$00 espanhóis, é preciso levar-se em conta que um simples guarda fiscal aufere o vencimento de 10 mil pesetas, 14 meses no ano, se não estou em erro, chega-se à conclusão de que esse azeite fica a um modesto funcionário espanhol muito mais em conta do que ao consumidor português.

Não está em causa a necessidade de serem aumentados os artigos que o eng.º Almeida apontou, devido às razões imperiosas que apresentou, mas à comparação feita entre os preços que vigoram em Portugal e nalguns países europeus, onde os ordenados são muito superiores aos nossos.

Tomando em consideração, a afirmação do eng.º Almeida de que em cerca de 35 anos, o preço do trigo apenas aumentou de 2$90 para 3$30 o quilo, está claro, que o custo do trigo e portanto do pão, seria aquele entre todos, que menos relutância haveria em ser aumentado, uma vez que como ele afirma, tudo tem aumentado assustadoramente e o preço do pão se conservou estacionário há muitos anos.

— N. R. — esclarecemos o nosso leitor de que a comparação dos preços de produtos agrícolas praticados em Portugal, não nos foi fornecida pelo eng. Almeida, mas sim é um resumo extraído de uma compilação, organizada através de elementos de Anuários e Estações Agrárias Internacionais.

# "Fantástico" infantil nas Janelas Verdes

**Uma visita ao Museu Nacional de Arte Antiga e a contemplação das «Tentações de Santo Antão», de Jerónimo Bosch, que acabava de ser restaurado, constituíram o ponto de partida. Os rapazes da escola primária de Benfica, impressionados pela pintura do «mestre», chamaram à imaginação os «monstros» da vida quotidiana que os rodeia: a violência, a guerra, a morte. Daí a exprimirem no papel, em traços e tintas as suas impressões, foi só o tempo necessário na escola, onde a professora lhes deu todo o estímulo.**

**O resultado desse trabalho ou o fantástico ao nível da criatividade da criança está patente, a partir das 15 horas de hoje, no Museu Nacional de Arte Antiga, numa exposição colectiva que tem o apoio do Serviço Educativo daquele estabelecimento. Mas, como não se pretende que o visitante seja um espectador passivo, há telas, pincéis e tinta à espera de todas as manifestações — «artísticas», de ensaio, ou de simples «escape».**

**A exposição e o «atelier» ficam logo à entrada do museu, na sala que dá para a rua das Janelas Verdes e talvez sejam um bom pretexto para uma visita...**


CHEGARAM

As novas colecções de toalhas de mesa estampadas em padrões originais e felizes combinações de cores.

Tecidos para camisas de noite e robes de Verão, lisos e estampados, das colecções suíças e italianas de 73.

Panos estampados em desenhos novos coloridos ousados e moderníssimos.

Tecidos para roupões de praia em diversas qualidades e cores.

Lavores Femininos

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 3-D

LAVORES

RUA AUREA, 179



INDICADORES DE CIVILIZAÇÃO

Humanismo clássico ou moderno?
Há uma verdadeira e uma falsa actualidade?
Porque há radicais e convencionais?
Porque está em crise a autoridade?
Revolução ou Restauração?
Que significa acertar a mentalidade?
Terá o homem de regressar às origens?
Que é o Mundo em prospecção?
Foi devidamente posto no Vaticano II
o problema da cultura?

Manuel Antunes,
professor de História da Cultura Clássica
da Faculdade de Letras
na Universidade de Lisboa,
põe neste livro de extrema actualidade
estas e outras questões importantes.

DOCUMENTOS PARA O NOSSO TEMPO
304 páginas. 85$00
verbo edições melhores

DL/ESTRANGEIRO

# Equipamento de espionagem num avião americano atacado por mirages líbios

WASHINGTON, 22 — (R.) — Os Estados Unidos aguardam hoje uma explicação da Líbia acerca de um ataque desencadeado por dois dos seus caças Mirage contra um avião de transporte americano, que se anunciou estar equipado com aparelhagem electrónica para operação de espionagem, mas que não se achava armado.

Foi aberto fogo contra o transporte C-130 quando sobrevoava ontem o Mediterrâneo — comunicou o Departamento do Estado. Achava-se, na altura, a 83 milhas ao largo da costa da Líbia.

Protestos enérgicos foram apresentados em Washington e Tripoli. «Estamos a exigir que se proceda a uma investigação e que se dêem explicações acerca deste incidente imperdoável» — disse o informador daquele departamento, Charles Bray.

Acentuou que o avião operava sobre águas internacionais e em espaço aéreo internacional.

O C-130 afastou-se, após ser atacado, e fugiu a coberto de um banco de nuvens. Não foi atingido e aterrou mais tarde em Atenas, donde descolara antes.

Bray declarou que o pesado C-130, accionado a hélice, efectuava uma missão militar, mas recusou-se a fornecer pormenores.

Notícias que circulam nesta capital dizem que o avião era um dos denominados «Elint», abreviatura de «Electronic Intelligence» (espionagem electrónica), aparelhos que voam perto de outros países e tentam pôr em funcionamento o seu radar.

Transmissões de rádio são, então, gravadas por equipamento sensível.

Tais voos são efectuados em várias áreas, muito ao largo das costas do país que está a ser captado — acrescentavam essas notícias.

Numa atitude que sublinhava a severidade da reacção dos Estados Unidos, o secretário de Estado William Rogers entregou pessoalmente no seu departamento a nota americana de protesto ao encarregado de negócios líbio em Washington, Muharram Ben Mousa.

O encarregado americano em Tripoli apresentou um protesto igualmente enérgico ao Governo líbio.

Funcionários asseveraram que não teria havido a mínima possibilidade de engano de identidade, levando os pilotos líbios a julgar que estavam a disparar contra um avião israelita.

Anunciou-se que jactos líbios começaram a realizar patrulhas muito ao largo da costa do país a seguir ao derrube, no mês passado, de um avião de passageiros líbio por jactos israelitas, após se ter desviado da sua rota e sobrevoado o deserto do Sinai, ocupado por Israel.

A tensão no Médio Oriente — sempre alta — nunca esteve mais perto do ponto de fricção do que a seguir a esse incidente.

**«Escalada da loucura»**

NOVA IORQUE, 22 — (UPI-ANI) — «Se a notícia for exacta, o ataque representa uma nova e perigosa escalada da loucura no Médio Oriente» — afirma hoje «The New York Times», num editorial consagrado à notícia de que um avião militar norte-americano foi atacado por caças líbios.

«O ataque — acrescenta — «elevaria também ao nível de política nacional aberta o bruto terrorismo que o dirigente fanático da Líbia, coronel Muammar Gaddafi, até agora tem praticado apenas por correspondência, por intermédio dos extremistas palestinianos cuja causa ele tornou sua».

## Naves espaciais há 2600 anos?

HUNTSVILLE (ALABAMA), 22 — (UPI e ANI) — Um engenheiro da agência espacial norte-americana, Joseph Blumrich, declarou acreditar que o profeta Ezequiel viu atrerrar uma nave espacial, há 2 600 anos.

Blumrich, que está a estudar a descrição feita pelo profeta no Antigo Testamento, afirmou parecer que um grande fogetão, com quatro pás de helicóptero, aterrou, vindo de uma nave-mãe, que se encontrava em órbita terrestre.

O engenheiro declarou que está há três anos a estudar o Livro de Ezequiel, para ver se o profeta é ou não digno de crédito e «cheguei à xonclusão de que na verdade o profeta viu qualquer coisa daquele género».

A descrição de Ezequiel, contida no primeiro capítulo do seu livro, afirma: «Um remoinho de vento veio do Norte e à sua volta havia uma grande nuvem, uma chama que se desdobrava e uma grande claridade».

Blumrich afirma acreditar que o foguetão era em forma de cone, tendo os lados côncavos, e que desceu, travando primeiro por meio de foguetões e utilizando quatro pás tara a aterragem final.

O livro não tenta conhecer as origens da nave pois isso seria um problema demasiado grande. Blumrich afirma: «Estou a tentar provar que «eles» estiveram aqui. Sei perfeitamente que, segundo os nossos conhecimentos actuais, isso é praticamente impossível. Teriam que ter vindo de fora do sistema solar».

## Terceiro veto dos EUA no Conselho de Segurança

CIDADE DO PANAMÁ, 22 (R.) — A primeira sessão do Conselho de Segurança realizada na América Latina terminou ontem à noite em desacordo e com recriminações depois dos Estados Unidos terem vetado uma moção que pedia a elaboração urgente de um novo tratado sobre o Canal do Panamá.

Esta foi a terceira vez na história da ONU que os Estados Unidos utilizaram o veto para impedirem a aprovação de uma moção no Conselho de Segurança. A Grã-Bretanha absteve-se e todos os outros 13 países membros votaram a favor.

O ministro dos Negócios Estrangeiros panamiano, Juan Antonio Tack, avisou, no entanto, que voltará a alevantar o problema do Canal, tanto no Conselho de Segurança, como na Assembleia Geral da ONU.

«Os Estados Unidos vetaram a moção que apoiava a causa panamiana, mas o resto do mundo vetou os Estados Unidos» — disse Tack.

Mais tarde, ao ser posta à votação uma segunda moção pedindo aos países membros para controlarem as actividades das grandes empresas internacionais «que delibegaradamente procuram exercer coacção sobre os países latino-americanos», os Estados Unidos abstiveram-se, sendo acompanhados pela França e pela Grã-Bretanha, pelo que a moção foi aprovada por doze votos a favor e nenhum contra.

O debate sobre a zona do Canal, administrada pelos Estados Unidos a título perpétuo, dominou toda a sessão do Conselho de Segurança, que foi inaugurada com um discurso do Chefe de Estado panamiano, general Omar Torrijos, o qual pediu a revogação do Tratado de 1903 e a sua substituição por outro que reconheça a soberania do Panamá sobre todo o território.

Mais tarde, o ministro Juan Tack condenaria a presença americana, classificando a zona do Canal como enclave colonial que corta o país ao meio, e disse que os Estados Unidos retiram mais benefícios económicos, militares e políticos do seu domínio sobre o Canal do que o auxílio económico que prestam ao Panamá.

Ao explicar o motivo que o levava a empregar o veto contra a moção, o embaixador americano John Scali salientou que o seu Governo estava pronto «a reconhecer as justas aspirações da República do Panamá» e a entrar em negociações sobre um novo tratado. No entanto, disse não considerar construtiva a intervenção do Conselho por oito países era «tendenciosa e incompleta e portanto susceptível de mas interpretações».

## Reunião da OPEP sobre preços mais altos para o petróleo

F)BEIRUTEM; »» — A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) marcou para hoje uma reunião destinada a elaborar estratégia conjunta para exigir preços mais altos pelo seu petfleo.

Ministros dos onze países da OPEP — que fornecem 80 por cento das exigências petrolíferas do mundo ocidental — convocaram a reunião por não estarem satisfeitos com a maquinaria que regula a revisão de preços em seguida a alterações monetárias, como a recente desvalorização do dólar norte-americano.

Apenas cinco países produtores de petróleo do Golfo Pérsico — Arábia Saudita, Iraque, Koweit, Qatar e Abu Dhabi — juntamente com a Líbia e a Nigéria, são signatários do acordo de Genebra, de 1972, que estipula o modo como os aumentos de preço são definidos na sequência de alterações monetárias.

Contudo, na reunião de hoje, estarão igualmente presentes o ministro venezuelano do Petróleo, Hugo Perez La Salvia, e um representante da Pérsia.

Nos círculos petrolíferos de Beirute afirma-se ser de esperar que os ministros elaborem novas propostas que serão apresentadas às companhias petrolíferas. Nos mesmos círculos acentua-se que o actual sistema de reajustamento de preços não é de molde a satisfazer em situações monetárias tão caóticas como as que recentemente se registaram.

## POLÍCIA EM GREVE ATACADA NA ARGENTINA

LA PLATA (Argentina), 22 (UPI-ANI) — O Exército utilizou tanques e morteiros numa batalha que travou, ontem à noite, com polícias em greve, que se tinham entrincheirado no seu quartel general. Um comunicado do Exército anuncia que um soldado foi morto e outro ferido. Em círculos da polícia afirma-se que dois agentes foram mortos e quatro ficaram feridos.

## Aldeias da Tanzânia bombardeadas pelo Burundi: trinta e seis mortos

DAR-ES-SALAAN, 22 (R.) — A Tanzânia apresentou um enérgico protesto ao Burundi por causa do bombardeamento de três aldeias do país, em consequência do qual se afirma que perderam a vida 36 pessoas. Um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros sobre o incidente dizia: «Aviões militares do Burundi violaram o espaço aéreo tanzaniano e bombardearam as aldeias de Kakunga, Kibuti e Mubazari, na parte norte do distrito de Kigoma».

Observadores notaram que a área ao norte de Kigorna é acidentada e montanhosa e afirmaram que era frequentemente difícil saber exactamente onde passa a fronteira entre os dois países. Conjecturavam ainda que o bombardeamento, que ocorreu na quinta-feira passada, poderá ter sido devido a um erro por parte de forças do Burundi empenhadas em operações de segurança interna.

As relações entre a Tanzânia e o Burundi têm sido, geralmente, boas, e os presidentes dos dois países encontraram-se em Agosto para conversações privadas que, segundo se julga, incluíram um estudo do caso de cerca de 20.000 refugiados burundis, que fugiram para a Tanzânia a seguir as desordens que se registaram no seu país.

O comunicado do Ministério dizia ainda que 28 dos 36 mortos eram refugiados do Burundi, e os outros tanzanianos. Mais 16 pessoas ficaram feridas e casas e outras propriedades foram destruídas. Não fornecia detalhes dos ataques nem do tipo de aviões que tinham sido utilizados, mas observadores afirmaram que o equipamento da Força Aérea do Burundi incluía, ao que se pensava, helicópteros franceses Alouette e aviões DC-3.

As aludidas desordens internas do Burundi ocorreram após uma tentativa de golpe de Estado, em fins de Abril, que se anunciou ter sido seguida por uma operação de socorro, por causa do afluxo de refugiados que atravessavam a fronteira.

O embaixador do Burundi em Dar-Es-Salam recusou-se ontem a comentar a acusação da Tanzânia.

## CALEIDOSCÓPIO

**SAMMY DAVIS AJUDA OS ÍNDIOS** — Sammy Davis Junior pagou ontem 5 900 dólares (cerca de 147 contos) de fiança por alguns índios americanos presos quando tentavam levar abastecimentos aos seus irmãos de raça, cercados na localidade de Wounded Knee, no Dakota do Sul. Sammy Davis Junior, que está presentemente a actuar em Las Vegas, não apareceu no tribunal. «Não desejo transformar isto num circo» — disse a jornalistas. Foi o seu advogado que entregou o dinheiro. (R).

**RETIRAR E NEGOCIAR** — As tropas do Iraque têm de abandonar o território do Koweit antes de se realizarem quaisquer negociações — declarou o ministro dos Negócios Estrangeiros do Koweit, Sahab Al Jaber, em entrevista ao diário de Beirute «An Nahar». «Seja em que circunstâncias fôr, não permitiremos a ocupação ou separação de qualquer parte do nosso território, e não ficaremos de braços cruzados» — acrescentou. (UPI e ANI).

**HOMENS-RÃS NUMA MINA** — Homens-rãs juntaram-se às equipas de socorro na tentativa de salvar sete mineiros desaparecidos em virtude de se ter inundado o túnel da mina de carvão em que trabalhavam, em Wakefield, Inglaterra. Há a esperança de que os sete tenham alcançado uma bolsa de ar. Se assim fôr, poderão sobreviver quarenta e oito horas, ou seja: até às 18 horas do dia de hoje. No túnel encontravam-se 32 homens, mas 25 conseguiram escapar. (UPI e ANI).

**CONDIÇÕES AMERICANAS** — Os Estados Unidos afirmaram que concluirão a retirada das suas tropas do Vietname do Sul na próxima quarta-feira, se todos os 146 prisioneiros de guerra americanos, ainda cativos do Vietname do Norte, do Vietcong e do Pathet Lao forem libertados, segundo o calendário do acordo de cessar-fogo de Paris. Funcionários americanos disseram que isso fora estipulado numa carta do major-general Gilbert Woodward, principal delegado americano junto da Comissão Militar Conjunta, aos seus colegas norte-vietnamitas e do Vietcong. (R).

**CRÉDITOS À U.R.S.S.** — Foi hoje assinado oficialmente em Washington o acordo de concessão de créditos americanos à U.R.S.S., num montante superior a 200 milhões de dólares. Rubricaram o documento o vice-ministro do Comércio Externo soviético e o primeiro vice-presidente do Banco Governamental Americano. (FP).

**MARROCOS CONTRA A ESPANHA** — O ministro marroquino dos Negócios Estrangeiros, Ahmed Taibi Benhima, declarou numa carta dirigida ao secretário-geral das Nações Unidas, dr. Kurt Waldheim, que a Espanha não está a cumprir as suas obrigações para com o Saara espanhol, nem as resoluções da Assembleia Geral, ao tentar manter o seu domínio sobre o território. (UPI e ANI).

**SILÊNCIO DO I.R.A.** — Os militantes do I.R.A ainda não se pronunciaram sobre as propostas apresentadas pelo Governo britânico no seu «livro branco», mas uma importante organização católica dirigiu um apelo aos «provisórios». Para que declarem publicamente o cessar-fogo imediato, ao fim de se criarem as condições propícias à sua aplicação. Ontem, os dirigentes protestantes manifestaram a sua total rejeição das propostas britânicas, que visam dar à minoria católica maior representatividade no Parlamento e participação no Governo da Irlanda do Norte. (R).

DL/ESTRANGEIRO

# Washington pede rapidez na reforma do sistema monetário internacional

WASHINGTON, 22 (R.) — Os Estados Unidos vão insistir em que se aja com rapidez quanto a reformas monetárias durante uma conferência de dois dias, que começa hoje nesta capital, sobre uma revisão geral do sistema monetário internacional.

Círculos monetários de Washington preveniram das intenções dos Estados Unidos quando peritos mundiais se reuniram para assistir à sessão da comissão de 20 deputados — técnicos de bancos centrais e do Ministério das Finanças, que estabelecerão as bases para a planeada revisão geral.

A comissão, representando os 125 membros do Fundo Monetário Internacional, apresentará um relatório numa sessão, a nível ministerial, da comissão dos 20, a efectuar na próxima semana e que traçará a forma futura de um sistema monetário mundial.

As discussões nesta capital são as primeiras conversações úteis sobre questões de reforma, desde que as crises monetárias tiveram como consequência uma desvalorização de 10 por cento do dólar americano, em 12 de Fevereiro, e o acordo de Paris, firmado na sexta-feira passada por sete países europeus e destinado a permitir que as suas moedas flutuem conjuntamente contra o dólar.

Círculos monetários declararam que os Estados Unidos tencionavam sugerir que certas questões de reforma — possìvelmente ajustamento da balança de pagamentos e fluxos de dinheiro de um país para outro — deveriam ser apreciadas por grupos de estudo em vez de por toda a comissão.

Funcionários da Tesouraria dos Estados Unidos indicaram já julgar que a comissão, constituída por conselheiros e observadores, num total de 200 pessoas, não é o foro apropriado para uma resolução rápida de reformas.

Crêem que grupos de estudo mais pequenos poderiam ser mais úteis para discussões construtivas sobre muitos dos difíceis problemas que poderiam surgir durante as demoradas horas de debate num foro muito mais vasto.

Aguardava-se que a iniciativa americana tivesse um acolhimento simpático por parte do presidente da comissão, o antigo director executivo do Banco de Inglaterra, Jeremy Morse, a seguir a discussões sobre documentos de posição apresentados individualmente por representantes em sessão plenária da comissão.

### A DOENÇA ALASTRA EM WALL STREET

NOVA IORQUE, 22 (F. P.) — A doença crónica de Wall Street continua a alastrar: ontem os valores americanos tiveram uma queda importante, depois de ligeira melhoria no começo da sessão. O índice dos 30 mauores valores industriais perdeu onze pontos. Em cinco sessões consecutivas, a queda foi de 40 pontos.

Outro achaque ataca o mercado dos valores: o juro que não pára de subir. Na segunda-feira a maior parte dos bancos americanos aumentou de 6,5 por cento para 6,75 por cento a taxa de juro privilegiado. O Governo tem-se oposto sempre à subida desta taxa, pelo que os bancos terão que explicar porque a aumentaram.

**Herald Miller (à direita), um rico negociante americano, de 35 anos foi acusado de comprar uma rapariga de 12 anos, com quem — segundo se disse — pretendia casar, Miller e os pais da criança — os vendedores foram pronunciados. (Telefoto upi-Telimprensa-DL)**

## Venderam a filha

JOLIET (ILINOS), 22 — (FP) — O tribunal desta cidade pronunciou na terça-feira um motorista de taxi dos arredores de Chicago, Fred Flynn, e sua mulher, Rita, por haverem vendido sua filha de 12 anos por 30000 dólares.

O casal aguardará julgamento em liberdade provisória caucionada.

Diz o agente que orientou o inquérito que Flyn e sua mulher, que receberam os 30000 dólares na semana passada, não tardaram a estafar o dinheiro, só lhes restando 230 dólares quando foram presos na terça-feira. Tinham comprado um automóvel e mobilado inteiramente de novo sua casa.

O comprador, um tal Herold Miller, de 35 anos, também morador nos arredores de Chicago, foi pronunciado por cumplicidade num contrato de venda ilícito.

A rapariga foi metida num orfanato, onde aguardará que seja tomada uma decisão a seu respeito.

## Violentas desordens em Reggio-Calábria

REGGIO CALABRIA (ITÁLIA), 22 — (R.) — Esta cidade do sul da Itália voltou ontem à noite a ser agitada por violentas desordens que se prolongaram por cinco horas e recordaram o estado de revolta que começou em 1970 e durou oito meses.

Tudo teve início então quando o Governo italiano decidiu reconhecer a cidade de Catanzaro como capital da província de Calabria em vez de Reggio. O movimento de protesto contra essa decisão foi encabeçado pelo Partido Neofascista MSI e só foi dominado meses depois com a vinda de reforços maciços de carabineiros, apoiados por carros blindados.

Ontem à noite a população de Reggio veio para as ruas protestar contra o facto do Senado ter rejeitado o recurso interposto contra a decisão anterior.

Onze pessoas foram presas e há vários feridos.

A rejeição pelo Senado do recurso interposto verificou-se durante o debate de uma moção apresentada pelo senador Ciccio Franco, do Partido Neofascista, que representa Reggio.

O conselho municipal da cidade, embora apelando para a calma, dá o seu inteiro apoio às reivindicações apresentadas pelo senador Franco,

### INTERNATO DE ESPECIALIDADES PARA MÉDICOS

Está aberto concurso de provas documentais, baseadas em elementos do **curriculum** dos candidatos, para admissão ao internato de especialidades dos médicos, que tendo terminado com aproveitamento a frequência do internato de policlínica, foram aprovados no exame final respectivo em 8 de Janeiro último.

O número de vagas postas a concurso, por especialidade ou ramo e para cada hospital consta lista anexa a este aviso no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 69).

## A reeleição de Svoboda parece assegurada

PRAGA, 22 (R.) — Parece que o presidente Ludvik Svoboda tem assegurada a reeleição para um novo mandato de cinco anos, pondo-se, assim, termo a meses de especulação ácerca do seu possível sucessor. O chefe de estado que tem 77 anos, era o único candidato no escrutínio secreto efectuado esta manhã na Assembleia Federal.

A sua reeleição é uma conclusão prevista, a seguir à aprovação pela Comissão Central do Partido Comunista e da Frente Nacional Checoslovaca, a organização dominada pelos comunistas, que serve de cobertura a outros partidos políticos e organismos sociais. Deputados comunistas da Assembleia Federal de 350 membros votaram, também, a favor de Svoboda, ao escolherem o sétimo presidente do país.

O presidente Svoboda foi eleito em 30 de Março de 1968, durante a era liberal de Alexander Dubcek, a seguir à demissão de Antonin Novotny, comunista da «linha dura».

O cargo de presidente, na Checoslováquia, é, geralmente, decorativo, pois quem tem as rédeas do poder são o Presídio do Partido Comunista, o Governo e a Assembleia Federal. Contudo, Svoboda foi sempre uma figura popular no país, sendo um herói da União Soviética e de duas guerras mundiais.

## Droga nos EUA: a principal ameaça é o alcoolismo

WASHINGTON, 22 (F.P.) — A comissão federal da luta contra a droga entregou hoje ao Congresso e à Casa Branca um relatório de 482 páginas, dos seus trabalhos. Para os seus 13 membros (nove nomeados pelo presidente Nixon, dois pela Câmara dos Representantes e dois pelo Senado) a ameaça essencial que paira sobre o povo americano é o alcoolismo. A este segue-se a heroína. Repetindo as suas recomendações do ano passado acerca da marijuana, a comissão diz que esta é relativamente inofensiva sendo de aconselhar que se «descriminalize».

Entendendo que os esforços do Governo no combate à droga longe de alcançarem os seus objectivos, levam pelo contrário a aumentar o seu uso, a comissão ataca em particular o que chama «o complexo industrial da burocracia antidroga», ou seja, o conjunto das instituições federais que actualmente gastam cerca de um bilião de dólares por ano em programas de luta contra a droga. Para justificarem a existência desses programas — diz a comissão —, as repartições federais têm de demonstrar simultâneamente que a acção é eficaz e que o problema continua a subsistir.


**CIDÁLIA MEIRELES**

**MISSA DO 6.º MÊS**

Eng.º WALDIRIO MORITZ participa a todas as pessoas de suas relações e amizade, que amanhã, dia 23, pelas 12 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Altar-Mór, será rezada missa por alma da sua querida mulher, agradecendo a todos que se dignem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO
Telef. 48258

**SUZANNE SIMULIN**

**FALECEU**

Charles Simulin tem a dor de participar o falecimento da sua querida esposa e de informar que a missa de corpo presente será celebrada amanhã, Sexta-feira, às 11 horas, na Igreja São Luís dos Franceses, Rua Portas de Santo Antão. A inumação seguirá para o cemitério de Queluz, amanhã, às 12 horas.

AGÊNCIA MARTINS — Telef. 57528

**SUZANNE SIMULIN**

**Charles Simulin a la douleur de vous faire part du décés de sa chére femme et de porter à votre connaissance que la messe du corps présent sera célebrée demain Vendredi à 11 heures à l'Eglise de Saint Louis des Français, Rua Portas de Santo Antão. L'inhumation se suivra au cemitiére de Queluz, demain, à 12 heures.**

AGÊNCIA MARTINS — Telef. 57528

**ENGENHEIRO**

**CARLOS SANTOS**

**MISSA DO 30.º DIA**

Sua família participa que será rezada missa por sua Alma, amanhã sexta-feira, pelas 18,30 horas, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir, o mesmo fazendo a todas aquelas que, pessoalmente ou por escrito, se lhe dirigiram e a quem não é possível agradecer directamente por desconhecimento de moradas.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

## CLARAS – TRANSPORTES, S. A. R. L.

**Sede em: TORRES NOVAS**

## AVISO

Avisam-se os nossos estimados clientes que, «**a partir de 1 de Abril Próximo**», todos os nossos serviços de transportes, que em Lisboa se encontram instalados na Rua Cidade de Liverpool, passarão para a

**AVENIDA CASAL RIBEIRO, N.os 18 A 24**

novas instalações da Empresa.

**Torres Novas, 6 de Março de 1973**

**A ADMINISTRAÇÃO**



**INDÚSTRIAS CAMBOURNAC**

Das nossas fábricas directamente ao público

A bem da sua economia consulte-nos

## FIOS PARA TRICOT

Em defesa da sua comodidade utilize a nossa Frota Automóvel que, gratuitamente, transportará as encomendas a sua casa.

**Descontos especiais às tricotadeiras**

FILIAIS E DEPÓSITOS

**Largo da Anunciada, 11 - T. 326415**

**Av. Almirante Reis, 28-B - T. 833811**

**LISBOA**



## EXCURSÕES CP

**SERRA DA ESTRELA**

**A FASCINAÇÃO DA NEVE...**

**Fins-de-semana em 17/18 e 24/25 de Março**

* **Sábado** - Partida de Lisboa (St.ª Apolónia) no «rápido» às 8.45, em 1.ª classe. Chegada a Coimbra-B às 11.20.

* Itinerário de autocarro com guia, através dos pontos mais belos da Serra: Penhas da Saúde, Nave, Garganta do Zêzere, Penhas Douradas, etc. Alojamento em Hotel de 1.ª classe (Guarda) e refeições na Pousada de Santa Bárbara e em Manteigas.

* **Domingo** - Partida de Coimbra-B no «rápido» às 20.38. Chegada a Lisboa (St.ª Apolónia) às 23.05.

**PREÇOS POR PESSOA**

| | |
|---|---|
| De LISBOA | 690$00 |
| PORTO | 620$00 |
| Santarém | 660$00 |
| Entroncamento | 640$00 |
| Setúbal | 710$00 |
| Évora/Beja | 800$00 |
| Faro/Lagos | 890$00 |

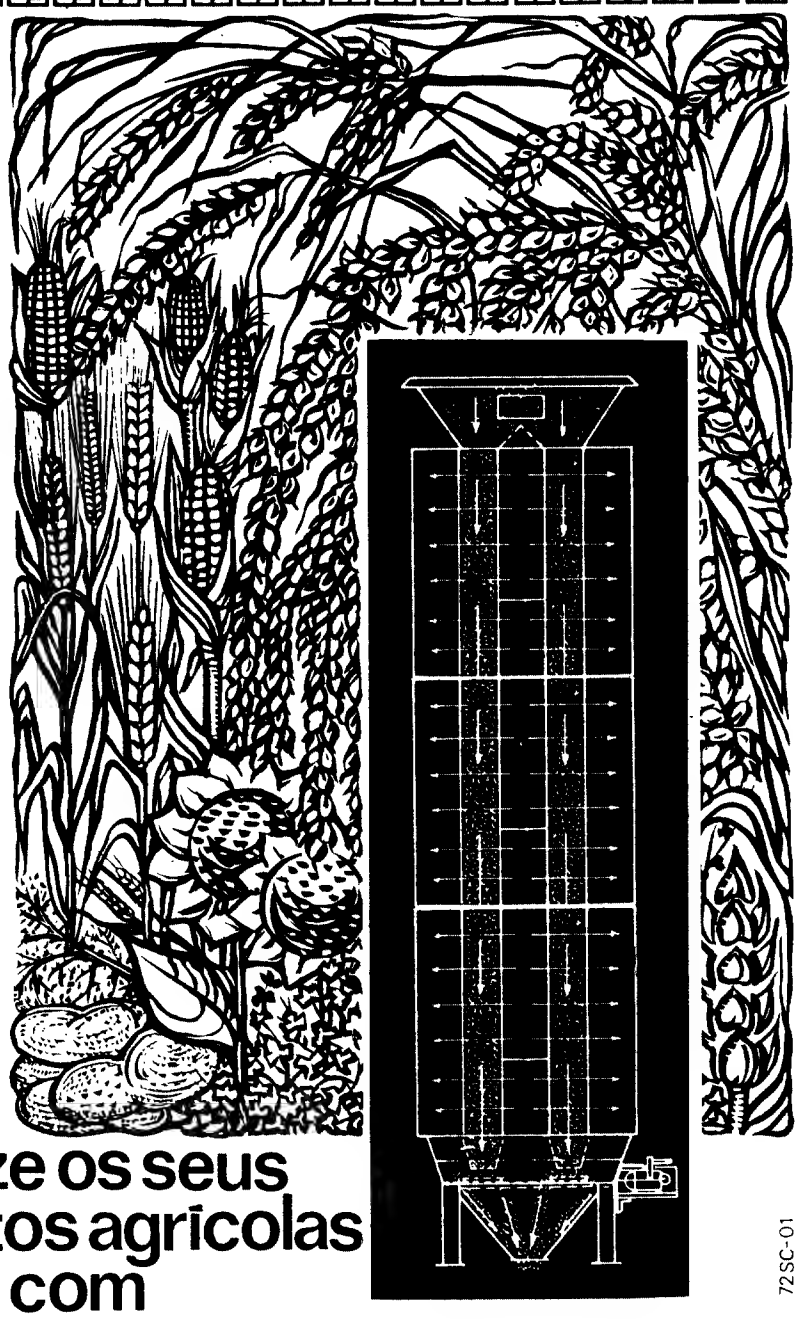
REDUÇÃO PARA CRIANÇAS E PARA GRUPOS DE 10 OU MAIS PESSOAS

**Informações e folhetos descritivos:**

Estação de Lisboa-Rossio.
Estação de Santa Apolónia.
Rua do Arsenal, 124-1.º-Lisboa.
Organização Tel. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS





## valorize os seus produtos agrícolas com SECADORES PARA CEREAIS

Entregando-os em óptimas condições ou armazenando-os com a garantia de não ter quebras futuras.

VERTICAIS: (tipo cascata) para todos os cereais.
HORIZONTAIS: para forragem e cereais.

Características: 1-POLIVALENTES • 2-MANIPULAÇÃO, CONTROLE DE TEMPERATURA E HUMIDADE RELATIVA AUTOMÁTICA • 3-SECAGEM UNIFORME • 4-FÁCILMENTE ACRESCIDOS COM ADIÇÃO DE UNIDADES BASES, VERTICAL OU HORIZONTALMENTE • 5-BAIXOS CONSUMOS • 6-ECONÓMICOS EM MÃO DE OBRA • 7-QUEIMADORES UTILIZANDO DIVERSOS MATERIAIS DE QUEIMA • 8-COM CÂMARAS PARA ARREFECIMENTO.

NA NOSSA VASTA GAMA ENCONTRARÁ TAMBÉM DESIDRATADORES DE PRODUTOS HORTÍCOLAS, SAL, ETC..

**J.J.GONÇALVES, SUCRS. C.J.S.A.R.L.** ao serviço da lavoura

**DIVISÃO AGRÍCOLA** – AZINHAGA DOS LAMEIROS - ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR - LISBOA-4

TEL. 79 40 95-96-97-98

72SC-01

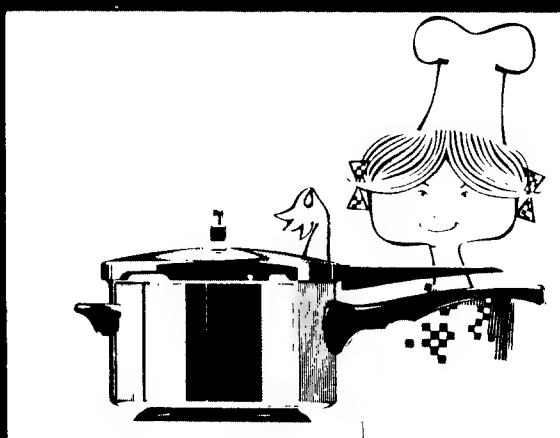


**cozinhar com**

# DUROmatic

**é simples e rápido**

MANEJO FACILIMO
TRIPLA SEGURANÇA
GRANDE ECONOMIA DE TEMPO



se uma criança pode, sem qualquer perigo, cozinhar com a panela de pressão DUROmatic, todas as donas de casa podem também fazê-lo.

**Mesmo que pratique um erro de manejo, nenhum perigo haverá.**

Como as vitaminas, os sais nutritivos e o aroma subsistem graças ao tempo reduzido do cozimento, (5 vezes mais rápido que nas panelas vulgares), os alimentos são melhores, mais substanciais, mais saborosos e dum gosto mais requintado.

**Peça uma DUROmatic no seu fornecedor de electrodomésticos.**

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
SOC. DE REPRESENTAÇÕES SIDA SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44, 48 LISBOA



**EXPORT THE GOOD THINGS OF PORTUGAL TO DEPARTMENT STORES ALL OVER THE WORLD AND GIVE YOURSELF AN EXTRA INCOME.**

May we send you (free of charge) a 16-page booklet that shows how you can start a small Export/Import Agency that works entirely through the post, without risk or investment, in your spare time?

A. WADE (CONSULTANTS) LTD.
Dpt/4, Rylstone, Holdershill Crescent,
LONDON NW4 1NB


# Direcção Geral de Segurança

. Foram concedidas ao sr. Alvaro Marques da Costa Fernandes, subinspector do quadro único da Direcção-Geral de Segurança as medalhas de segurança pública, de comportamento exemplar, de ouro, e de assiduidade, de prata, com duas estrelas, correspondentes aos vinte e cinco anos de serviço efectivo prestado ao referido organismo, respectivamente.

Foi, também concedida ao sr. Manuel de Jesus Parra Rodrigues, agente de 1.ª classe a medalha de segurança pública de assiduidade, de prata, com uma estrela, pelos dez anos de serviço efectivo ali prestado.

# Despachante em tribunal

PORTO, 21 — A Subdirectoria da Polícia Judiciária enviou aos juízes de instrução criminal o processo no qual três pessoas (um conhecido despachante oficial da Alfândega do Porto e dois seus empregados) são arguidas do furto de fios para a indústria têxtil, no valor de cerca de 400 contos.

Os acusados recolheram ao estabelecimento prisional do Porto.

# Presidente de Município processado

Foi concedida autorização para ser demandado criminalmente o sr. Domingos Cary Acciaioli de Sá Nogueira, presidente da Câmara Municipal do Crato, no processo que contra ele pende no tribunal judicial da comarca de Vila Franca de Xira, por infracção à letra do Código da Estrada.

# VETERINÁRIA

A Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias realiza amanhã uma sessão cientifica, na qual os drs. Armindo Rodrigues Filipe, Marcelino Sobral e Francisco Camacho Campaniço, apresentam uma comunicação subordinada ao título «Encefalomielite equina por Arbovirus (a propósito de uma epizootia presumptiva por virus Woest-Nile).


# CONHEÇA O ULTRAMAR

## CRUZEIROS AÉREOS A ANGOLA

**Promovidos e subsidiados pela AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR e pelo ESTADO DE ANGOLA.**

**— 3 a 18 de Junho.**
**— 8 a 23 de Julho.**

**15 dias em Angola, incluindo viagens, hotéis (pensão completa) e excursões — 11 500$00.**

**Inscreva-se IMEDIATAMENTE.**

**INFORMAÇÕES: Agência-Geral do Ultramar**
**Av. Ilha da Madeira — Lisboa**

## VITÓRIA DE SETÚBAL, 2- TOTTENHAM, 1

# UM CICLO FECHADO

Por NEVES DE SOUSA

Quando, em transe, uma parte do público do Bonfim gritava «Vitória, Vitória, Vitória», como que a encaminhar os seus rapazes para uma esteira de ouro, e a equipa que é menina dos seus olhos carrilava pelo relvado o arado em terreno chão, a sombra da eliminação pairou sobre o Tottenham, como asa negra e sem fulgor. É que, como nós vimos lá, como todos viram por cá e por lá, o Vitória teve o pássaro na gaiola e, infantilmente, abriu as redes para o segurar um nadinha perante as visitas. Daí ao erro, foi um passo: a ave sacudiu a plumagem e, com um verse te avias, deu às de vila-diogo.

Um belo sonho estragado.

Por culpa própria?

De amarelo-azul, os homens da neblina apresentaram o guarda-redes da selecção irlandesa, o defesa central de Gales e, ao lado dos também «internacionais» Peters e Chivers, uma dose de coriáceos tratadores de bola que não era brinquedo nenhum. Pois, para o despique, José Maria Pedroto apenas podia contar com rapazinhos de palmo e meio (Octávio, Jacinto João), «moçada» ainda inexperiente (Cardoso, Duda), gente já ultrapassada pelos acontecimentos e pelas folhas do calendário (Torres é o melhor exemplo). Apesar deste «handicap», o Vitória de Setúbal conseguiu, à custa de uma portentosa exibição do uruguaio Câmpora e do português Rebelo, do esforçadíssimo brasileiro e da atenta dupla defensiva central, do próprio dez reis de gente que é Octávio, equiparar os exércitos e partir à conquista do tesouro como grande senhor feudal.

### DIFERENÇA

Assistiu-se, ao longo de uma primeira parte de fritar os nervos, a «nuances» que colocavam em «polvorosa» a espinha dorsal de cada espectador. Por banda do Vitória, um regalo de bola rasteira, calibrada de pé para pé, doseada nas suas circunferências e sempre afagada no trato: como se de mulher bela e sensível se tratasse. Pelo lado britânico, em estilo de sacudir a água do capote: todo o «team» perturbado na sua fleuma, sarcasticamente amesquinhado pelos pigmeus a quem os hercúleos filhos de Albion tinham prometido a redução ao silêncio e ao zero.

Colocando junto à linha o esgrouviado Pearce e atirando para junto de Cardoso e Mendes com Gilream e Chivers, «mister» Nicholson deu folga a Peters para manobrar a estratégia de meio-campo. E, logo nos primeiros «raids» se adivinhou o belo toque de Chivers, a posição liberta de Knoles, o fogo fátuo dos carecas Coates e Gilream, as mãos-tenazes de Jennings. O tal que só conseguiremos bater se, em Coventry, na semana próxima, fizermos o contrário dos setubalenses: e, em vez de despejarmos do ar o couro para a prensa hidráulica daquelas mãos de lutador, arrojarmos a bolinha rente à relva, para o lado direito do maestro, realmente aquele a que ele não foi captar um só remate.

Porque, exactamente na falha de raciocínio dos dianteiros de Setúbal e, sobretudo, na espantosa falta de poder e de remate do veterano Torres, vamos encontrar as razões de uma derrota que, embora com sinal positivo, tem o acre sabor do fel e da cicuta.

### TORRES

Bonfim viu os seus homens habilmente dispostos sobre a relva: só que Pedroto, sabendo embora que Torres já não tem o vigor físico dos anos 60 e, portanto, está incapaz de rubricar as surtidas que o encaminharam para a Fama, não imaginava que, mesmo a passo, o «bom gigante» falharia três oportunidades de golo que uma criança de metro não recusaria. De facto, perdendo estrondosamente um magnífico passe de Câmpora, chegando tarde a um excelente cruzamento de Duda e, muito em especial, desdenhando chutar um sublime endosse resultante de estupenda fuga de Rebelo, professor Torres que a nossa memória já começa a respeitar com saudade, assinou o seu ocaso da cena do futebol activo e ao mais alto nível.

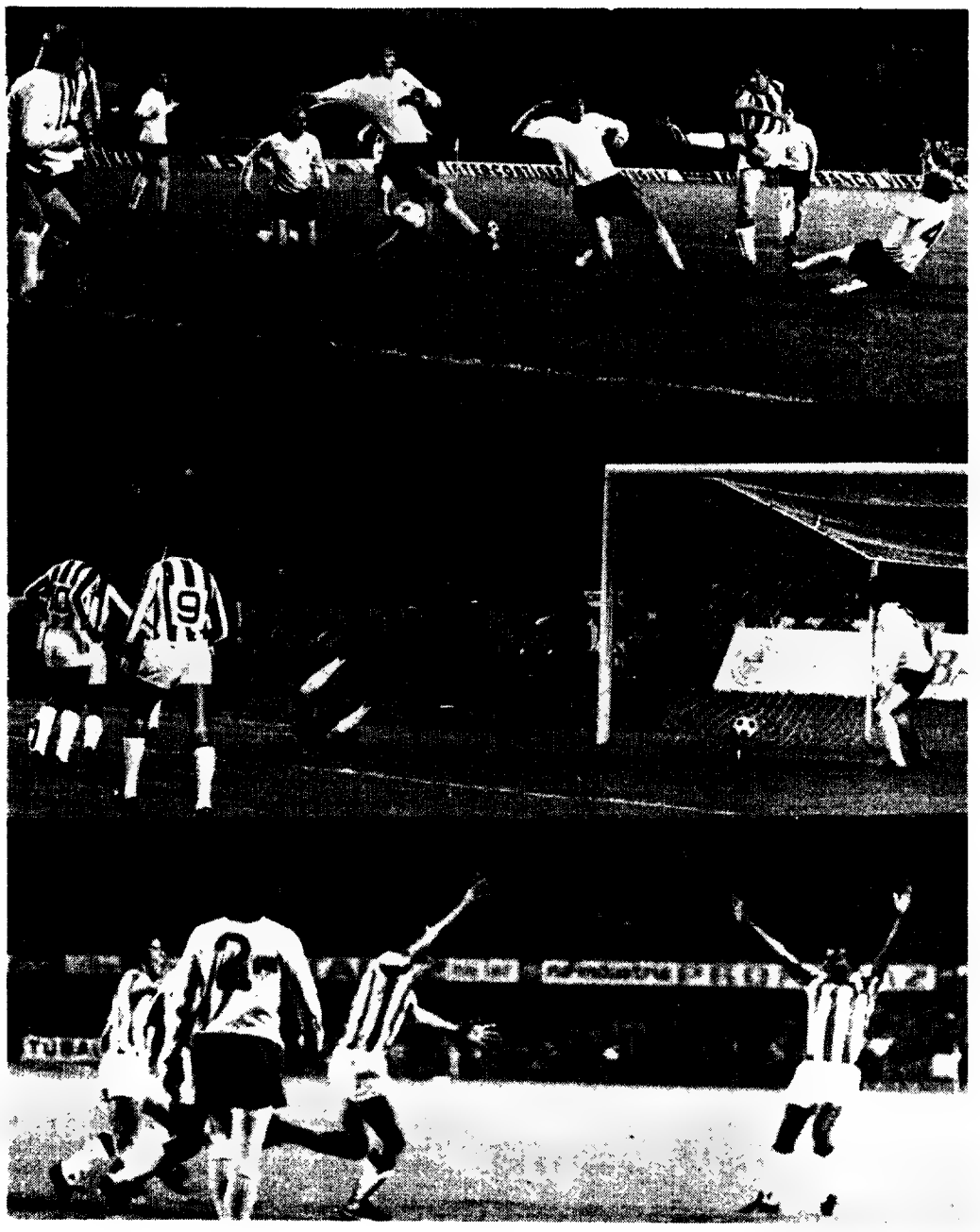
### PARALELO

Reportando-nos (ainda) à primeira metade da melancia, digamos que teve dois paladares: o do Vitória, acutilante e desenvolto; o do Tottenham, perspicaz e capcioso. Isto é: a ingénua vontade de tudo fazer de um sopro e a tenebrosa manobra de maquiavelismo que fez a glória das bruxas e dos duendes, o salpicar de pólvora na madeira incandescente a par do arrojar da farinha sobre a estrada. Por outras palavras: a matreirice dos «ratões» anglófilos perante a ardência de modernos cavaleiros andantes.

Dos pés do Vitória tudo ia bem até aparecer a zona da verdade. A bola soltava-se da defesa (Cardoso-Mendes) para um castelo povoado por bons artífices: Octávio, Duda, o «esfarrapado» José Maria e o inteligente Câmpora. Só que, a partir daí, o esférico resvalava de Jacinto João, dos seus pés-ganchetas, para as bandas de Torres: e sucedia o desastre. Nem os do Tottenham eram os meninos de coro do Marítimo, nem o Torres do Bonfim é já o mesmo que fez jus a um obrigado sincero pelo que nos ofereceu de esforço mesmo depois de ter dito adeus ao paraíso da Luz.

### ERRO

O Tottenham (com Coates a entrar como um galgo, com Perryman a chamar Octávio mais para trás) esteve (e quem o imaginaria) a um pózinho do colapso. Duda e Câmpora faziam tropelias do arco da velha, Jacinto João e Rebelo passavam a pente fino a muralha, Cardoso e Mendes não perdiam nem um joguinho a feijões. E a soberba dos ingleses teve, durante um bom trajecto do ponteiro, a garganta colada.



**Sequência do primeiro golo setubalense**

Só que, de cada vez que lhe davam asas, era um susto: foi assim quando Perryman atirou a rasar o poste, quando Knoles se livrou de Conceição e sacudiu a juba amarfanhada pelo tiraço de Câmpora que tinha violado o véu da noiva. Mas, ao intervalo, o 1-0 estava apenas com um erro: a pecar por escasso e a solicitar (urgentemente) que Torres se deixasse daqueles passezinhos pata trás e para os lados e, uma vez que fôsse, surgisse na área a tentar lançar uma V-1 sobre os céus de Londres.

### SILÊNCIO

A grande surpresa partiu para o público quando, no retorno das cabinas, continuou a ver-se Torres entre seus pares mais jovens. Claro que Pedroto não é obrigado a cozinhar omeletas sem ovos. Mas, (que Diabo!) o antigo arriete do Benfica, impossibilitado pelos anos de fazer dois jogos com 80 horas de diferença, não podia com um gato pelo rabo: e, o que era pior, embora querendo erguer a crista, pouco mais era que um pintainho entre doutores da capoeira. Aconteceu, porém, que um tremendo e escalofriante passe de Duda, precedido de amortecimento maravilhoso, foi direito ao pé do gigante: e acabou a viagem nas malhas de Jennings. Esse delírio colectivo, esse ribombar de trovão que saudou o golo-esperança, impediu Pedroto de substituir Torres quando ele já arrastava a glória passada por uma grilheta. E, como logo de seguida, contentinhos da vida, os pardalitos do Bonfim repousaram e deixaram ao adversário a raiva e a cólera, o desfecho surgiu no horizonte.

Toda a equipa do Vitória (inacreditávelmente) entrou a defender a margem que daria triunfo na eliminatória. Mas, esquecendo uma vez mais que o Tottenham não era o Marítimo nem outro qualquer grupo de quase amadores, permitiu o enleamento e, com ele, o tal toque infeliz de Câmpora que (paradoxalmente) estivera no remate da bancada em pé e ficaria também no triste segundo feito de gelo. Veio o livre. A cortina escancarada. O guarda-redes em bolandas E a bola lá dentro.

Terminara o sonho e continuava a realidade.

### ADEUS

Pedroto, num vale-tudo com a sorte, ainda tentou a mudança: Vicente e Arcanjo em troca de José Maria e Conceição. Não resultou, porque a máquina tinha as dobradiças enferrujadas e porque (digam o que disserem) o corpo humano ainda não pode ser comandado do exterior por um computador.

Terminara o jogo. O público nada tinha a dizer do árbitro. Os sócios do Victória partiam cabisbaixos a caminho dos pátrios lares. Para consolação de todos, apenas um desabafo: o exame de consciência não acusava ninguém de ter pecado. Sómente de ter confiado nos outros e em si.

## Registo

. Jogo no Estádio do Bonfim.

**Árbitro:** Manning Gunther (Alemanha Oriental).

**V. Setúbal:** Joaquim Torres; Conceição, Carlos Cardoso, José Mendes e Rebelo; Octávio, José Maria e Câmpora; Duda, José Torres e Jacinto João.

**Tottenham:** Jennings; Kinnear, England, Beal e Knowles; Coates, Perryman e Peters; Gilzean, Chivers e Pearce.

**Substituições:** Aos 73 e 77 minutos. Saíram José Maria e Conceição, rendidos por Vicente e Arcanjo respectivamente.

Aos 82 minutos, o Tottenham fez saír Gilzean e entrar Neighbour.

**Foi muitas vezes assim: tentativa de penetração na grande área inglesa**

ANDARES AMPLOS

ALUGAM-SE — PARA REALIZAÇÃO DE CURSOS — RESPOSTA PARA AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 30, 1.°, Esq.° LISBOA.

DL/DESPORTOS

# AI, AQUELE GOLO...

O golo. Aquele golo, no minuto fulcral do desafio, quando as duas equipas ainda não haviam saído dos efeitos do segundo assalto vitorioso do Vitória! Após o jogo, era o pomo da discórdia, o motivo das lamentações e também das censuras nas instalações anexas à cabina do Setúbal.

Pedroto ainda não estava em si. Perguntava aos seus jogadores **«Como foi possível?»** enquanto abanava a cabeça e se ia conformando com o resultado amargo da eliminatória. Apesar de dois belos jogos de futebol.

Minutos depois, mais tranquilo, falou para os muitos profissionais da informação que o rodearam:

. — **O futebol é assim. Jogámos o suficiente para ganhar a eliminatória e acabámos por perdê-la. Fica a consolação de termos praticado o melhor futebol e demonstrado que somos superiores. Para o Tottenham, que fanfarronou, dizendo que vinha aqui ganhar por mais de três, o resultado e a derrota no jogo são altamente lisonjeiros, além de terem livrado a pele à custa de pontapé para o ar. Gostei sinceramente da arbitragem, técnicamente perfeita. O alemão foi a antítese do senhor húngaro que arbitrou em Londres. Quero agradecer publicamente aos milhares de adeptos que aqui vieram, o apoio dado durante o jogo. A sua colaboração galvanizou os jogadores. Não fomos todos felizes. Mas paciência. Agora não tenho dúvidas que os jogadores do Vitória e este público magnífico mereciam a presença na final.**

Selecionados «A» foram às cabinas desejar vitória aos do Vitória

### FALTA ASSINALADA AO CONTRÁRIO?

Mas não era só de incompreensão o ambiente, em relação ao golo sofrido. Também ouvimos muitas recriminações, justas ou injustas, (não nos cabe julgar) ao trabalho do árbitro e à sua decisão no lance fetal. Assim, enquanto Campora afirma **«Levei um soco na cara e o árbitro marcou livre contra mim»**, Francisco Nascimento (director do clube) vai mais longe:

. — **Foi um jogador inglês que fez falta sobre o Câmpora, mas o árbitro não entendeu assim. Quando vamos lá fora somos sempre prejudicados; aqui, os árbitros nem imparciais são!**

. Para fecho desta análise do golo que eliminou o Vitória, (análise feita pelos protagonistas do lance), registe-se a opinião do guarda-redes Torres, que assegura nem ter visto a bola fatal:

. — **A barreira estava bem formada, mas abriu. Um inglês fez a finta afastou-se e Octávio acompanhou-o. Quando partiu o remate não estava ninguém naquele sítio e a bola entrou mesmo. Só a vi a saltar na baliza e não me julgo culpado.**

### O TREINADOR INGLÊS: «DESTA VEZ A SORTE FOI NOSSA»

A fanfarronada dos ingleses, que começara no aeroporto, continuou em Setubal, depois do jogo, com os futebolistas a responder malcriadamente a quem os interpelava (desta feita houve menino que levou também a resposta adequada) e muito mais interessados em saber onde é que era o local do bom copo português do que em falar do jogo. Só o seu técnico (Bill Nicholson) tinha, finalmente, reconhecido que defrontara um grande adversário. Prestou-lhe por isso homenagem:

. — **O Vitória surpreendeu-me. Depois do que vira na Inglaterra não o julgara capaz de tomar conta do jogo, criar oportunidades e marcar dois golos. Acreditem que os jogadores portugueses me chegaram a confundir e já estava a ver que tinha de fazer duas substituições para dar uma volta naquilo. Os meus jogadores não se davam com aquele jogo. O público deve ter ficado com má impressão a nosso respeito, mas também eu estou desapontado com a minha equipa. Hoje, jogámos muito mal. Felizmente, deu-se a inversão do que acontecera na primeira mão da eliminatória: lá a sorte foi do Vitória. Desta vez a sorte foi nossa.**

— Como detentor da Taça UEFA, e depois de afastado o Vitória, acha que pode repetir o triunfo?

. — **Depois de termos sido submetidos a uma prova tão exigente, é nosso dever conquistar o troféu outra vez. Acho que o vamos conseguir.**

**DANIEL REIS**

Pedroto: no banco também se sofre

# ASSIM VAI O TOTOBOLA

## PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO Nº 29 DE 25 DE MARÇO 1973

Bondiazinho — 1x1 12x x12 2x11; Brado Africano Desporto — 11x 112 xx1 121x; Brado Africano Ronga — 11x 112 11x 2212; Cidade 73 — 121 x22 112 1211; Domingo Alegre — 1x1 121 212 1x11; Jornal Desportivo — 111 x12 1x2 1x11; Passatempo — 1x2 111 x11 2221; Revista Desportiva — 1x1 1xx 1x2 x111; Roteiro Sonoro — x11 x12 xx1 x21x; Terceiro Programa — 121 x21 112 1x21; 20 Ponto D — 111 111 x12 1211; Renovação — 11x x22 1x1 1212; O Algarve — 111 x12 1x2 1x11; Beira Baixa — 111 x12 122 x111; Boa Nova — 11x 1x2 122 x211; Cardeal Saraiva — 11x 112 1xx 1211; Comércio de Portimão — 111 112 11x 1x11; Correio dos Açores — 112 11x 1x2 121x; Correio de Coimbra — 111 112 1xx 1211; Desportivo das Beiras — 11x xxx 2xx 1211; O Distrito de Setúbal — 11x 1x2 1x2 xx12; Eco de Estremoz — 11x 1xx 122 121x; Estrela da Manhã — 111 1x2 xx2 xx11; Eu Sei Tudo — 111 112 xx1 1x12; Folha do Domingo — 112 11x 1x1 x111; Jornal das Aves — 11x 112 1x2 1111; O Jornal de Felgueiras — 11x 112 1xx 1211; Jornal de Santo Tirso — x11 111 x21 x11x; Jornal do Sul — 111 112 2x2 111x; Jornal de Viseu — 111 x12 xxx 1211; Auto-Rádio — 12x 112 x1x x111; Cavalgada do Ritmo — 111 1x2 112 1x11; Clube do Ar — x1x 112 121 1x11; Colina Sagrada — 112 xx2 221 121x; O Comércio de Leixões — 111 112 1x2 xx1x; O Comércio do Porto — x1x 112 1xx 12x2; O Concelho de Estarreja — 11x 1x2 1xx x211; Correio do Minho — 11x 11x 1x2 121x; Correio do Vouga — 111 112 1x1 1x12; A Defesa — 1x1 112 111 2x11; Às 10 Espere Por Nós — 111 112 1xx 1111; Diário de Coimbra — 11x 112 1x1 1211; Diário do Porto — 11x 2xx xx1 121x; Ecos de Cacia — 111 112 1x1 1211; Ecos do Desporto — 1xx 112 1xx xx11; Epoca — 11x 1x2 x1x 1x12; Estúdio 64 — 2x2 112 211 x2x2; Dos fracos não Reza a História — 1xx xx2 xx2 gens Piedenses — 11x 122 1xx 121x; Jornal do Fundão — 11x 112 x11 xx11; Jornal da Graça — 111 112 111 1111; O Jornal da Lixa — 1x1 xx1 1xx 1212; Jornal de Notícias — x12 112 xx2 xx1x; O Mensageiro — 111 112 1x1 xx11; Linhas de Elvas — 111 112 1x1 1111; Litoral — 11x 111 11x 1x1x; Manchete Desportiva — 111 111 12x 1211; Maria da Fonte — 11x 112 xx2 1211; Mosaico — 112 112 121 1x21; Mundo Desportivo — x12 11x 1x2 1x1x; Notícias de Chaves — 11x x12 1x2 1211; Notícias do Douro — 11x 1x2 x11 111x; Notícias de Felgueiras — 11x 1x2 1x2 1211; Notícias de Gouveia — 112 1x2 112 1111; Notícias de Guimarães — 11x 1x2 1x2 x21x; Notícias de Penacova — 111 x12 x21 1121; Peça que não Maça — 111 112 1xx 2x11; Penalti — 111 111 111 1111; Placard Desportivo — x12 112 x1x 1x1x; Placard Desportivo Açores — 212 112 111 1121; Povo Algarvio — 111 112 12x x211; Póvoa de Lanhoso — 11x 112 1xx 121x; A Rabeca — 11x 11x 112 x111; Rádio Altitude — 11x x12 1xx 1211; Rádio Oceano — 1x1 x12 1x2 x211; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Reconquista — 11x 112 1xx 1x1x; Renovação — 1x2 112 1x1 x111; Repórter do Dia Angola — 11x 112 12x x112; República — 112 11x 12x 2211; Revista de Som — 111 x1x 111 1111; Ritmo e Amizade — 21x 112 12x 1x11; O Sorriso da hora do Almoço — 122 2x2 22x 221x; O Templário — 111 11x 11x 1211; A Voz Desportiva — 112 1x2 121 x211; A Voz do Domingo — 11x 112 1x1 xx11; Voz de Lamego — 11x 112 1x1 1211; A Voz dos Ridículos — 112 112 11x 1111; Diário de Lisboa — 111 xx2 x1x 1212; Voz do Casa Pia — 11x 112 1x2 1211; O Primeiro de Janeiro — 11x 1x2 122 1x11; Programa Sem Nome — 1x1 112 11x 12x1; Quadrante Desportivo — 111 112 x22 1x11; Quadrante Norte — 111 112 x12 x1x2; Rádio Sports — 112 112 12x x111; Resenha Desportiva — 11x 112 2xx 1111; O Porto — 1xx 11x 1x2 1x12; Rádio Desporto — 111 112 111 1212; Notícias do Totobola — 112 1xx 1x2 1211; A Nossa Chave — 11x 112 1xx 111x; Apostolado — 111 xx2 1xx 12x1; Notícias de Evora — 11x 112 1xx 121x; A Comarca de Arganil — 112 112 x22 1211.

| | RESUMO 1 | X | 2 | BOLAS 1 | X | 2 | (a) |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. BRAGA-FAFE | 93 | 7 | 3 | 10 | 1 | 1 | |
| 2. SANJOANENSE-PENAFIEL | 86 | 13 | 4 | 10 | 1 | 1 | |
| 3. RIOPELE-GIL VICENTE | 42 | 42 | 19 | 5 | 5 | 2 | |
| 4. ESPINHO-COVILHÃ | 82 | 19 | 2 | 9 | 2 | 1 | |
| 5. SALGUEIROS-OLIVEIRENSE | 74 | 23 | 6 | 9 | 2 | 1 | |
| 6. TIRSENSE-ACADÉMICA | 10 | 15 | 78 | 1 | 2 | 9 | |
| 7. VILANOVENSE-FAMALICÃO | 73 | 23 | 7 | 9 | 2 | 1 | |
| 8. PORTIMONENSE-OLHANENSE | 30 | 54 | 19 | 4 | 6 | 2 | |
| 9. ALMADA-ORIENTAL | 31 | 36 | 36 | 4 | 4 | 4 | |
| 10. SEIXAL-TORRES NOVAS | 69 | 27 | 7 | 8 | 3 | 1 | |
| 11. CALDAS-MARINHENSE | 25 | 31 | 47 | 3 | 4 | 5 | |
| 12. UNIÃO LEIRIA-PENICHE | 93 | 5 | 5 | 10 | 1 | 1 | |
| 13. SACAVENENSE-SESIMBRA | 67 | 22 | 14 | 8 | 2 | 2 | |

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

111 ou x, 112 1x2 1211

## FUTEBOL EUROPEU

# O Ajax perde mas passa

O Bayern de Munique venceu o Ajax de Amesterdão por 2/1 em encontro de 2.ª mão dos 4.os de final da Taça da Europa do Clubes Campeões de Futebol.

O Ajax de Amesterdão que havia ganho o encontro de 1.ª mão por 4/0, classificou-se paras as meias-finais.

Os golos do Bayern foram marcados por Krol, na sua própria baliza aos 29 minutos e por Muller, aos 38 minutos. O golo do Ajax coube a Keizer, aos 8 minutos.

Assistiram 77.000 espectadores. Arbitrou o inglês Kenneth Burns, e as equipas formaram: BAYERN: Maier, Hansen, Beckenbauer, Schwarzenbeck, Breitner, Kraurhausen, Roth, Zobel, Hoeness, Mueller, Duernberger.

AJAX: Stuy, Suubier, Blankenburg (Muehren), Huelshoff, Krol, Schilcher, Haan, Neeskens, Gerry Muehren, Rep e Keizer.

### JUVENTUS

Em Budapeste, o Juventus de Turim qualificou-se graças á vantagem dos golos marcados fora. No jogo de ontem da segunda «mão» dos quartos de final, frente ao Ujpest Dozsa da Hungria, houve um empate a dois golos. Na primeira «mão», na Itália, houvera empate sem golos. Ao intervalo o Ujpest vencia 2-1.

Mais de trinta mil pessoas assistiram ao jogo, sendo grande a «massa» de italianos, que apoiou o Juventus.

Os golos couberam a Bené (aos 2 minutos) e Toth (aos 14) pelo Ujpest. E Altafini e Anastasi (aos 30 e 53, respectivamente) pelo Juventus.

Delcourt, da Bélgica, foi o árbitro. As equipas formaram: UJPEST: Szentimihaly, Kolar, Harsany, Horvath, Johasz, Duna, Toth, Fazekas, Bené, Nagy e Zambo.

JUVENTUS: Zoff, Salvadore, Spinos, Longobucco, Morini, Cuccureddu, Capello, Furino, Causio, Anastasi e Altafini.

### DERBY COUNTY

O Derby County também se qualificou para a fase seguinte da Taça dos Campeões Europeus de Futebol, ao vencer por 2-0 o Spartak Trnava da Checoslováquia.

O único marcador foi Kevin Hector, aos 39 e 50 minutos.

O Derby qualifica-se com o total de 2-1 nos dois jogos. Assistiram cerca de 38.000 espectadores.

### REAL MADRID

O antigo «TODO-PODEROSO» Real Madrid mostrou, ontem, alguma da sua chama antiga (quando ganhou a Taça dos Campeões Europeus por seis vezes), ao derrotar a equipa do Dinamo de Kiev, por 3-0.

A vitória, depois do empate sem golos alcançado em Odessa, no princípio deste mês, colocou o Real Madrid nas meias finais da Taça que ganhou pela última vez em 1966.

Jogando perante um público de setenta mil espectadores, que puxava pela sua equipa, ao som de sinos e de palmas de Flamengo, o Real alcançou o seu primeiro golo, logo aos dois minutos, quando Amâncio, na transformação de um livre de cerca de vinte metros, colocou a bola á boca da baliza do Dinamo e Santillana não teve dificuldades em a introduzir de cabeça no fundo da rede, guardada por Rudakov.

Os outros dois golos foram obtidos por Amâncio e Aguillar, com um domínio completo do Real Madrid.

### vencedores das taças

O Hajduk de Split, da Jugoslávia, passa às meias-finais da Taça dos Vencedores das Taças, com o score global de 5-4, graças à vitória de ontem à noite contra o Hibernian, da Escócia, por 3-0.

Os outros apurados são o Sparta de Praga, que afastou o Schalke 04 da Alemanha Federal, com um total de 4-2 (ontem vitória de 3-0), o Leed que repetiu a vitória sobre o Rapid Bucareste (8-1 no total ontem 3-1) e o Milão, que tendo, embora cedido um empate em casa, contra o Spartak de Moscovo (1-1), já vencera o jogo da primeira mão na capital da União Soviética por 1-0.

### TAÇA UEFA

Além do Tottenham, que conseguiu a passagem às meias-finais da Taça UEFA à custa do Vitória de Setúbal, já estava apurado o Borrússia Moenchenglabach (7-1 ao Kaiserslautern, na segunda mão da eliminatória). Ontem, o Liverpool classificou-se para as meias-finais, com um total de 3
0, ao repetir a vitória do primeiro jogo. Desta feita, em casa do adversário, em Dresden (Alemanha Oriental) e por 1-0. Assitiram 35.000 pessoas e o golo inglês foi marcado por Keegan.

O quarto semi-finalista é o Twente de Enschede, na Holanda, que eliminou o OFK da Jogoslávia. O resultado de ontem foi 2-0 e na primeira mão os holandeses tinham perdido, em Belgrado por 2-3.

Assistiram 21.000 espectadores e os dois golos foram marcados por Jeuring.

# Taça de Portugal

Realizaram-se ontem os jogos de desempate da quarta eliminatória da Taça de Portugal. Em Matozinhos, o Leixões levou de vencida a turma do Penafiel (2-0), e em Barcelos a equipa local eliminou o Cova da Piedade (2-1).

Se o resultado do primeiro jogo reflecte toda a verdade do jogo jogado durante os 90 minutos regulamentares, já o mesmo não se poderá dizer do segundo, pois o triunfo dos homens de Barcelos não se ajusta ao esforço desenvolvido pelos jogadores de ambas as equipas, nem às oportunidades criadas. Tem, assim, um certo sabor de injustiça, a eliminação da turma da margem Sul do Tejo.

Equipas:

**LEIXÕES**: — Fonseca; Celestino, Adriano («capitão»), Nicolau e Raul; Gentil e Eliseu; Vaqueiro, Esteves, Horácio e Neca (Cacheira).

**PENAFIEL**: — Melo; Teófilo, José Carlos, Almeida e Simão; Ricardo, (Alberto), Silva Pereira («capitão») e Cerqueira; Nelson, Betinho (Catricoto) e Gil.

GIL VICENTE: — Neto; Marques (Russo), Cibrão, Martinho e Murraças; Sá Pereira e Augusto (Fernandes); Vieira, Campinense, Lua e Testas.

**COVA DA PIEDADE**: — Carlos Alberto; Alcides, Vítor Manuel, Cabritat e Franquelim; Pinhel e Gomes Ferreira (Delmezito); Vieira, Jesus, Maximino e Mário Ventura (Eduardo).


EM ABRIL:

A LARANJA MECÂNICA

(A CLOCKWORK ORANGE)

de ANTHONY BURGESS

EDIÇÕES 70

Av. Duque de Ávila, 69, 1.º E LISBOA



ESCRITURÁRIOS DE 3.ª

PRETENDEMOS:

— Curso Geral do Comércio ou equivalente
— Livre de Serviço Militar
— Não ter mais que 35 anos

TEMOS:

— Semana de 5 dias
— Cantina
— Estabilidade
— Regalias Sociais
— Vencimento compatível

Resposta manuscrita c/ curriculum vitae, focando os sectores em que trabalhou — Gasel -- Ref.ª 101/75 -- Apartado 2512 — Lisboa.



ADMISSÕES

DESENHADOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL DE 3.ª
DESENHADOR DE MÁQUINAS E CATÁLOGOS DE 2.ª
DESENHADOR DE MÁQUINAS — AJUDANTE

PRETENDEMOS:

- 17/30 anos
- Curso industrial ou frequência
- Noções de Francês

OFERECEMOS:

Estabilidade
Semana de 5 dias
Ordenado compatível
13.º mês
Possibilidade de acesso

Resposta manuscrita a Gasel — ref.ª 101/75
Apartado 2512 — LISBOA

**Dona Adelaide Rodrigues da Bela Ferreira**

FALECEU

Joaquim Ferreira, Arlete Bela Ferreira, Maria Judite Bela Ferreira Marques Roto que marido, filhas e filhos, Augusta Bela Morais (viúva), Anita Rodrigues de Bela é mais família participam que foi Deus servido chamar à sua Divina Presença a sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, irmã cunhada e tia que o funeral se realize hoje, às 16 horas da Igreja de São João de Deus, Capela E para o cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA FUNERÁRIA

# BOLSA DE LISBOA

## FUNDOS DE ESTADO

| | Efect. | Compra | Venda |
|---|---|---|---|
| Cons 2 3/4 % | 461$ | 461$ | – |
| Cons 3 % | 508$ | 508$ | – |
| Cons 3 1/2 % | – | 587$ | – |
| Centenários | 1.313$ | 1.313$ | 1.315$ |
| Tes 5 % 57 | – | – | 1.009$ |
| Tes 5 % 59 | – | 1.005$ | – |
| Exter 1ªs | – | 634$ | – |
| Extern 1ª c | – | 636$ | – |
| Extern 3ªs | – | 725$ | – |
| Extern 3ª c | – | 730$ | – |
| Caut 3ªs | – | – | 185$ |

## FUNDOS PÚBLICOS

| | | | |
|---|---|---|---|
| A Lx 6 % | – | 910$ | – |
| C M L 5 3/4 % | 1.030$ | 1.020$ | – |
| C P 5.5 % 67 | – | – | – |
| C P 5.5 % 68 | – | – | 940$ |
| C P 5.5 % 69 | – | 920$ | – |
| Corr 5 3/4 % | – | – | 940$ |
| Metr 5 3/4 % | – | – | 995$ |
| Tur 5 3/4 % | 1.055$ | 1.055$ | – |
| C P 6 3/4 | – | – | 1.020$ |

## ELÉCTRICAS

| | | | |
|---|---|---|---|
| G. 5% – 58 | – | – | 850$ |
| G. 5% 59 | – | – | 850$ |
| G. 5% 62 | – | – | – |
| G. 5% 63 | – | 940$ | – |
| G. 5% 64 | – | 940$ | – |
| G 5% 65 | – | 940$ | – |
| G. 6% 67 | – | 960$ | – |
| G. 6% 69 | – | 960$ | – |
| G 7% | – | – | 1.040$ |
| H. E. A A 5% | – | – | – |
| H. E. C 5% | 740$ | 740$ | – |
| H. E. C. 6% | – | – | 950$ |
| H. E. D. 5% | – | – | – |
| H. E. D 6% | 940$ | 935$ | 950$ |
| H. E. N P 5% | – | – | – |
| H. E. S. E. 5% | – | 985$ | – |
| H E S E 6% | – | 940$ | 950$ |
| H E Z 5% – 57 | – | – | – |
| H. E Zêz 6% | – | 940$ | 950$ |
| N. Elec. 5% | – | 740$ | – |
| N Elec 6% | – | 950$ | – |
| Termoel. 5% | – | – | 710$ |
| U. E. P 5% – 60 | – | – | 745$ |
| U E P. 5% – 63 | – | – | – |
| U E P 6% | – | – | 940$ |
| U E P 7% | – | – | 1.000$ |

## DIVERSAS

| | | | |
|---|---|---|---|
| A P T 5 % 56 | – | 855$ | – |
| A P T 5 % 58 | – | – | – |
| Lisnave 6 % | 970$ | 960$ | 980$ |
| Nitratos 60 | – | – | – |
| Pet 2ª e 3ª % | – | 855$ | – |
| Sacor 7 % | 1.025$ | 1.022$ | 1.025$ |
| Sacor 5 % 54 | – | – | – |
| Sacor 5 % 60 | – | 900$ | – |
| Sid 5 % 2ª | – | – | – |
| Sid 5 % 3ª | – | – | 740$ |
| Sid 5 % 4ª | – | – | – |
| Socel 5 % | – | – | – |
| U Fabril 67 | 900$ | 900$ | 910$ |
| U Fabril 68 | – | 900$ | – |

## ULTRAMARINAS

| | | | |
|---|---|---|---|
| Carbonl 5 % | – | 550$ | – |
| Rev 5 % 57 | – | – | – |
| Rev 5 % 59/60 | – | – | – |
| Moçamb 5 % | – | – | – |
| Sonefe 5 % | – | – | – |

## ACÇÕES

### De Bancos

| | | | |
|---|---|---|---|
| Agricultura | 6.850$ | 6.800$ | 6.850$ |
| Algarve | 3.180$ | 3.150$ | 3.180$ |
| Alentejo | 2.680$ | 2.670$ | 2.680$ |
| Angola | 5.900$ | 5.900$ | 6.000$ |
| Borges&Irmão | 9.400$ | 9.400$ | – |
| Crédito Predial | 5.960$ | 5.850$ | 5.960$ |
| EspíritoSanto | 16.950$ | 16.850$ | 16.950$ |
| Fomento | 5.500$ | 5.500$ | 5.550$ |
| F.&Burnay | – | – | 74.000$ |
| Intercontinental Português | – | – | – |
| N.Ultramarino-m. | 8.000$ | 8.000$ | 8.100$ |
| N.Ultramarino-c. | 11.300$ | 11.250$ | 11.300$ |
| Pinto&SottoMayor | 19.000$ | 19.000$ | 19.300$ |
| Portugal-n. | 5.300$ | 5.250$ | 5.350$ |
| Portugal-p. | 8.700$ | 8.700$ | 8.750$ |
| P. Atlântico | 16.000$ | 16.000$ | 16.050$ |
| Totta&Açores | 10.300$ | 10.300$ | 10.400$ |

**J. BURNAY, LDª**
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

## Banco Borges e Irmão

Indice de cotação das acções (Base: Dez 65=100)

| | 15/3/73 | 21/3/73 | 22/3/73 |
|---|---|---|---|
| GERAL | 281,3 | 286,0 | 288,3 |
| METROPOL | 293,5 | 299,0 | 301,4 |
| ULTRAM | 192,1 | 191,0 | 192,6 |

### De Seguros

| | | | |
|---|---|---|---|
| Alentejo | 720$ | – | 720$ |
| Bonança | 23.000$ | 23.000$ | 23.500$ |
| Império | 45.000$ | 44.000$ | 46.000$ |
| Mundial | 2.000$ | 2.996$ | 2.999$ |
| Soberana | 7.900$ | 7.850$ | 7.950$ |
| Tranquilidade | – | – | – |

### Eléctricas

| | | | |
|---|---|---|---|
| C P E p | 1.130$ | 1.120$ | 1.135$ |
| C P E n | 1.130$ | 1.120$ | – |
| E Beiras | – | 1.800$ | 1.840$ |
| G Elec c | 341$ | 340$ | 343$ |
| H E A A | 163$ | 162$ | 165$ |
| H E N P | – | 265$ | 275$ |
| H E S E | – | – | – |
| U E P | 178$ | – | 178$ |

### Ultramarinas

| | | | |
|---|---|---|---|
| Ag Cassequel | 1.470$ | 1.450$ | 1.147$ |
| Ag Incomáti | – | – | 2.250$ |
| Ag S T e P | – | – | – |
| Aç Angola | – | 1.900$ | 2.000$ |
| Alg Angola | 280$ | – | 280$ |
| Ang Agric | – | – | – |
| Boror | – | 220$ | – |
| Boror Com | – | – | – |
| Buzi | 105$ | 105$ | – |
| Cabinda | – | – | 140$ |
| Com Lobito | 670$ | 670$ | 680$ |
| D A T 100 | 2.200$ | 2.200$ | 2.230$ |
| H E Revué | – | – | – |
| I do Princ | – | – | – |
| Moçambique | 385$ | 380$ | 390$ |
| Sonefe n | – | – | – |
| Sonefe p | 405$ | 405$ | 410$ |
| Zambézia | – | 70$ | 75$ |

### Diversas

| | | | |
|---|---|---|---|
| Ag.Lx.-ant. | – | 650$ | – |
| Ag.Lx.–34 | 650$ | – | 700$ |
| Ag.Lx.–36 | – | – | – |
| Cel Guadiana | – | 5.300$ | 5.400$ |
| C.Leiria-p. | 18.500$ | 18.400$ | 18.500$ |
| C.Tejo-p. | 52.000$ | 52.000$ | 53.000$ |
| F. Ramada | 1.390$ | 1.390$ | 1.395$ |
| Fornos Eléctricos | 335$ | 335$ | – |
| P.Celulose | – | – | – |
| Siderurgia-p. | 8.050$ | 8.050$ | – |
| Siderurgia-n. | 4.600$ | 4.600$ | – |
| Socel | 5.500$ | 5.500$ | – |
| Cidla | – | – | – |
| C.U.F. | 3.600$ | 3.600$ | – |
| Intar | 595$ | 595$ | 600$ |
| Nitratos | 1.400$ | 1.400$ | – |
| Petroquímica | 1.410$ | 1.410$ | – |
| Sacor | 5.800$ | 5.750$ | 5.850$ |
| Tab.Portugal | – | 7.000$ | 7.500$ |
| Tabaqueira | 11.900$ | 11 900$ | 12.000$ |
| U.F.Azoto | 810$ | 810$ | 820$ |
| Empor | – | – | – |
| Ind Aliança | – | – | – |
| I P Colónias | 1.670$ | 1 670$ | – |
| Nacional Navegação | – | – | 4.300$ |
| Navegação(Col.) | – | – | 2 100$ |
| P Pesca | 1.300$ | 1.300$ | – |
| Matur | 4.500$ | 4.500$ | – |
| R Marconi | 3.300$ | 3.300$ | – |
| T A P | 1.300$ | 1.300$ | – |
| Compal | – | – | 750$ |
| Salvor | 1.900$ | 1 850$ | 1.350$ |
| Penina | – | – | 2 600$ |
| Grão-Pará | 2.500$ | 2.500$ | 2 550$ |
| Lisnave | 15.100$ | 15.100$ | 15 200$ |

## FUNDOS DE INVESTIMENTOS

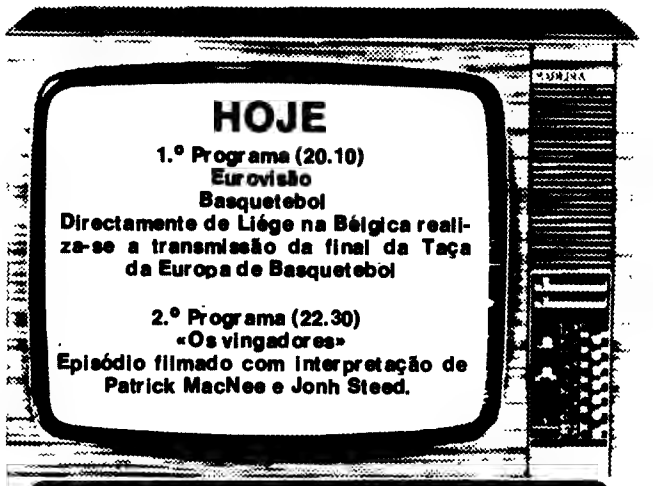
| | | | |
|---|---|---|---|
| Atlântico | – | – | – |
| F. I. D. E. S. | – | 217$ | 223$5 |

## COTAÇÕES

| PAÍSES | COMPRAS | VENDAS |
|---|---|---|
| Africa do Sul Rands | 30$00 | 33$00 |
| Alemanha Marco | 8$70 | 9$00 |
| América | | |
| Dollars de 1 a 2 | 24$10 | 25$00 |
| Dollars de 5 a 20 | 24$50 | 25$40 |
| Dollars de 50 a 1000 | 24$80 | 25$70 |
| Argentina Peso Novo | —$— | —$— |
| Austria Schiling | 1$22 | 1$28 |
| Bélgica Franco | $62 | $65 |
| Brasil Cruzeiro | 3$60 | 4$40 |
| Canadá Dólar | 24$30 | 25$20 |
| Dinamarca Coroa | 3$90 | 4$30 |
| Espanha Peseta | $42 | $45 |
| França Franco | 5$35 | 5$70 |
| Holanda Florim | 8$60 | 9$00 |
| Inglaterra Libra | 61$50 | 64$50 |
| Itália Lira | $04 | $044 |
| Marrocos Dhran | —$— | —$— |
| Noruega Coroa | 4$05 | 4$40 |
| Suécia Coroa | 5$45 | 5$85 |
| Suiça Franco | 7$65 | 8$00 |
| Ouro | | |
| Inglaterra Libra Isabel | 600$00 | 650$00 |
| Inglaterra 1/2 Libra | 630$00 | 670$00 |
| Ouro fino Barra | 67$00 | 73$00 |

BANCO DO ALENTEJO
GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Praça D. João da Câmara 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro 52 - Telef. 30309

# televisão




## HOJE

**1.º Programa**

**1.º Período**

**12.45** Abertura e desenhos animados.
**13.00** Vária
**13.15** Por favor não comam os malmequeres.
**13.45** Telejornal-1.ª edição
**14.00** Um dia com...
**14.15** Logo à noite.

**2.º Período**

**14.40** Ciclo preparatório TV
**19.00** TV Educativa. Educação musical.
**19.30** Telejornal-2.ª edição
**19.40** Em foco
**20.10** Eurovisão. Basquetebol — Final da Taça da Europa. transmissão directa de Liège
**21.50** Telejornal-3.ª edição
**22.30** Noite de teatro
**23.45** Telejornal - 4.ª Edição
23.50 Meditação e Fecho

**2.º Programa**

**20.30** Abertura
**20.55** Por favor não comam os malmequeres
**20.55** Amaral Neto
**21.50** Telejornal-3.ª edição
**22.00** Um dia com...
**22.30** Os vingadores e fecho

## AMANHÃ

**1.º Programa**

**1.º Período**

**12.45** Abertura e desenhos animados
**13.00** Feminino singular.
**13.20** Arnie.
**13.45** Telejornal-1.ª edição
**14.00** Conheça o Portugal desconhecido
**14.15** Logo à noite.

**2.º Período**

**14.40** Ciclo Preparatório TV
**19.00** Física moderna.
**19.30** Telejornal-2.ª edição.
**19.45** Cartaz TV
**20.00** Dia de S.Gabriel
**20.30** Falando de ópera. «Os Puritanos» de Bellini, ópera que a RTP transmitirá na sua tarde de Ópera, no dia 24/3/73 às 17 horas
**20.55** Cinemateca.
**21.30** Telejornal-3.ª edição
**22.05** Noite de estreia. «Um género de morte»
**23.30** Telejornal-4.ª edição
**23.45** Meditação e fecho.

**2.º Programa**

**20.30** Abertura e desenhos animados.
**20.45** Vária.
**21.00** Arnie.
**21.30** Telejornal-3.ª edição
**22.05** Variedades. «Os anos 30» (II Parte)
**22.45** Encontro com o passado. Espanha — A porta do Islão, e fecho

# urgência

| | | | |
|---|---|---|---|
| Emergência | 115 | Judiciária | 53 5380 |
| Bombeiros | 32 2222 | Intoxicações | 76 1176 |
| C V P | 56 5342 | Aeroporto | 71 1397 |
| H de S José | 86 0131 | C R G E | 53 7021 |
| H de S Maria | 73 0231 | C Aguas | 36 1361 |
| P S P | 36 6141 | Combóios | 32 6222 |

# tempo

**Situação do tempo**

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado; havia neblina nalguns locais e o vento era fraco ou moderado de Norte

## TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

| | |
|---|---|
| PORTO | 11º |
| P. DOURADAS | 5º |
| COIMBRA | 9º |
| PORTALEGRE | 8º |
| LISBOA | 12º |
| FARO | 12º |
| FUNCHAL | 15º |

## TEMPERATURAS EXTREMAS

**Braga**
**Máxima** ..... **21º**

**Penhas da Saúde**
**Mínima** ..... **0º**

## TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar ..... 13,6º
Atmosfera ..... 15º

## MARÉS DE HOJE

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 6.10 | **3,8 m** | 11.41 | **0,9 m** |
| 18.27 | **3,8 m** | 23.59 | **1,0 m** |

Dia 23

| | | | |
|---|---|---|---|
| 6.45 | **3,6 m** | | |
| 19.01 | **3,6 m** | 12.14 | **1,1 m** |

Dia 24

| | | | |
|---|---|---|---|
| 7.21 | **3,4 m** | 0.36 | **1,2 m** |
| 19.37 | **3,5 m** | 12.50 | **1,3 m** |

**PREVISÃO GERAL**
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

**Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado de Nordeste; possibilidades de neblina local pela madrugada.**

**AMANHÃ**
**NASCER AS** — 7.36
**OCASO AS** — 19.51

DIA 26 DIA 3 DIA 10 Dia17

# rádio

**EMISSORA 1. PROGRAMA**
**16.00** Noticiário — ao encontro da melodia
**16.30** Convívio, programa da juventude
**18.05** O convidado de hoje: Leon Russel
**18.20** Espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros
**18.40** Música portuguesa
**19.10** Opereta «Dois Corações», de Stolz
**20.00** Sinal horário — diário sonoro
**20.20** O conjunto Fleetwood Mac
**20.30** 32.º episódio do folhetim «El-Rei D. João II»
**20.53** Melodias
**21.00** Momento 73
**21.20** Música só música
**21.50** Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa
**22.10** Fados, por Ana Hortense e José Amaro
**22.30** Ritmos de todo o mundo
**23.05** De um dia para o outro, por Armando Correia
**00.30** Diário sonoro
**00.45** Escala na madrugada, por Júlia Maria
**02.00** Fecho

**Programa em MF 1**

**23.00** Rádio universidade
**00.00** Junção com o 1.º programa

**Programa Estereofónico - MF 2**

**21.00** Música ligeira ligeira variada
**22.00** «O Lago dos Cisnes», música de bailado de Tschaikowsky
**00.34** Obras de Schubert
**01.00** Fecho

**RÁDIO CLUBE**

**Onda Média**

**16.00** Noticiário
**16.04** Programa CDC
**18.02/21.00** Programa Movimento (realização de Fialho Gouveia)
**21.00/24.00** Quadrante 2-9-0
**21.03** Diálogo
**21.08** Serão musical
**21.32** Impacto
**22.30** Quando o telefone toca
**23.05** Mensagens bíblicas
**23.19** Grandes orquestras
**23.30** PBX
**02.00** A noite é nossa
**06.00** Diário rural
**07.00** Talismã

**Modulação de Frequência**

**16.00** Noticiário
**16.04** Programa CDC
**18.02** O nosso programa
**19.04** Vértice
**21.02** Boa noite em FM
**22.02** Programa à gô-go
**23.00** Noticiário — programa à gô-gô (cont.)
**00.02** Em órbita-dois
**01.02** Banda sonora Sonipol
**02.00** Perspectiva
**03.00** Fecho

**Emissor de Miramar**

**16.00** Noticiário
**16.04/18.00** Programa CDC
**17.56/21.00** Norte dia a dia
**21.00/24.00** Genérico
**21.05** Só-rádio
**21.35** Canções que foram êxito
**21.45** O arauto da verdade
**22.03** Variedade
**22.30** Quando o telefone toca
**23.04** Clube da juventude

**RÁDIO RENASCENÇA**

**16.00** Noticiário
**16.05** Radiorama
**18.00** Brasil com Doris Monteiro
**18.23** Boletim litúrgico
**18.30** Terço e benção da Basílica dos Mártires
**19.00** 19.00 (jornal do serviço de noticiários e reportagens de R. Renascença)
**19.30** Página 1
**21.05** Meditando
**21.08** Posia é diálogo
**21.15** Poente
**21.30** Curso de Língua Alemã
**21.45** Pentagrama
**22.00** Quando o telefone toca
**22.30** Esquema, 13
**23.05** A 23.ª hora

**EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA**

**Clube Radiofónico de Portugal**
06.00 às 10.00 e 22.00 às 02.00

**Rádio Voz de Lisboa**
10.00 às 12.00 e 19.30 às 22.00

**Rádio Peninsular**
12.00 às 14.30

**Rádio Graça**
14.30 às 19.30

# farmácias de serviço

## LISBOA

TURNO J-1

**ATÉ ÀS 22 HORAS**

**ALCANTARA**
**Nogueira,** Rua de Alcântara, 5-A (tel. 637563)
**ALFAMA**
**Cruz de Malta,** Largo do Chafariz de Dentro 36 (Tel. 886126)
**ALVALADE**
**Libia,** Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); **Celta,** Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)
**AMOREIRAS**
**Amoreiras,** Praça das Águas Livres. 8-B (Tel. 681515)
**ARCO DO CEGO**
**Providência,** R. D. Filipa de Vilhena 9-C (Tel. 770324)
**AREEIRO**
**Lusitânia,** Av. de Roma, 18-A (Tel. 725443); **Poiés,** Rua Abade de Faria, 22-A (Tel. 721965)
**ARROIOS**
**Magalhães,** Av. Almirante Reis. 4-D (Tel. 49479)
**BAIRRO DA ENCARNAÇÃO**
**Zira,** Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172)
**BAIXA**
**Formosinho,** Praça dos Restauradores, 18 (Tel. 30927)
**BELÉM**
**Botânica,** Rua da Junqueira 38 (Tel. 638132)
**BENFICA**
**Macedo,** Estrada do Poço, 69-C (Tel. 703697); **Canto,** Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841)
**CAMPOLIDE**
**Nova,** Rua de Campolide, 297 (Tel. 687475); **Ronil** R. Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438)
**CONDE BARÃO**
**Açoreana,** Largo do Conde Barão 2 (Tel. 631330)
**ESTEFÂNIA**
**Délio,** Rua Açores, 32 (Tel. 52388)
**LUMIAR**
**Patoleia Herdeiros,** Rua do Lumiar, 122-124.(Tel. 790332)
**PEDROUÇOS**
**Higilux,** Rua de Pedrouços, 50-52. (Tel. 610280)
**PENHA DE FRANÇA**
**Europa,** Av. General Roçadas, 27-A (Tel. 843880; **Higiénica,** Rua Heliodoro Salgado 20-A (Tel. 844361)
**S. SEBASTIÃO**
**Berna,** Av. de Berna, 44-A (Tel. 773568; **Oliveira Viegas,** Rua Viriato, 29-A: (Tel. 48966 e 553601)

TURNO J-2

**TODA A NOITE**

**AJUDA**
**Mendes Gomes,** Calçada da Ajuda 222 (Tel. 638256); **Tapada,** Calçada da Tapada 83-A (Tel. 634721)
**ALTO DE S. JOÃO**
**Dalton,** Avenida Mouzinho de Albuquerque à (Praça Paiva Couceiro) 7-A (Tel. 843571)
**ANJOS**
**Antolin,** Av. Almirante Reis, 88-B (Tel. 821773)
**AREEIRO**
**Marbel,** Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235); **Chinde,** Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331)
**BAIRRO ALTO**
**Gonçalves,** Rua da Rosa, 176 (Tel. 362687)
**BAIRRO DA LIBERDADE**
**Zenel,** Rua A, 182. (Tel. 651840)
**BAIXA**
**Normal,** Rua da Prata, 220 (Tel. 321342-325553)
**BENFICA**
**Benfiluz,** Estrada de Benfica, 444-A (Tel. 782606)
**CAMPO DE OURIQUE**
**Findor,** Rua Maria Pia, 514 (Tel. 687949)
**CAMPO DE SANTANA**
**Peninsular,** Campo dos Mártires da Pátria, 117 (Tel. 553308)
**CASTELO**
**Santa Luzia,** Rua da Saudade. 2-B (Tel. 869831)
**ESTRADA DA DAMAIA**
**Progresso,** Estrada da Damaia, 64-C (Tel. 702226)
**ESTRELA**
**Neves,** Rua da Bela Vista 35 (Tel. 661251)
**LUMIAR**
**Douro,** Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 991131)
**MADRE DE DEUS**
**Madre de Deus,** Rua da Margem, 15-B (ao Barrro do Grilo) (Tel. 382470)
**OLIVAIS**
**Simão,** Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 810581)
**PENHA DE FRANÇA**
**Zema,** Rua General Justino Padrel. 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580)
**PICHELEIRA**
**Martuz,** Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395)
**S. BENTO**
**Micael,** Rua de S. Bento, 380 (Tel. 662162)
**S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA**
**Sá da Bandeira,** Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (Tel. 41961 e 54672)

### LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
**Miraflores,** R. António Granja, 2 (T. 213161)
**CAXIAS**
**Nova,** R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)
**PAÇO DE ARCOS**
**Trindade Brás,** R. Costa Pinto, 186 (T. 2432034)
**OEIRAS**
**Oeiras,** L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485)
**PAREDE**
**Macau,** R. J. Elias Garcia, 60-A (T. 2471785)
**S. PEDRO DO ESTORIL**
**S. Pedro** (T. 263052)
**MONTE ESTORIL**
**Lopes,** R. Hangar, 3 (T. 260008)
**CASCAIS**
**Marginal,** Av. Marginal (T. 280078); **A. Costa,** R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214)

### LINHA DE SINTRA

**AMADORA**
**Melo,** P. D. João I, Lote 146 (T. 932756); **Central,** Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210); **Igreja,** P. da Igreja, 22-A (T. 937740); **Jardim,** Av. Conde de Oeiras, Loja X-1, Reboleira (T. 93842)
**DAMAIA**
**D. João V,** Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461)
**VENDA NOVA**
**Nova,** R. Elias Garcia, 10 (T. 972530)
**QUELUZ**
**Gil,** Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); **Simões Lopes,** Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)
**CACÉM**
**Araújo e Sá**
**MEM MARTINS**
**Química,** E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)
**S. PEDRO DE SINTRA**
**Valentim** (T. 980456)
**SINTRA**
**Marrazes,** L. Rainha D. Amélia, 20 (T. 980155)
**COLARES**
**Abreja** (T. 299088)

### OUTRA BANDA

**ALCOCHETE**
**Gameiro,** L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)
**ALHOS VEDROS**
**Portugal,** Av. da Bela Rosa. 8 (T. 224250)
**ALMADA**
**Magalhães,** R. Capitão Leitão, 8-A (T. 270242)
**BAIXA DA BANHEIRA**
**Nova Fátima,** E. Nacional, 221-B (T. 224141)
**BARREIRO**
**Higiénica,** R. D. Manuel I, 178 (T. 2273017)
**COVA DA PIEDADE**
**Rainha Santa,** E. das Barrocas, 50-A (T. 2760182)
**MOITA**
**União Moitense,** Av. dr. Teófilo Braga (T. 239025)
**MONTIJO**
**Giraldes,** R. Almirante Reis, 45 (T. 230008)
**SESIMBRA**
**Lopes,** R. Cândido dos Reis, 67 (T. 229028)
**SETÚBAL**
**Rosado Pinto,** P. do Bocage (T. 22484); **Nova,** R. General Gomes Freire (T. 22052)
**SEIXAL**
**Soromenho,** R. Paiva Coelho (T. 2218560)

## PORTO

**7.º TURNO**

**SUB-TURNO A**

**Alírio de Barros, Suc.,** R. de Costa Cabral, 240. **Central,** R. Santo António, 203. **Gomes Carneiro,** Rua de Cedofeita, 348. **Magalhães,** R. de Serralves, 586. **Nova de Monsanto,** Rua de Monsanto. **Ribeiro Júnior, Seca,** R. Firmeza, 99 A

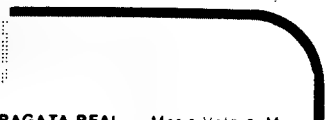
**SUB-TURNO B**

**Correia,** P. M. de Albuquerque, 50. **Conzeira (da),** R.S. Roque Lameira, 1473. **Couto,** L.S. Domingos, 106. **Lapa (da),** R. Antero Quental, 211. **Luso-Francesa,** R. Sá da Bandeira, 140

## COIMBRA

TURNO D

**Solum,** Rua Carolina Michaelis, 20 (Tel. 33120); **Nazaré,** R. Ferreira Borges, 135-139 (Tel. 22605); **S. Isabel,** Av. Sá da Bandeira, 28 (Tel. 24916)



# cinemas

**CINEMA CASTIL** (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
7.ª Semana
Technicolor Barba Streisend e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR» Rua Castilho Metro Rotunda. Estacionamento Parque Castil.

**MONUMENTAL** (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Eastmancolor «LIBERDADES FEMININAS», Monica Vitti e Claudine Auger.

**SATÉLITE** (Tel. 555131)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos)
6.ª Semana
«O ULTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner

**IMPÉRIO** (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Burt Reynolds e Diann Cannon «PAIXÃO PELO PERIGO» Color
(Metro - Alameda)

**ESTÚDIO** (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos)
Um filme de René Allio «Os CAS MISARDOS» Quem são? Porque entram? Em nome de quê? (Metro: Alameda).

**AVIZ** (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo D-10 anos)
60.ª Semana «Record» de exibição em Portugal! «TRINITÁ COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer. Color-Scope.

**ESTÚDIO 444** (Tel. 779095)
ás 15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D - 18 anos 5.ª Semana «ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS». Massimo Raneri e Florindo Bolkan. Eastmancolor
Amanhã e sábado às 00.30 «Cinema fora de Horas» «DELIVERANCE» -um fim-de-semana alucinante
(Grupo D - 18 anos)

**APOLO 70** (Tel. 763319)
Hoje estreia às 21.45
(Grupo D - 18 anos)
A obra-prima de Leonard Kastle «LUA DE MEL DE ASSASSINOS» com Shirley Staler e Tony Lobianco
Hoje às 15.15 e 18.30 últimas exibições do filme «O GRANDE CONquistador com Woody Allen (Grupo D (18 anos) HVOJE ÁS »/:)) Clássicos à Meia Noite (Gripo D - 18 anos) «ORUSCAMENTE NO VERÃO PASSADO» com Elisabeth Taylor

**IMPERIAL** (Tel. 821933)
14.45 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«A MANSÃO DO TERROR» e em complemento «ROMANCE DE UM LADRÃO DE CAVALOS» (Metropolitano Arroios-P. Chile)

**EDEN** (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor «CALIBRE 9» Gaston Moschini, Barbara Bouchet, Philippe Leroy.

**TIVOLI** (Tel. 50595)
15.15-18.30-21.45 (3.ª Semana)
(Grupo D - 18 anos) Eastmancolor Annie Girardot em «DESENCONTRO» Um filme de Serge Korber

**VOX** (Tel. 720808)
ás 15,15 18,30 e 21.45
5.ª Semana. O mais ousado filme de Otto Perminger». AMANTES DESCONHECIDOS». Technicolor. Grupo D (18 anos)

**LONDRES** (Tel. 731313)
ás 14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
Grupo D 18 anos, 17.ª Semana. Colorido. A estreia do ano Liza Minneli. «CABARET» (Adeus Berlim)». Snake-bar» Pub Theflag». O melhor encontro gastronómico.

**ALVALADE** (Tel. 717480)
Às 15.15 - 21.45
Grupo D (18 anos)
Andrey Hepburn em OS OLHOS DA NOITE. Realização de Terence Young

**CONDES** (Tel. 322523/326710)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
'Grupo B - 10 anos) 2.ª Semana Colorido. A mais excitante aventura jamais filmada «A AVENTURA DO POSEIDON», com Jene Hackman, Ernest Borgnine, Red Buttons, Carol Lynlei e Stella Stevens.

**POLITEAMA** (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
3.ª Semana triuntal de Franco FranchieCicciolngrassia «CONTINUAVAM A CHAMAR-LHES OS DOIS PILOTOS MAIS MALUCOS DO MUNDO»
Matinnées (Grupo A - 6 anos) - Noite (Grupo B - 10 anos)

**MUNDIAL** (Tel. 538743)
ás 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 3.ª Semana de êxito. Alberto Sordi e Elga Anderson num dos mais extraordinários e polémicos filmes do ano «A ESPERA DE JULGAMENTO» «Urso de Oiro do último festival de Berlim Technicolor. (Metro: Estação Picoas)

**CASINO** (Tel. 2642/264949)
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«O REGRESSO DA CASTA SUSANA»

**ODEON** (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Uma sensacional e explosiva novidade espectacular como nunca se viu igual «O INVENCÍVEL» Com Bruce Lee - Um fenómeno de judo e karate

**ROMA** (Tel. 727778)
15.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos)
Technicolor «DELIVERANCE» John Voigth, Burt Reynolds

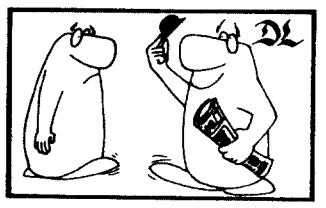
**BERNA** (Tel. 776096)
15.15-18.30-21.45 (2.ª Semana)
Grupo D - 10 anos) Panavision. Colorido. «A AVENTURA DO POPEIDON» com Jene Heckman, Ernest Bargnine, Red Buttores, Carol Lynley e Stella Stevens.

**EUROPA** (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
6.ª Semana
Eastmancolor. Um filme de Dino Risi «EM NOME DO POVO ITALIANO» c/ Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi.

**S. JORGE** (Tel. 54151)
Hoje às 21.30 ESTREIA - Um filme superior! «ROMA FELLINI»
(Grupo D - 18 anos)
15.15 e 18.30 últimas de «COM JEITO VAI NA PANDEGA»

**ROYAL** (Tel. 865037)
Às 15.00 e 21.00 Grupo C (14 anos)
O JUIZ ROY BEAN em complemento ELES COM ELAS

**LYS** (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana em continuação de estreia «BATOTA AO JOGO» e em complemento «AMAR SEM AMOR»
(Metro: Intendente)



# outros espectáculos

## LISBOA/Teatros

**MARIA VITÓRIA**
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

**TRINDADE**
21.45 (18 anos)
«Adriano VIII»

**LAURA ALVES**
21.45 (14 anos)
«O Príncipe e a corista»

**CASA DA COMÉDIA**
22.00 (18 anos)
«Oh Papá pobre papá»

**VARIEDADES**
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência, o Pendura»

**CAPITÓLIO**
21.45 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

**MONUMENTAL**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

**A. B. C.**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»

## LISBOA/Cinemas

**CINEARTE**
21.00 (18 anos)
«Os Intrusos»

**PARIS**
21.00 (18 anos)
«Zapata»

**JARDIM CINEMA**
21.30 (18 anos)
«Destinos opostos»

**MAYER**
21.00 (18 anos)
«Homens em fuga»

**PROMOTORA**
21.00 (18 anos)
«Escândalo na praia»

**MOSCAVIDE**
21.00 (18 anos)
«Perseguição»

## LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
**Stadium**
21.30 (18 anos)
«Entre a loucura e o crime»

**PAREDE**
**Royal-Cine**
21.45 (17 anos)
«Que importa morrer»

**ESTORIL**
**Casino**
17.00-21.30 (18 anos)
«O Regresso de Casta Susana»

**Palácio**
21.30 (18 anos)
«Despertar para a vida»

**CASCAIS**
**S. José**
21.30 (14 anos)
«Os Indomáveis»

## LINHA DE SINTRA

**DAMAIA**
**D. João V**
21.30 (18 anos)
«Os alegres dias de Pompeia»

**QUELUZ**
**Queluz Cinema**
21.15 (18 anos)
«Lamiel»

**MEM MARTINS**
**Cine-Chaby**
21.30 (10 anos)
«As duas inglesas e o continente»

**SINTRA**
**Carlos Manuel**
21.30 (14 anos)
«Melody»

## OUTRA BANDA

**COVA DA PIEDADE**
**União Artística**
21.15 (14 anos)
«Dois irmãos num lugar chamado Trinitá»

**ALMADA**
**Incrível**
21.15 (14 anos)
«Um violino no telhado»

**ALMADA**
**Academia**
21.15 (10 anos)
«Os 3 Mosqueteiros»

**TRAFARIA**
**Pavilhão Jardim**
21.15 (14 anos)
«O último tempo»

**LARANJEIRO**
**Instrução e Recreio**
21.30 (18 anos)
«Os duplos do crime»

## PORTO/Teatros

**ANTÓNIO PEDRO**
21.30 (18 anos)
«O Espantalho»

## PORTO/Cinemas

**BATALHA**
21.30 (18 anos)
«Quando as mulheres querem»

**S. JOÃO**
21.30 (18 anos)
«Um raio de sol na água fria»

**VALE FORMOSO**
21.30 (18 anos)
«Variedades»

**RIVOLI**
21.30 (18 anos)
«Mulheres sem marido»

**OLÍMPIA**
21.30 (14 anos)
«A Metralhadora»

**CARLOS ALBERTO**
21.30 (18 anos)
«Golpe de mestre ao serviço de sua Majestade britânica»

**TRINDADE**
21.30 (18 anos)
«César e Rosalie»

**PASSOS MANUEL**
21.30 (18 anos)
«Tristana, amor cruel»

**COLISEU**
21.30 (18 anos)
«Os toiros de Mary Foster»

**JÚLIO DINIZ**
21.30 (18 anos)
«Companheiros»

**ESTÚDIO 400**
21.30 (18 anos)
«Companheiros»

**ÁGUIA D'OURO**
21.30 (10 anos)
«O ás vale mais»

**ESTÚDIO**
21.30 (18 anos)
«As brancas montanhas da morte»

## COIMBRA

**TIVOLI**
21.30 (14 anos)
«As Grandes manobras»

**GIL VICENTE**
21.30 (18 anos)
«A Balada do deserto»

**AVENIDA**
21.00 (18 anos)
«César e Rosalie»

**SOUSA BASTOS**
21.30 (18 anos)
«As mãos do Estripador»

# BARS BOITES

**FANTASMA-Dancing Caveau** com variedades Maria Helena Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto **R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h as 21 h e das 22.30h as 05.00h.**

**TAMILA** — Marao e seconjunto «Matinees» todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loule 69. Telef. 534117.**

**LUSO** Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e Jose Luis Tomar fado de Coimbra por Americo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.**

**SAN-PAYO** — Bar-boite c/musica constante Aberto até às 5h da madrugada **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422.** (Ar condicionado)

**HIPOPOTAMO** Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. Antonio Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384**

**PRINCIPE NEGRO** **Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368987.**

**EL CIDE** Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao conde Redondo) **Telef. 560538** Com variedades

**CASEBRE** Rua da Barroca 133 **Telef. 369760.** Encerrado aos domingos Cantam Carlos Barra Deolinda Rodrigues e Nazaré À 1.00 h convidado especial em tempo-Show Folclore pelos cinco típicos de Vila Franca de Xira Tocam Carvalhinho e Julio Gomes

**CACO** — Dancing c/musica ambiente com singular quarteto **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

**FRAGATA REAL** Maria Valejo Mara Jô-Jô Neto e Joaquim Campos em Fado lisboa Joao Queiroz em Fado de Coimbra acompanhamento de Antonio Parreira Francisco Gonçalves Artistas convidados Ana Rosmaninho Natalia Disejos e Joao Cabral **Trav S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

**SOLAR DA HERMINIA** — Herminia Silva hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Telef. 320164**

**CASINO ESTORIL** — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

**NINA** Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167**

# DL /ÚLTIMAS

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1º 2º E 4º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

## Assaltado o Museu Militar

Durante a madrugada de ontem, alguns indivíduos introduziram-se nas instalações do Museu Militar retirando dali peças pertencentes à colecção exposta ao público. Fundado em 1842 e possuindo as actuais instalações desde 1876, o Museu Militar é um dos mais bem dotados da Europa, tendo sido renovado ultimamente

As circunstâncias em que se desenrolou o acontecimento estão a ser investigadas pelas autoridades militares, com a colaboração da D.G.S. e o Laboratório Científico da Polícia Judiciária.

Aquele estabelecimento militar apresentava um letreiro informando que se encontrava encerrado para obras, conforme constatou o nosso serviço de reportagem.

## Professores aposentados podem exercer no Ultramar

Os professores das Universidades de Luanda e Lourenço Marques desligados do serviço para efeitos de aposentação ou aposentados poderão ser autorizados a exercer funções docentes, em regime de prestação de serviço, nas mesmas Universidades, até ao limite fixado para os professores das Universidades metropolitanas, por despacho conjunto dos ministros do Ultramar e da Educação Nacional e sob proposta dos respectivos Senados Universitários fundamentada na aptidão física e intelectual e na dificuldade de preenchimento de vagas da sua especialidade.

O Decreto-Lei que autoriza a nova disposição refere que esta se deve à grande carência de pessoal docente qualificado com que lutam as Universidades ultramarinas, estipulando também que os professores colocados no regime terão direito, além da pensão que lhes tiver sido fixada, a um terço da remuneração que competir às respectivas funções docentes.

GRUPO D (18 anos)
AR CONDICIONADO

abril em portugal

RUA DAS TAIPAS, 6-8 (próximo ao Hotel Botânico)
Telefone 33854

TOTALMENTE REMODELADO, COM NOVA GERÊNCIA

HOJE e TODAS AS NOITES
FADO e FOLCLORE

INTERPRETADO POR UM ELENCO EXCLUSIVO:
ADA DE CASTRO ★ ROSA MARIA ★ ALCINDO DE CARVALHO ★ LUIZ TOMAR ★ JOÃO QUEIROZ (fado de Coimbra) ★ Acompanhados por PARREIRA (guitarra) e GONÇALVES (viola)

ADA DE CASTRO

★
CONJUNTO FOLCLÓRICO
SOB A DIRECÇÃO DE
TONI DE SOUSA
★
FERNANDO MANUEL
(exímio em acordeon)
★
ESMERADO SERVIÇO
DE RESTAURANTE
PRATOS REGIONAIS

ROSA MARIA

## REUNIÃO DA CÂMARA DE LISBOA

# 150 MIL CONTOS PARA PROLONGAR AS AVENIDAS 28 DE MAIO E ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR

Na reunião da Câmara Municipal realizada esta manhã, o coronel Silva Sebastião afirmou que **«a conclusão do empreendimento respeitante ao prolongamento das Avenidas 28 de Maio e António Augusto de Aguiar, constitui de longe o maior empreendimento viário a que a Câmara meteu ombros, pois o seu custo com as obras complementares excederá os 150 mil contos»**, vindo as ligações com a Praça de Espanha e Sete Rios, bem como o cruzamento com a Av. Gama Pinto, a serem concluidas, salvo motivos imprevistos, muito em breve e dentro dos prazos previstos.

Foi ainda apresentada uma proposta, para a qual o presidente da edilidade chamou a atenção dos vereadores, respeitante à nova modalidade de adjudicação da empreitada de limpeza de quatro das principais zonas da capital e que contém algumas inovações. Assim, e segundo esta proposta, competiria ao próprio empreiteiro a aquisição e exploração das viaturas especiais para a remoção de lixos. Por outro lado, ao mesmo competirá o fornecimento e distribuição de contentores e recipientes colectivos, em número e características adequadas, prevendo-se ainda que a recolha do lixo nas referidas zonas se faça de noite. A adjudicação far-se-á pelo período de 10 anos, prevendo-se o seu início em 1 de Janeiro de 1974.

Dificuldades surgidas com a expropriação de alguns terrenos, frisou o coronel Silva Sebastião, têm impedido concretizar-se uma ligação que a Câmara projectou entre o Estádio de Alvalade e a Avenida de Telheiras, bem como do prolongamento da Calçada de Carriche.

A passagem desnivelada entre a Av. da República e o Campo Grande, bem como as obras ccomplementares à superfície, entre as quais se inclui local apropriado para a correspondência metropolitano-transportes colectivos urbanos e suburbanos, e ainda as respectivas ligações subterrâneas, decorrem normalmente, estando a sua conclusão prestes a atingir o termo dentro dos respectivos prazos.

Por outro lado, o conjunto de obras destinadas a atenuar as dificuldades do acesso a Benfica e os problemas de congestionamento no Calhariz de Benfica, em que se inclui o prolongamento da Rua Conde de Almoster e a construção de um pequeno viaduto paralelo ao caminho-de-ferro, assim como de um outro junto ao estádio do Casa Pia, deve completar-se por fases, até final do ano corrente.

Finalmente, a ligação à auto-estrada do Norte, que se espera venha a facilitar grandemente o trânsito na Rotunda do Aeroporto, não está a ser afectada por quaisquer problemas respeitantes a expropriações.

**O CARDEAL E MANUEL DOS SANTOS**

Dois vereadores tiveram intervenções, com propostas, na sessão de hoje da Câmara: uma subscrita por Leopoldo Nunes, propunha que fosse exarado na acta «um voto de viva congratulação pela honra» que foi concedida a D. António, com a sua elevação ao cardinalato, aduzida do facto de «ele ter partido bispo e regressado cardeal». A outra, da autoria do mesmo vereador, que convidou para assinar, conjuntamente, o seu colega Manuel Casimiro de Almeida, tinha por objectivo propor que fosse dada a uma rua de Lisboa o nome de «Manuel dos Santos, matador de touros». Justificando a proposta, o vereador proponente afirmou que se tratava de um benemérito da cidade e do País, que Manuel dos Santos levou a outros continentes o espectáculo da tourada e que, além de outras razões, era um lisboeta. Manuel Casimiro de Almeida manifestou-se contra a ideia de que fosse mudada a toponímia de determinado local para lhe ser dado o nome de Manuel dos Santos, porque **«não me esqueço daquela fobia que apareceu contra as velhas e seculares nomenclaturas, que levou à alteração de nomes não só de ruas como até de instituições»**. Ambas as propostas foram aprovadas por unanimidade.

## A maior empresa dinamarquesa de cervejas estabeleceu acordo com a Sociedade Central de Cervejas

Entre os Conselhos de Administração de «Carlsberg Breweries Ltd», de Copenhague e da «Sociedade Central de Cervejas, SARL», de Lisboa, foi assinado um acordo de cooperação.

No contexto da evolução que está a verificar-se, a nível internacional, nomeadamente no que respeita às actividades industriais no Mercado Comum e nos países com que este negociou acordos comerciais, estabeleceu-se a associação acima referida entre a «Carlsberg Brewerves», de Copenhague e a «Sociedade Central de Cervejas»..

Esta ligação foi criada com o fim especial de produzir cerveja Carlsberg nas fábricas pertencentes à Sociedade Central de Cervejas que, nos termos do mesmo acordo, obterá da Companhia Carlsberg o direito à utilização do seu «Know-how» e experiência, incluindo os resultados de projectos de investigação científica a longo prazo, já alcançados pela Carlsberg nos seus laboratórios.

A Companhia Carlsberg também porá à disposição do seu associado em Portugal a autorização para produzir as famosas cervejas Carlsberg e, ainda para estes produtos, o uso das suas famosas marcas.

Os especialistas técnicos da Carlsberg, em estreita colaboração com os seus colegas da Sociedade Central de Cervejas, estudarão todos os aspectos de evolução técnica que as duas partes decidam levar acabo.

É de salientar ser este o primeiro acordo do género firmado na Europa entre a Companhia Carlsberg e outro grupo cervejeiro, em cujo capital aquela não participa.

As Fábricas de Cerveja Carlsberg Limitada, conhecidas como os primeiros exportadores de cerveja do mundo, têm muita satisfação em tornar pública a notícia da cooperação estabelecida com a Sociedade Central de Cervejas, cujo principal produto é a famosa cerveja Sagres, bem conhecida em todo o País.

Está planeado que a cerveja Carlsberg produzida na fábrica de Vialonga da Sociedade Central de Cervejas seja lançada no mercado em Portugal, no dia 26 de Março de 1973.

Este acordo está previsto para durar por um período muito longo.

## Expropriações de terrenos

Foram declaradas de utilidade pública urgente as expropriações necessárias para a construção dos novos hospitais centrais de Lisboa a erigir no Restelo e na zona oriental da cidade, em conformidade com as plantas parcelares aprovadas pelo ministro das Obras Públicas.

## NOTAS POLÍTICAS

### MINISTRO DO ULTRAMAR

O prof. Silva Cunha, ministro do Ultramar, que se deslocou em visita a Santo Tirso, onde ontem foi comemorado o Dia de São Bento pela Congregação dos Beneditinos, inaugurou numa das dependências do mosteiro de Singeverga, naquela vila, um museu de etnografia e zoologia, a que foi dado o seu nome. O acto foi seguido de missa, tendo-se no final efectuado um sarau literário e musical, a que assistiram todas as individualidades que ali se deslocaram, entre as quais o chefe do distrito.

### CONGRESSO DA A. N. P.

Tendo em vista a participação no congresso da A. N. P., que decorrerá em Tomar, no mês de Maio, efectuou-se uma reunião das Comissões Dirigentes do Distrito de Lisboa, daquela organização, presidida pelo dr. Esteves da Fonseca. Foram revelados os pormenores do regulamento do congresso e as directrizes para a actuação dos órgãos locais da A. N. P..

### CÔNSUL GERAL DA ISLÂNDIA

O cônsul geral da Islândia, em Lisboa, dr. Leif Dundas, em representação do embaixador do seu país, ausente em Londres, visita amanhã, às 10 e 30, o Comiberlant, em Oeiras, onde será recebido pelo respectivo comandante, almirante Robert Erly. Após uma visita às instalações, será obsequiado com um almoço na messe dos oficiais-generais daquele organismo.

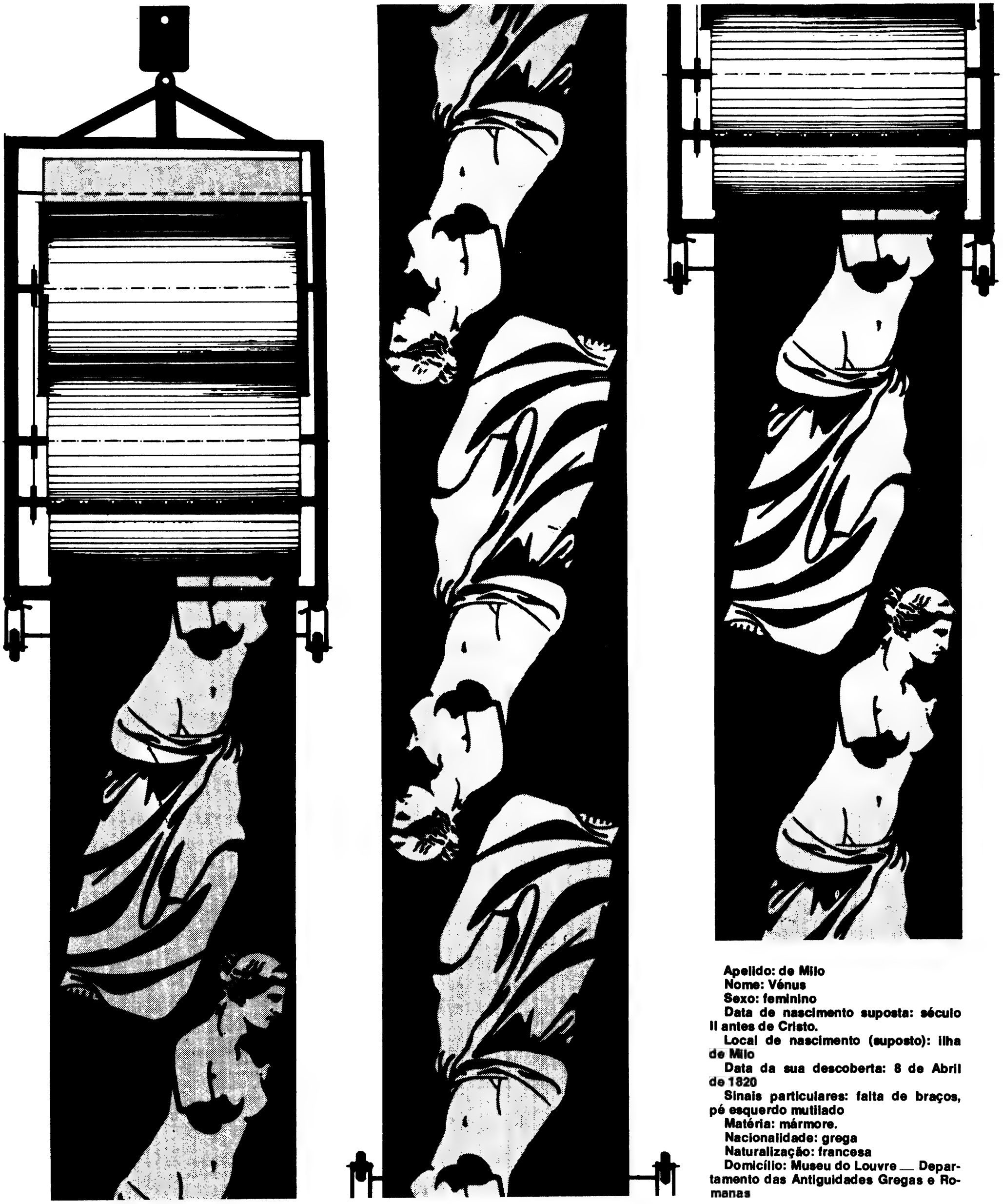
### FÁBRICA DE GELO

O secretário de Estado do Comércio inaugura amanhã a fábrica de gelo dos Frigoríficos de Matosinhos, no porto de pesca local, empreendimento em que foram investidos 12 mil contos, e que começa a funcionar com uma capacidade de fabrico da ordem das 105 toneladas diárias, servindo de apoio àquele centro piscatório. Estarão presentes, além de outras entidades ligadas à indústria, o presidente da Junta Nacional de Fomento das Pescas e delegado do Governo junto dos organismos das pescas, almirante Alberto Alves Lopes, e o presidente do Fundo de Renovação e de Apetrechamento da Indústria da Pesca, almirante Henrique Tenreiro.

### PROMOTORES IMOBILIÁRIOS

A comissão organizadora do Grémio Nacional dos Promotores Imobiliários, acompanhada do secretário de Estado do Trabalho e Previdência e do director-geral do Trabalho e Corporações, foi recebido pelo ministro Rebelo de Sousa que, após os cumprimentos, fez entrega àquela representação, do respectttivo alvará de constituição. O Grémio teve origem num grupo de empresas que, dispondo de uma organização permanente e dos terrenos necessários, promovem o planeamento e a coordenação de todas as operações necessárias à realização de habitação secundárias, instalações comerciais e industriais e outros objectivos urbanísticos, assim como as respectivas infra-estruturas.

# SUPLEMENTO LITERÁRIO



**Apelido: de Milo**
**Nome: Vénus**
**Sexo: feminino**
**Data de nascimento suposta: século II antes de Cristo.**
**Local de nascimento (suposto): ilha de Milo**
**Data da sua descoberta: 8 de Abril de 1820**
**Sinais particulares: falta de braços, pé esquerdo mutilado**
**Matéria: mármore.**
**Nacionalidade: grega**
**Naturalização: francesa**
**Domicílio: Museu do Louvre — Departamento das Antiguidades Gregas e Romanas**

A

Os cinco primeiros livros de poesia de
DAVID MOURÃO-FERREIRA
reunidos num só volume

ARTE

Com prólogo do autor
e dois ensaios críticos
de J. Palma Ferreira
e Eduardo do Prado Coelho

DE

272 páginas 75$00

colecção Poesia · Verbo

AMAR

[1948-1962]

PRECISA DE ÓCULOS?
OCULISTA
MARGA
AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 97-1.º
FORNECEDOR DAS CAIXAS DE PREVIDENCIA

Estude em Casa
por Correspondência

*CURSOS MODERNOS, RÁPIDOS E EFICIENTES*

1 CONTABILIDADE — PREPARAÇÃO PARA GUARDA-LIVROS
2 CALCULO COMERCIAL
3 CALIGRAFIA
4 ESTENOGRAFIA
5 MATEMÁTICA

Externato Lusitano de Comércio
Rua dos Anjos, 2 - 1.º LISBOA - 1

Envie-nos este cupão e receberá, grátis, informações sobre o(s) curso(s) correspondente(s) ao(s) número(s) que assinalar com «X»

1 2 3 4 5

Nome: .....
Morada: .....

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

**D. SYLVIE MARTHE TAILLET ALVES**

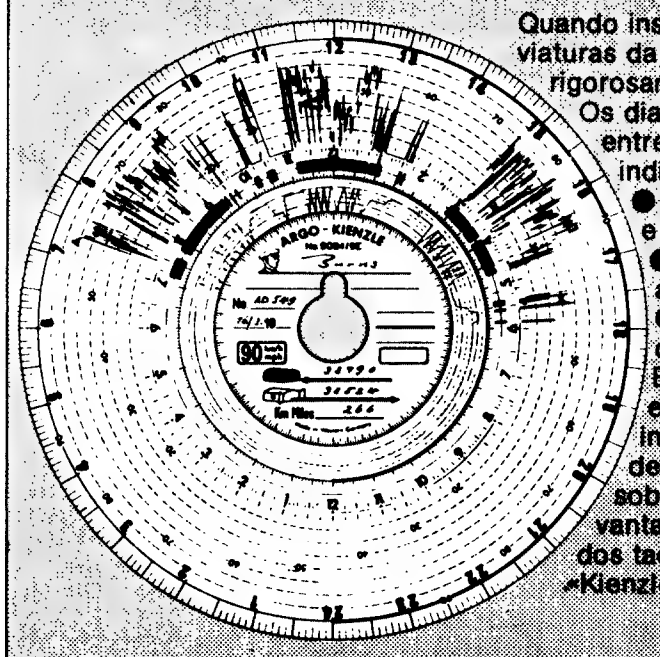
**MISSA DO 30.º DIA**

Sua família participa que amanhã, dia 23, será celebrada Missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de N.ª S.ª de Fátima, pelas 12,30 horas.

Ennes Costa, Ld.ª

Pagar-se-ão a si próprios

Kienzle ARGO



Quando instalar tacógrafos Kienzle nas viaturas da sua frota poderá controlá-las rigorosamente do seu gabinete.
Os diagramas fornecer-lhe-ão, entre outras, as seguintes indicações:
● Tempos de marcha e de paragem
● Velocidades atingidas
● Forma de conduzir dos motoristas.
Envie-nos o talão e receberá informação detalhada sobre as vantagens dos tacógrafos «Kienzle»

Firma
Título
Nome
Morada
Localidade
Soc. Lubrificantes Inglesas, Lda.
Av. Praia da Vitória, 73-A
Lisboa
Telef. 53 25 74

SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA. — Av. Praia da Vitória, 73-A — Telef. 53 25 74 — Lisboa
AGENTES NO NORTE — Mário Cardoso e Filho, Lda. — Rua Manuel Carqueja, 54 — Porto

# LIVROS RECEBIDOS

## EDITORA ARCÁDIA

CHACAL
Frederick Forsyth
Tradução de Hermano Neves
Colecção Encontro Especial — n.º 16

## EDITORIAL FUTURA

O SECRETO ADEUS — 2.ª edição
Baptista-Bastos

## EDITORIAL VERBO

A HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA — II volume
Joaquim Veríssimo Serrão
Colecção Presenças — n.º 18

A ARTE DE AMAR (1948-1962)
David Mourão-Ferreira
Prólogo do autor
Estudos críticos de João Palma-Ferreira e Eduardo Prado Coelho

O SURREALISMO
Sarane Alexandrian
Tradução de Adelaide Penha e Costa
Colecção Movimentos e Escolas

A EVOLUÇÃO DO HOMEM
David Pilbeam
Tradução de Hermano Soares
Coleção **Biblioteca Ilustrada da Conhecimento Científico**

A ARTE EM PORTUGAL — II volume
Flórido de Vasconcelos
Colecção Verbo Juvenil

A VIDA DE MARCONI
Patrick Pringle
Tradução de Maria Selene Santos
Colecção Biblioteca da Juventude

OS 6 E A SCOTLAND YARD
P. J. Bonzon
Tradução de Ângela Roma
Colecção Biblioteca da Juventude

O MEU LIVRO DE LABORES
Versão portuguesa de Ângela Roma

O LIVRO-JOGO DA FLORESTA
Alain Grée
Ilustrações de Luís Campos
Versão portuguesa de Maria Adozinda
Colecção Livro-Jogo

O LIVRO DE OURO DAS FÁBULAS
Organização e prefácio de Ricardo Alberty
Ilustrações de Benvenuti
Colecção Grandes Tesouros da Literatura Infantil

AS PLANTAS
Texto e ilustrações de Alain Grée
Versão portuguesa de Maria Adozinda
Colecção Imagem — n.º 19

OS SALTIMBANCOS
Texto e ilustrações de René Hausman
Versão portuguesa de Maria Guerne
Colecção Cavalinho — n.º 11

O TAPETE VOADOR
Texto e ilustrações de Kiko
Versão portuguesa de Noémia Seixas
Colecção Cavalinho — n.º 12

A EUROPA
Álbum de Actividades — Filatelia — n.º 5

ANIMAIS DOMÉSTICOS
Álbum de Actividades — Filatelia — n.º 6

## LIVRARIA BERTRAND

ALENTEJO DESENCANTADO — 2.ª edição (revista e ampliada)
Mário Ventura
Colecção Documentos de Todos os Tempos

## LIVROS DO BRASIL

MANDALA
Pearl S. Buck
Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues
Colecção Dois Mundos — n.º 114

AGÊNCIA DE MÁGICOS
Robert A. Heinlein
Tradução de Eurico Fonseca
Colecção Argonauta — n.º 190

## PORTUGÁLIA EDITORA

EDUCAÇÃO SEXUAL
Nicole Sentilhes
Tradução de Albano Estrela

## SEARA NOVA

INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS EM PORTUGAL
Luís Salgado de Matos
Colecção Que País? — n.º 1

COMO TRABALHAM OS NOSSOS ESCRITORES?

# ARY DOS SANTOS: "CONSIDERO-ME UM POETA DO POVO"

Entrevista conduzida por
**JOSUÉ DA SILVA**

José Carlos Ary dos Santos

. José Carlos Ary dos Santos não é só poeta pela maneira como escreve a sua poesia. É-o também pela maneira como a diz. Aliás, como veremos e ele próprio nos afirma. Ary dos Santos não sabe escrever poesia sem a dizer. «Enfant terrible» da nossa praça literária, polémico e controverso, Ary sempre dá que falar. Mas, desta vez, queremos dizer, neste depoimento, Ary não vem a terreiro defender ou atacar, o quer que seja. Vem apenas e muito simplesmente conversar connosco e descrever-nos um pouco da sua intimidade de poeta. Começamos:

. — Tens um método de trabalho?

. — **Direi que não. Para começar, confesso que tudo quanto seja um sistema rígido (e um método é quase sempre levado ou tomado como tal), é contrário à minha natureza. A não ser que se possa chamar método ao que acontece e me acontece quando faço poesia, embora eu preferisse dar-lhe outro nome. Porque preconceber, programar, arquitectar a longo ou a curto prazo, não é coisa de que eu seja capaz.**

— Mas existe em ti um comportamento no momento de criares...

— **Isso, isso. Tenho realmente uma determinada maneira de me comportar diante do momento em que me dou à minha poesia. Este comportamento coincide, muitas vezes, (o que talvez seja um sintoma da minha impulsividade e de uma certa agressividade que sempre mantenho e que forçosamente se reflectirá naquilo que escrevo), com um deixar-me ir na corrente. Na corrente da ideia e da fogosidade com que me atrevo e encarar o que escrevo ou o que me atrai. No entanto, parece-me que, apesar disto, algo fica fora de dúvida: mesmo em plena impulsividade há uma direcção que eu respeito.**

Ary não reconhece «rituais» no seu trabalho de poeta. Diz-nos ele:

. — **Se eu dissesse** ritual, **como que estava a enfatuar o que me acontece. Mas podem, de facto, suceder coisas estranhas quando me ponho a fazer poesia. Sempre que de repente penso que tenho de escrever um poema, a primeira coisa que me ocorre é ficar completamente isolado. Isolado, só, no mais puro sentido do termo. Corro com toda a gente do meu território, sejam familiares, amigos ou até a empregada doméstica. É a única forma de eu me sentir à vontade para conseguir criar, conceber, desesperar-me ou alegrar-me sobre o papel. Às vezes olço música enquanto escrevo. E que mais? Vulgarmente faço-me acompanhar de um copo de qualquer bebida mais espevitante, mas... atenção!... não me embebedo (gostaria que esta frase se escrevesse como eu a deixo no teu gravador), como dizem para aí certos adoradores da cretinice bacoca na qual se fala muito dos bifes e dos alcoóis do Ary.**

Dá uma grande risada, uma risada que soa como um soco na face abstracta (abstracta para nós), da tal «cretinice bacoca». E adianta:

. — **À medida que escrevo vou dizendo alto os meus poemas, dito-os a mim próprios e volto a lê-los alto depois de os ter escrito. Verso por verso. Chego mesmo a dizê-los tão alto como se estivesse a declamá-los em público ou ainda mais alto. Não se trata de um exibicionismo preconcebido, nada disso. Gosto de ouvir os meus versos, escolhendo-os no ritmo da voz. Acho que a poesia tem de ser ouvida pelo autor passo a passo, linha a linha. Claro que eu talvez exagere ou talvez não. A verdade é que por via disso, quando escrevia o meu primeiro livro publicado «A Liturgia do Sangue», morava eu num pequeno apartamento, os meus gritos alertaram de tal maneira os vizinhos que um deles veio, muito aflito, bater-me à porta, a perguntar-me se eu estava bem, se precisava de alguma coisa.**

— Consideras-te um poeta repentista? Atiras os teus versos para o papel e confias na primeira forma? Ou reescreves tudo?

. — **Talvez ao fim e ao cabo seja um repentista. Quase sempre trabalho de noite, um pormenor que ainda nos faltava. Começo a escrever um poema e não o largo enquanto não o considero pronto. Geralmente levo quatro, cinco, seis ou mais horas com um só poema. Isto quer dizer que o trabalho bastante até lhe encontrar a forma final, aquela que eu considero como forma ideal. Mas sem interrupções, sempre sob o ímpeto original do acto puramente criativo que me levou a pegar na caneta. Leio-o, releio-o (em voz alta, já o disse), corrijo, volto a ouvir-me, volto a corrigir-me. Se consigo atingir a perfeição que me permito exigir-me, fico satisfeito, dou-o por acabado e pronto para ser publicado, falado ou escrito. Porém, se não me sai perfeito dentro deste tempo de gestação, deito-o fora e não penso mais nele. Serei portanto um impulsivo com uma boa dose de autocrítica bastante atenta. Acrescento ainda que nunca dei um poema por acabado ao fim de meia hora ou de uma hora. Nem sei como isso se faz. Ou sei e não me interessa fazê-lo. Exijo-me profundamente.**

— Como colocas tu a tua própria poesia na circunstância que te cerca?

— **Pois... coloco-a no lugar que julgo que ela tem: o lugar de uma poesia importante no contexto da poesia portuguesa dos nossos dias, não importante pelo valor literário que possa possuir (não é isso o que se está aqui agora a avaliar, reservemos essa tarefa aos críticos), mas pelo testemunho que pode conter, pela forma actuante e actual como pode chegar às pessoas. Estes aspectos da minha poesia são para mim de uma importância enorme. Tem-me dado muita alegria ver a maneira (sentir, diria melhor e sentir de um modo inimaginavelmente profundo) como as pessoas recebem os meus poemas, sobretudo quando os digo, não ao nível dos salões literários mais ou menos aristocráticos ou burgueses ou nas casas de fado, e sim diante de uma multidão anónima, diante do povo de que sou mais um. Guardo experiências extraordinárias. Inclusivamente, recordo-me sempre com certa emoção de uma vez em 1969, dizer a minha poesia num palheiro.**

— Que importância dás tu à crítica?

. Outro dos largos e «ingénuos» sorrisos do Ary. E eis que nos pergunta:

. — **Mas isto também é para gravar?**

. — Claro.

— **Está bem, então eu vou-te dizer que, hoje, dentro do nosso panorama de crítica, os únicos críticos que considero verdadeiramente são um Óscar Lopes, um Eduardo Prado Coelho, um João Gaspar Simões e... quem mais? Não me lembro.**

— Pensas que a tua poesia pode ultrapassar as fronteiras portuguesas? Melhor: gostarias que tal acontecesse?

— **Sem dúvida. E creio que isso nem sequer seria difícil.**

— O que sentes quando enfrentas o público?

. — **Uma imensa, indiscritível emoção. Já o disse há pouco, não disse? E dou tanto de mim próprio, que no fim de cada sessão, acreditem, me sinto estoirado, esgotado. De resto, como autor de poemas e «diseur» desses mesmos poemas, poder-se-ia afirmar que eu tenho dois públicos, não é verdade? E, no entanto, não sei bem se será assim. Eu creio que o público que me ouve, também me lê, pelo menos em grande parte. Hoje já se compra muito mais poesia do que há uns anos atrás. E por falar nisso... Não, não me vou arvorar em impulsionador de coisa nenhuma, mas tenho de lembrar que o facto de eu me meter em festivais de canção e arrastar comigo poetas que doutro modo talvez nunca lá fossem, conquistou público para a poesia. Público comprador, quero eu dizer. Esse público escuta uma canção, decora a letra, pretende conhecer melhor o poeta, vai comprar um seu livro. E embora durante muito tempo se tivesse pensado que a vulgarização do poeta ao nível do cançonetismo era um atentado à sua sagrada missão de poeta, a partir de determinado momento parece que deixou de se pensar assim.**

Ary, poeta, Ary «diseur», Ary redactor de publicidade. **Os dois** primeiros **Arys**, parece que se fundem perfeitamente, completando-se. Mas o Ary redactor de publicidade não prejudicará o evento da criação, não se intrometerá, grosseiramente, no trabalho do poeta?

. **Naturalmente** diz-nos Ary quando lhe fazemos a pergunta — **que o bom seria não termos de trabalhar para comer, não achas? É claro que o facto de ser redactor de publicidade, me prejudica. Sobretudo em tempo. Mais ócios, mais poesia. Porém, sob o ponto de vista de capacidade criativa, a publicidade não é, de maneira nenhuma, a morte do poeta. Até pelo contrário. O trabalho de redactor publicitário envolve muita técnica que tem, quanto a mim, algo que se aproxima da poesia. Evidentemente que a linguagem publicitária, como conteúdo, não é nada e até se escrevem coisas perfeitamente negativas. Mas no aspecto de ligações formais, garanto que há muito paralelismo formal entre a linguagem poética e a linguagem publicitária. Por exemplo, a procura da síntese, a procura de uma linguagem eminentemente sonora, a importância dos sons, as aliterações, as rimas, o impacto que é preciso dar em poucas palavras, por tudo isto acho que, sob o ponto de vista formal um «slogan» não se distanciaria assim tanto de um verso. De resto, a prática da técnica publicitária, serviu-me não exactamente para ser melhor poeta, que não é esse o caso, mas para servir melhor as minhas inclinações.**

— Ary, uma última pergunta: qual a designação que gostarias mais para o poeta que existe em ti?

. José Carlos nem pensa:

. — **Calculas, não é verdade? Eu considero-me um poeta do povo. Era assim que gostaria que me chamassem. Espero só que no fim desta nossa conversa e nesta minha última resposta, não se confunda poeta do povo, com** poeta popularucho. **Os tais adoradores da cretinice bacoca são muito capazes de tal.**

CANDEEIROS E LUSTRES
ARTÍSTICOS
PAC
Distribuidor exclusivo:
URBANO CLEMENTE MIRANDA
RUA ANDRADE, 18-20 - TEL. 839018/9/0 - LISBOA
visite o stand exposição, aberto de segunda a sábado

FITAUTO
LIMITADA
SERVIÇO ESPECIALIZADO FIAT
MECANICA ● ESTAÇÃO DE SERVIÇO
BATE-CHAPA ● PINTURA ● PEÇAS
ACESSÓRIOS
AV. ELIAS GARCIA, 22-A — TEL. 76 23 55 - 76 01 13
— LISBOA —

SENSACIONAL...

| | |
|---|---|
| Sofás cama - Tipo Belga | 1800$00 |
| Balanças - Casa de banho | 150$00 |
| Torradeiras | 180$00 |
| Frigoríficos 140, L. | 1790$00 |
| T. V. 2 canais | 3390$00 |

FILIAL SUPERMANOS
ESTRADA DE BENFICA, 705

um ESTILO NOVO

TAPETES PERSAS *

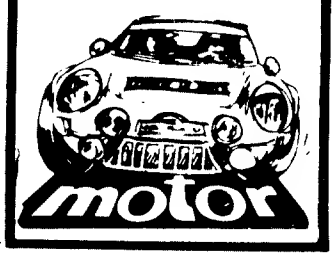
A PREÇOS REVOLUCIONÁRIOS

*COM CERTIFICADOS DE ORIGEM

A PERSIA ANTIGA

R. da Imprensa Nacional 116-B (à Esc. Politécnica) Lisboa 2 — Telef. 674493

LEIA O JORNAL




# COMPANHIA PRESTAMISTA PORTUGUESA, S.A.R.L.

## CAPITAL 6 000 000$00 ESCUDOS

## RELATÓRIO E CONTAS DA ADMINISTRAÇÃO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

## 49.º EXERCÍCIO — ANO DE 1972

Rua dos Correeiros, 92-1.º — LISBOA - 2 — Telefones: Expediente 32 74 04 — Administração 36 77 59

### RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

Vimos submeter à apreciação de VV. Ex.as o balanço e contas referentes ao ano de 1972 (49.º exercício).

Empréstimos — No decorrer deste exercício voltou a diminuir a quantidade de contratos, menos 7537, e a subir o seu valor, mais 848 contos, tendo-se a sua existência fixado em cerca de 12,9 milhares de contos.

Fazendas gerais — O movimento desta rubrica manteve-se no nível do ano anterior. Apesar de as vendas de objectos de ourivesaria terem sofrido uma baixa importante, devido ao preço do ouro, que atingiu valores antes não alcançados, e, ainda, sobrecarregado com o elevado I.T., provocou um retraimento da clientela, que foi, no entanto, compensada pela maior venda de artigos utilitários. Devido à subida, também, do preço destes, a existência total fixou-se em mais 4,6 centenas de contos.

Situação financeira — Só nos últimos dias do ano afluiu à tesouraria numerário em quantidade que permitiria a liquidação de alguns abonos. Todavia, não se procedeu a qualquer reembolso na previsão de encargos a curto prazo.

Estatutos — As alterações aprovadas pela assembleia geral extraordinária de 21 de Dezembro de 1971 foram sancionadas superiormente e a respectiva escritura outorgada em 12 de Abril.

Capital — Em reunião conjunta dos conselhos de administração e fiscal, foi resolvido, por unanimidade, elevar o capital para 10 000 contos. O requerimento a solicitar a indispensável autorização deu entrada na Direcção-Geral da Fazenda Pública em 19 de Dezembro.

Provisão — Não nos tendo sido liquidado, até ao fim do exercício, o imposto complementar referente ao ano de 1971, resolvemos constituir uma provisão de 25 000$.

Resultados — Nas receitas, todas as rubricas revelaram aumentos, alguns substanciais.

Nas despesas, quase todas as rubricas apresentaram subidas, sendo as mais relevantes as que se referem aos honorários dos corpos gerentes, mais 158 contos; ordenados e subsídios aos empregados, mais 85 contos; Previdência, mais 16 contos; seguros, mais 17 contos; juros pagos, mais 20 contos, sendo os restantes de menores importâncias ou inferiores ao ano anterior.

Distribuição — Para o saldo disponível, na totalidade de 1 558 227$30, sugerimos a distribuição seguinte:

| | |
|---|---|
| Para reserva variável | 200 000$00 |
| Para reserva para prejuízos eventuais | 100 000$00 |
| Para dividendo | 960 000$00 |
| Para cumprimento do n.º 3.º do art.º 32.º dos estatutos | 154 800$00 |
| Para cumprimento do n.º 4.º do mesmo artigo | 46 440$00 |
| Para conta nova | 96 987$30 |
| | 1 558 227$30 |

Finalizando, expressamos ao vosso digno conselho fiscal os nossos louvores e agradecimentos pela sua valiosa colaboração.

O nosso guarda-livros e, de uma maneira geral, todos os empregados merecem os nossos agradecimentos, pelo interesse e boa vontade com que actuaram.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1973.

Os Administradores

aa) Albino da Costa Couto — presidente
Abel Soares Pinheiro
António Martins Amado

### Balanço geral em 31 de Dezembro de 1972

#### ACTIVO

DISPONÍVEL E REALIZÁVEL

| | | |
|---|---|---|
| Caixa | 247 284$90 | |
| Depósitos à ordem | 642 083$20 | |
| Penhores | 12 892 350$00 | |
| Fazendas gerais | 2 463 971$00 | |
| Devedores e Credores | 28 059$80 | 16 273 748$90 |

IMOBILIZADO

| | | |
|---|---|---|
| Edifícios | 2 241 610$00 | |
| Valor amortizado | 441 610$00 | 1 800 000$00 |
| Instalações | 953 855$80 | |
| Valor amortizado | 649 482$20 | 304 373$60 |
| Gastos plurienais | 17 708$00 | |
| Valor amortizado | 5 897$00 | 11 811$00 — 2 116 184$60 |

CONTAS DE ORDEM

| | | |
|---|---|---|
| Valores em caução | 180 000$00 | |
| Valores em depósito | 3 036 800$00 | 3 216 800$00 |
| | | 21 606 733$50 |

#### PASSIVO

EXIGÍVEL

| | | |
|---|---|---|
| Devedores e credores | 48 109$80 | |
| Accionistas c/ abonos | 5 874 930$00 | |
| Dividendos a pagar | 83 666$40 | |
| Provisão para contribuições a pagar | 25 000$00 | 6 031 706$20 |

CAPITAL E RESERVAS

| | | |
|---|---|---|
| Capital | 6 000 000$00 | |
| Reserva legal | 3 000 000$00 | |
| Reserva variável | 1 100 000$00 | |
| Reserva para prejuízos eventuais | 700 000$00 | 10 800 000$00 |

RESULTADOS

| | | |
|---|---|---|
| Saldo do ano anterior | 9 434$69 | |
| Resultado do exercício | 1 548 792$61 | 1 558 227$30 |

CONTAS DE ORDEM

| | | |
|---|---|---|
| Credores por valores em caução | 180 000$00 | |
| Credores por valores em depósito | 3 036 800$00 | 3 216 800$00 |
| | | 21 606 733$50 |

### Ganhos e perdas do exercício de 1972

#### DÉBITO

| | |
|---|---|
| Custos de mercadorias em «Fazendas gerais» | 2 956 781$50 |
| Encargos fiscais e parafiscais | 656 593$00 |
| Encargos com os órgãos sociais | 234 000$00 |
| Remunerações e outros encargos com o pessoal | 1 262 360$00 |
| Outros encargos e despesas | 1 183 197$95 |
| Amortização de instalações | 90 420$10 |
| Amortização de gastos plurienais | 5 897$00 |
| Provisão para contribuições a pagar | 25 000$00 |
| Saldo disponível | 1 558 227$30 |
| | 7 972 476$85 |

#### CRÉDITO

| | | |
|---|---|---|
| Saldo do ano de 1971 | 1 581 934$69 | |
| Aplicação aprovada na assembleia geral de 15/3/1972 | 1 572 500$00 | 9 434$69 |
| Proveitos de mercadorias em «Fazendas gerais» | | 3 583 145$60 |
| Rendas de casa | | 124 260$00 |
| Juros e taxas de avaliação | | 3 231 570$20 |
| Outras receitas e lucros | | 1 024 066$36 |
| | | 7 972 476$85 |

O Técnico de Contas,

a) André Garcia de Carvalho

Os Administradores

aa) Albino da Costa Couto — presidente
Abel Soares Pinheiro
António Martins Amado

### PARECER DO CONSELHO FISCAL

Excelentíssimos Senhores

Em obediência às disposições legais e estatutárias, vimos apresentar a VV. Ex.as o nosso parecer sobre o relatório, balanço e contas respeitantes ao exercício de 1972.

Ao longo do ano acompanhámos, atentamente, a actividade da administração, que, de forma solícita, sempre nos forneceu os esclarecimentos de que necessitámos para o cabal desempenho da nossa missão.

No decurso do exercício procedemos, periodicamente, a verificações e exame dos livros, registos contabilísticos e documentos, tendo encontrado tudo em perfeita exactidão.

Os critérios valorimétricos adoptados, dentro dos mesmos princípios dos exercícios anteriores, conduzem a uma correcta avaliação do património e traduzem os resultados conseguidos.

É-nos grato, portanto, afirmar que tanto o balanço como a conta de «Ganhos e perdas» e o relatório da administração satisfazem inteiramente as disposições legais e estatutárias.

Consequentemente, e agradecendo as palavras amáveis que a administração nos endereça no seu relatório, temos a honra de vos propor:

1.º Que aproveis o relatório, balanço e contas do exercício de 1972;
2.º Que aproveis a proposta da administração para a distribuição dos lucros;
3.º Que consigneis um voto de muito merecido louvor à administração pela forma inteligente e criteriosa como conduziu os negócios da Companhia;
4.º Que aproveis um voto de agradecimento ao pessoal pela dedicação manifestada.

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1973

O Conselho Fiscal

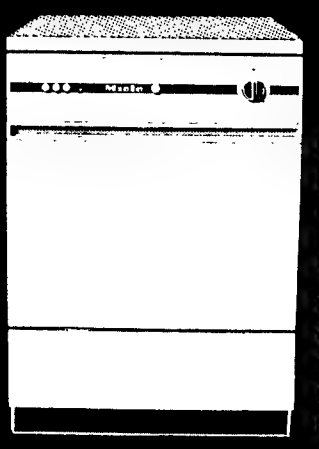
aa) Mário André Boturão — presidente
Fernando Marques Peres
Custódio da Silva

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Tavares S. Ferreira, R. Dr. Francisco Borges Cruz — LAGARES DA BEIRA

Máquina de lavar louça G 220 UNIBODY



"Unibody" — um novo sistema de fabrico da MIELE! Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele®

Agente oficial:

M. L. FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A

TELEFONE 5 89 58

LISBOA

SHER — Sociedade Hidro-Eléctrica do Revuè

S. A. R. L.

Sede: Avenida Cinco de Outubro, n.º 95-2.º LISBOA

Capital realizado: 250 000 000$00

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

3.ª Emissão — 40 000 000$00 — 5 % — 1956
4.ª Emissão — 35 000 000$00 — 5 % — 1957
5.ª Emissão
1.ª e 2.ª fases — 65 000 000$00 — 5 % — 1959
7.ª Emissão — 15 000 000$00 — 6 % — 1967

No dia 26 do corrente mês de Março, pelas 10 horas, proceder-se-á, na Sede Social, ao sorteio de 800 obrigações da 3.ª Emissão, 603 obrigações da 4.ª Emissão, 457 e 533 obrigações, respectivamente, da 1.ª e 2.ª fase da 5.ª Emissão e 100 obrigações da 7.ª Emissão.

Estas obrigações serão amortizadas pelo seu valor nominal a partir de 1 do próximo mês de Abril, conforme consta dos respectivos quadros de amortização e juros.

Lisboa, 16 de Março de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Viaje para Espanha com o seu carro... de comboio

de 9 de Junho a 15 de Outubro

Serviço Auto *Expresso*

Lisboa-Madrid, com ligação para as principais cidades de Espanha

Caminhos de Ferro Portugueses

CP 2A 55

# Ms.

. Numa casa de artigos fotográficos em Washington. Uma senhora entrega um filme para revelar.

— O nome?, quer saber a caixeira.

— Ms. R.

Escrevo Ms. porque agora sei que é assim que deve ser, mas na altura parecia-me qualquer coisa como Mzzz, o zumbir dum moscão, difícil de reproduzir na escrita. Era mais duro, mais agressivo do que os habituais Miss e Mistress.

. . Mas a empregada sorriu, dir-se-ia satisfeita e familiar como quando alguém ouve a senha da sua seita.

Intrigada, saí para a rua e, como acontece com frequência quando alguma coisa ocupa o nosso espírito — porque também o acaso tem as suas leis — os meus olhos caíram sobre aquilo em que estava a cismar: «**Ms**». Era o título duma revista de capa vistosa. Concluí que a senhora na loja dissera «Ms. R.»

. Comprei a revista e no pequeno coffy-shop onde se comem «hamburgers», feitos de não sei quantas maneiras (mas que sabem todos ao mesmo), pus-me a folhear o periódico.

Julgava ter adquirido uma dessas publicações femininas tão divulgadas nos Estados Unidos e também em muitas outras partes do Mundo, em que as receitas de cozinha, as modas e as historietas fáceis preenchem a maioria das páginas. Tanto mais fiquei surpreendida com o que se me ofereceu: artigos de fôlego como «Ms. e as artes», «Romances autênticos sobre mulheres autênticas», «Um guia negro para gente branca» (um trabalho desempenado contra toda a espécie de preconceitos racistas), o corpo da mulher, e o intelecto da mulher», «Notas do estrangeiro: o que as mulheres francesas pretendem» (da autoria de Claude Servan-Schreiber); «Sobre Angela Davis» «Poesia e ficção» (com um extenso artigo sobre Silvia Plath); uma bela história para «crianças livres» etc. etc. Uma revista de qualidade invulgar ou mesmo inédita entre a avalanche das «revistas femininas». Reparei que todos os artigos eram assinados por mulheres. Mas por que razão aquele «Ms»? E porque razão a senhora na loja se intitulava Ms.? Resolvi investigar. Chegada à casa onde me instalava, perguntei à minha anfitriã se ela era Miss, Mrs. ou Ms.

— Ms. respondeu com essa pronúncia agressiva que eu já ouvira na loja, e depois perguntou rindo: — Julgava-me uma bota de elástico?

. Contei-lhe a cena da caixeira e da freguesa e mostrei-lhe o exemplar da revista. Imediatamente foi buscar outros exemplares de alguns meses anteriores que viriam a constituír a minha leitura para as várias noites em que não chegava a casa cansada demais.

A senhora, compreendendo o meu interesse, explicou-me a revista «Ms» era o porta-voz mais eficiente do «Women's Liberation Movement», popularmente chamado Women's Lib», E que todas as simpatizantes do movimento adoptavam o «Ms». O que ela não sabia era donde vinha aquele tratamento. Mas no dia seguinte pôs-me em contacto com outras mulheres do movimento. Houve conversa longa, viva, para mim revelante pois fez-me compreender, como nunca antes, a espantosa complexidade dum país como os Estados Unidos onde o abominável contrasta com o excelente, onde as nossas impressões mais pessimistas se revezam com as mais optimistas. Acabei por fazer uma assinatura de «Ms» e fui contemplada com uma pilha de outro material impresso. Embora seja difícil resumir, num artigo de jornal de espaço limitado, coisas de vulto e de importância, vou tentar dar uma ideia das informações que colhi.

**Ms.** é a contracção de Miss e Mrs. e está, há quase meio século, em uso na terminologia das repartições americanas para os casos em que não se torna fácil saber se uma candidata a determinado emprego é casada ou solteira, de modo que se escolheu, para evitar eventuais ofensas, o tratamento de Ms. nas respostas escritas. Ora, o «Women's Lib» resolveu aproveitar-se daquele tratamento como protesto contra uma discriminação unicamente usual em relação ao sexo feminino, pois o homem, casado ou solteiro, é sempre «Mister», o que, dizem elas, está certo, pois ninguém tem nada a ver com a vida particular dos outros.

«Women's Lib» representa, de há mais ou menos seis anos para cá, a par das lutas para a promoção dos negros, o movimento mais revolucionário nos Estados Unidos. E já conta com muitas adeptas e simpatizantes em países europeus. Mas, como não pode deixar de ser, tem tantos — ou mais? — inimigos como amigos (e mesmo inimigas) e será difícil dizer quais os mais ferverosos. Os fins do movimento são de vária ordem, mas todos sem excepção, dirigidos contra a supremacia do homem.

Pode, à primeira vista, parecer estranho ou mesmo pouco sincero, haver tal movimento num país como os Estados Unidos onde — segundo consta — a mulher tem o que quer, põe e dispõe, é caprichosa e desumana e até submete o homem ao papel degradante de «pobre diabo» o que, por isso, nos Estados Unidos existe um matriarcado. «Matriarcado» neste caso é utilizado como sinónimo de «reino da mulher» ou «inferno do homem».

Mas a mulher, em qualquer parte do Globo, que tiraniza o marido ou toda a família, não passa duma mulher cuja autêntica satisfação é quase nula. Como na sua limitadíssima esfera de actividade fica privada duma participação nos problemas do mundo exterior e como a isso, na maior parte das vezes, se alia o logro dos sonhos duma vida conjugal idealizada, tenta dominar, adentro do espaço que «lhe pertence», as pessoas que com ela coabitam. O seu caso assemelha-se ao do empregadinho constantemente inferiorizado pelos superiores e que, junto dos familiares, arma em soberano imperioso vingando-se, desta maneira, da sua vida profissional fracassada. O problema tem de ser analisado sob este prisma se não queremos cair nas opiniões banalisadas do reaccionarismo.

Se a mulher americana, comparada à mulher de uma série de países subdesenvolvidos, tem conquistado mais direitos do que esta, a verdade é, no entanto, que a sua situação, relativamente ao desenvolvimento técnico e económico do seu país, corresponde a um notável atraso. Dizer à mulher americana: «Olha para a marroquina, ainda de véu, e dá-te por satisfeita com a situação de que beneficias» é o mesmo que aconselhar um operário que reivindica melhor salário a olhar para o mendigo e a dar-se por feliz. Cada estrutura tem os seus problemas específicos e aquilo que o estrangeiro superficialmente regista na América acerca da mulher ou que o americano do **establishment** (em tom de queixume) divulga, não passa, no primeiro caso, de ilusão e, no segundo, duma longa deformação educacional (como acontece em toda a parte do Mundo).

Segundo as estatísticas, cerca de 50 por cento das mulheres americanas trabalham em profissões. Mas apesar duma tão alta participação na vida produtiva nacional, a desigualdade de salários é surpreendente. Há casos em que a mulher ganha, pelo mesmo trabalho, menos 2 dólares por hora do que o homem e isso apesar de em 25 Estados estar fixado por lei: pelo mesmo trabalho o mesmo salário. Os patrões, na sua maioria, têm conseguido furar a lei aproveitando-se do conformismo das mulheres, que aceitam as condições oferecidas com receio de perderem a oportunidade do emprego. Mas cada vez mais mulheres começaram a aderir ao «Women's Lib» pois apoiando-se no grupo têm mais coragem para reclamar os seus direitos.

Nos Estados Unidos, como aliás em quase todos os outros países chamados civilizados, a mulher é levada a ocupar «profissões femininas» o que, quase sempre, é sinónimo de «profissões de salário inferior». Mas profissões bem pagas como por exemplo, a de docente universitária, há 22 por cento de mulheres, na de médico 7 por cento, na de advogado 3 por cento, mas em contrapartida há 66 por cento no professorado ao nível da escola primária e do liceu; a percentagem é ainda mais alta no ramo hoteleiro, restaurantes, etc. Para além disso a mulher negra ganha menos do que a branca.

Esta situação da mulher que ocupa os lugares de salário mais baixo repete-se em toda a parte do Mundo e mesmo nos países socialistas. Simone de Beauvoir, numa entrevista dada à «Ms» explica que, depois de sérios estudos na Rússia, chegou à conclusão de que o problema da mulher só pela própria mulher pode ser resolvido, pois também naquele país os homens empurram as mulheres, do mesmo modo, para os lugares de salário inferior ao dos homens: no ensino primário, pessimamente pago, a grande maioria são professoras e na medicina — profissão mal remunerada — há 75 por cento de mulheres etc. Foi esta a razão que levou Simone de Beauvoir a aderir ao «Women's Lib».

Nos Estados Unidos falta uma boa engrenagem de creches e de parques infantis. Por isso muitas mulheres trabalham em regimem de «part-time», o que tem para elas o inconveniente de serem consideradas «provisórias» e de não beneficiarem do mesmo modo das vantagens das leis sociais.

É um facto conhecido e até muito invejado que a lei americana contempla a mulher divorciada com vantagens que a mulher europeia não tem e, em alguns países, nem sonha, mas se conhece «o pormenor» de o homem ter apenas obrigação de ajudar a mulher, de quem vive separado, se ganhar mais do que 310 dólares mensais. Muitas mulheres dessa classe de gente que tem quase sempre os filhos consigo se não estiver profissionalmente muito bem preparada, tem como único recurso a assistência social Mas esta assistência não consente «mau comportamento» da parte delas e acha-se no direito de as vigiar.

Tais situações contrariam flagrantemente as aparências e mesmo as sentenças que, por toda a parte, se pronunciam sobre a situação da mulher americana.

Nos anos 50 Betty Friedan lançou com o seu livro «The Feminine Mystique», um ataque à discriminação dos sexos que causou sensação em todo o mundo e contribuiu largamente para sacudir tanto as mulheres americanas como as de muitos outros países onde as situações são idênticas.

Desde 1967 têm surgido nos Estados Unidos grupos de mulheres que, seriamente, preconizam a melhoria da sua condição. Vários movimentos políticos como os dos «Black Panthers», dos «Young Lords» (porto-riquenhos), dos «Chicanas» (mexicanos) do «Social Worker Party» (de tendências trotskistas) etc., têm-lhe dado o seu apoio. Organizaram-se, em numerosas cidades, centros com consultórios onde as mulheres podem abordar, sem receio de crítica, os seus problemas mais difíceis e onde elas beneficiam das bibliotecas com literatura esclarecedora sobre assuntos sexuais e sociais e, ainda, das salas de convívio.

A luta mais feroz, mais discutida, mas sem dúvida mais eficaz tem sido a do «Women's Lib». As mulheres que fazem parte daquele movimento exigem, para além de salário igual para trabalho igual, a perfeita igualdade sexual; a conquista de posições na vida da nação até há pouco reservadas aos homens; a abolição definitiva de todas as barreiras raciais ou de origem social; a defesa da paz seja onde for, em resumo: uma mulher livre num mundo pacífico, sem preconceitos. Os resultados desta luta, travada pelas mulheres sem o auxílio dos homens têm sido notáveis: no Ministério do Trabalho fez-se uma revisão quanto aos salários das mulheres; no último «Dia dos partidos» (realizado de quatro em quatro anos) já se dontavam 42 por cento de delegados femininos no partido democrático e 34 por cento no republicano enquanto que, nos encontros anteriores, se tinham registado apenas 15 por cento. Em todos os lados se regista um incremento no acesso de mulheres a todos os empregos, com melhores salários do que antes. Mulheres como uma Jane Fonda (membro da «Women's Lib»), duma coragem e duma persistência na sua luta para a paz e contra os preconceitos raciais, hostilizada por uma grande parte dos compatriotas, é no entanto alvo de admiração pela outra parte, a que, no dizer dela, não fecha os olhos a uma série de coisas feias. Gloria Steinem, a directora da revista «Ms», mulher nova, perspicaz e decidida, impõe-se duma forma notável e, tal como Jane Fonda, Angela Davis e muitas, muitas outras mais, contraria fortemente o velho e estafado preconceito de que mulheres reivindicadoras são sempre feias e desagradáveis. O mito da feminilidade: «a verdadeira mulher só se interessa pelo lar e gosta de se manter afastada dos problemas que «preocupam o homem» começa a dar entrada na História ou nos contos de fadas, e isso não só nos Estados Unidos.

**ILSE LOSA**

# DA ENTREVISTA E DA POLÉMICA

. Se se fizesse um esquema para distinguir entre polémica e entrevista, o que esse esquema revelaria a todos os níveis — do enunciado, da enunciação, dos actantes —, é a distância desigual que a palavra comunicativa percorre numa ou noutra: distância menor entre entrevistador e entrevistado, distância maior entre polemista e polemizado, que nunca se encontram **frente a frente**, ou que nunca estão presentes um ao outro, um **com** o outro.

Esse esquema também mostraria claramente a teatralidade da entrevista e da polémica, que é talvez maior do que a dos seus parentes diálogo, teste, inquérito, colóquio, ou debate, tenção, depoimento, sátira, paródia.

Mas essa teatralidade mais se revelaria se se saísse do texto para o contexto da entrevista e da polémica. Para nos ficarmos apenas pela entrevista, subgénero tanto ao gosto do nosso tempo de pressas e de ligeirezas (não se exige que se veja, apenas que se **entreveja**), bastaria pensar nos **dramas** que a rodeiam, e que bem sugerem os livros que já correm sobre a «arte» de entrevistar (v.g.; João Bosco Lodi, **A Entrevista — Teoria e Prática;** Annett Garrett, **A Entrevista — Seus Princípios e Métodos:** o pretexto da entrevista, a escolha do entrevistado, ou do entrevistador, a preparação de um e outro para a entrevista, a marcação da entrevista, o lugar da entrevista, a duração da entrevista, a estratégia e a táctica na entrevista, a publicação da entrevista, os complementos da entrevista, as consequências da entrevista.

Uma tipologia da entrevista, para que Edgar Morin já apontou quando distinguiu (ligeiramente) entre entrevista-ritual (a que autentica o acontecimento), entrevista anedótica (a que se ocupa de frivolidades), entrevista-diálogo (a que implica uma busca comum), e a neoconfissão (a que conta a vida interior do entrevistado), uma tipologia da entrevista, dizia, poderia falar da sua preferência por certos cenários (por exemplo: o salão, o escritório, o café, o hotel — lugares fechados: não tanto a rua ou o jardim, mesmo em tempo de gravadores), por certos personagens (o que chega, o que parte, o que venceu; o que vai fazer, o que está a fazer, o que acaba de fazer; o cantor, o atleta, o artista, o homem de negócios, o intelectual), por certos complementos da sua manifestação (por exemplo: a apresentação do entrevistado, a ligação pergunta-resposta, a conclusão; a foto de perfil, de frente, de meio corpo, de corpo inteiro, seminua, engravatado, de cachimbo, de caneta, sorridente, angustiado, com um fundo de livros, quadros, discos, ao lado do galã, do empresário, do guarda-costas, das fãs).

Curioso seria também indagar das razões que justificam a entrevista (a entrevista como promoção, como autopromoção, como salário, como poupança — produto barato, ao desbarato —, como preenchimento de tempo ou de espaço, como convívio mundano, como informação ou conhecimento, como preguiça ou comodidade — texto fácil e rápido —, como estética ou estilística — vivacidade, interesse). E não menos curioso seria investigar as exigências que o entrevistado faz ao entrevistador (a pergunta, a mesura, a brevidade, a fidelidade na transcrição, o elogio da apresentação ou da conclusão), ou que o entrevistador faz ao entrevistado (a boa reacção às perguntas, a confissão, a sensação, um «cadeau» se possível, a amizade futura), ou que o leitor faz ao entrevistador (que o interrogue sobre a vida secreta, o pensamento secreto, a vida mundana, as ideias que andam no ar), ou ao entrevistado (que responda a essas perguntas, que ataque, que conte histórias, que não diga banalidades, que diga banalidades).

Razão tinha, pois, Roland Barthes para escrever que a entrevista «est entièrement théâtral: l'entretien est le signe emphatique de ceci: à savoir que l'auteur **pense;** la parole est supposée de la pensée à l'état pur, la noter (sans l'écrire) la consacre comme acte responsable, conséquent: je vais consigner votre parole, donc vous pensez: dans l'entretien, l'auteur **fait mine** de penser» (**Tel Quel,** n.º 47, Outono de 1971, p. 105).

Barthes abriu-nos talvez a pista para uma mais importante distinção entre a polémica e a entrevista; enquanto esta parece situar-se essencialmente do lado da **parole** (a verdadeira entrevista nunca é escrita, é sempre oral, ou transcrita), a polémica situar-se-ia do lado da **langue,** pois é sempre escrita (quando oral chama-se geralmente ataque ou debate).

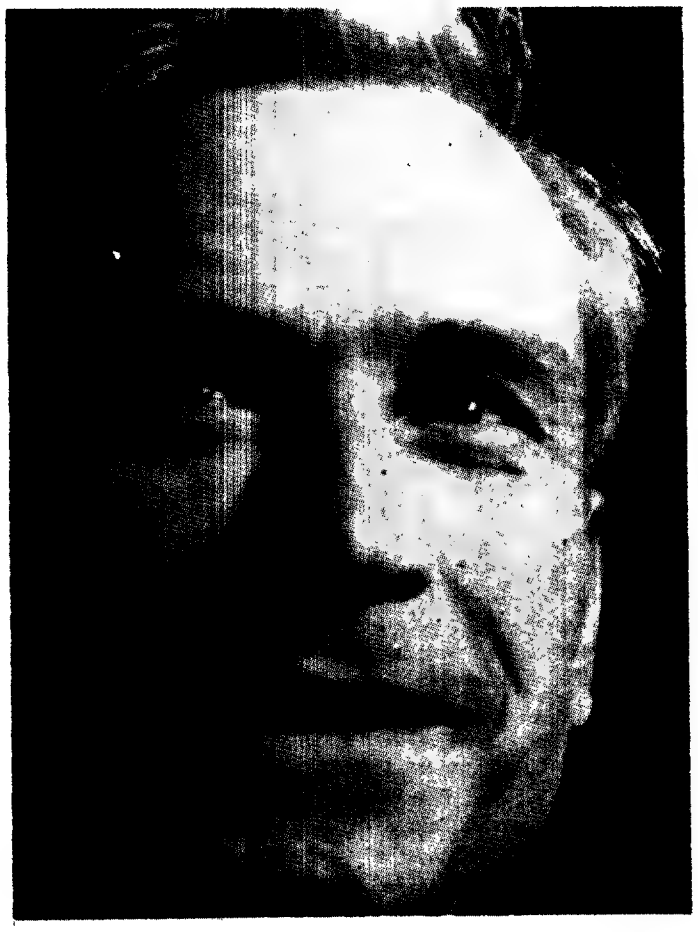
Ora isto equivale de algum modo a negar a teatralidade da polémica; mas, se ela não é essencialmente teatral, ela pode tornar-se teatral no uso que dela fazem quase todos os seus autores (ao nível da enunciação) e no sentido em que somos obrigados a lê-la. Foi a esses autores que Valéry visou quando escreveu: «La révolte écrite devient une comédie» (repare-se na palavra) «de la révolte»; ou então: «Rien de comique comme l'illusion des écrivains qui se piquent de violence, qui écument et croient pourfendre, éreinter, déchirer, foudroyer **sur le papier**» (**Oeuvres-Mauvaises Pensées et Autres** — vol. II, Paris, Pléiade, 1960, p. 895). O seu contemporâneo Fernando Pessoa também aludia ao mesmo, quando aconselhou João Gaspar Simões: «responda como se não houvesse António Sérgio, abstracta e descarnadamente, como se discutisse, em termos geométricos, com Euclides, há muito falecido»; (...) «Por mim, em coisas destas, prefiro ver a frieza absoluta, que trata o adversário como se ele fosse só o que escreveu» (**Cartas de Fernando Pessoa e João Gaspar Simões,** Lisboa, Europa-América, 1957, p. 110 e p. 114).

Foi talvez por essa razão que Fidelino de Figueiredo falou na inutilidade da polémica: «Com os mortos não se deve polemizar e com os vivos não vale a pena» (citado por Carlos Drummond de Andrade, **in Passeios na Ilha;** V. **Obra Completa,** Rio de Janeiro, Aguilar Editora, 1964, p. 662). O que acontece é que, de acordo com o que já atrás foi dito, nunca se polemizam (ou devem polemizar) pessoas, mas tão só personagens, actantes, ideias, doutrinas, representações.

(Do prefácio do livro (**Encontros Des Encontros,** a sair brevemente).

**ARNALDO SARAIVA**

# MIGUÉIS AO ESPELHO



José Rodrigues Miguéis

Feito de crónicas — «memórias, comentários e ficções», como diz o próprio Autor — o novo livro de José Rodrigues Miguéis parece desprovido de unidade essencial. À primeira vista, estas páginas surgem como reflexos ocasionais e espontâneos do seu poderoso instinto de escritor, como uma espécie de acto lúdico e gratuito que toma como pretexto a experiência, presente ou passada, para lhe extrair o drama ou a sátira, o **humano** em suma — para dizermos tudo (ou nada?) numa das palavras mais ambíguas de que dispomos. (E por que não teria o escritor esse direito, o direito à «diversão literária», pura e desinteressada, se o seu génio prefere esse caminho como forma de expressão plena?)

. Para o leitor mais rigoroso, «Espelho Poliédrico» revela não só uma densa continuidade temática, cimentando cada uma das fracturas aparentes, como também uma intencionalidade «pedagógica» bem determinada, embora sem «mensagem», sem rótulo nem moralidade final de «proveito e exemplo». Além de obra literária de primeira grandeza, «Espelho Poliédrico» é uma tentativa de encontro do escritor com todos nós que somos habitantes da terra onde nasceu e a que pertence.

«Espelho Poliédrico», mais do que um livro memorialístico, é o desfibrar de uma experiência mediante a qual o escritor buscou, a todo o transe, a lucidez, em sucessivas crises, com os traumas inerentes a essa procura. Via dolorosa, «paixão e calvário», Miguéis percorre-os e sofre-os num drama que se adivinha ou pressente através destas páginas. Miguéis sugere, em textos ficcionais, a infância e a alolescência (**Perdigãozinho inocente, A «Madelon» da vazante, O estranho caso dos pardais invisíveis**) numa ressonância evidente de «A Escola do Paraíso»; evoca os anos de aprendizagem e de intervenção, nos tempos do «Núcleo de Ressurgimento Nacional», em vários episódios onde o bom humor tempera não raro as cores do quadro, e, finalmente, os anos de emigração, numa América nem sempre acolhedora nem complacente.

É admirável a forma como Miguéis sabe evitar a predicação doutrinal, deixando ao leitor todo o trabalho de inferência, a partir do quadro ou da entrelinha. Nos «Aforismos e Venenos do Aparício», em moldes do recorte mais puro, Miguéis esboça a articulação reflexiva de muitas destas páginas, o comentário marginal que as enriqueceria ou sobre elas faria uma luz mais crua. É essa, porventura, uma restrição a fazer a este livro: a de nos deixar no limiar de alguns problemas cuja explicitação completa faria destas páginas um documento verdadeiramente «explosivo». Escreve «para estar calado», confessa-nos: Em todo o caso: para dar talvez aos outros um eco de si próprios. Ou para os inquietar...»

Se, em determinado passo de «Espelho Poliédrico» nos diz não sofrer na nostalgia, a não ser a do que não teve ou não aconteceu, se nos diz que o falar o passado é, para si, «principalmente uma operação de desmitificação» acrescenta pouco depois: «Como exprimir (...), renegar ou desmitificar o passado, se eu próprio sou ele, feito dele, da sua confusão? Por isso o detesto! Por isso o exponho e analiso...»

. O seu cepticismo em relação à virtude salvadora dos sistemas, seja em filosofia, seja em política, seja na arte, seja em educação, a visão que nos deixa neste livro sobre a vida e a história (**Um lauto almoço** e **Um Eléctrico chamado Salvador),** através da realidade concreta dos homens, dos seus gestos e atitudes, levar-nos-iam longe de mais do que é possível nas circunstâncias de hoje. Não houvesse «a sagrada ficção» e só o silêncio — ou o meio silêncio — restaria a Miguéis. Mas, se assim fosse, isto é, se o escritor não aceitasse corajosamente o risco da meia-palavra ou da transposição romanesca, como poderíamos encontrar as nossas raízes? A imagem de Miguéis, diante deste **espelho poliédrico,** ressalvadas as inevitáveis incidências de luz, lugar e tempo, é a imagem de muitos de nós. Sem ele, não a veríamos com tanta nitidez — com a nitidez possível para Miguéis e para nós.

**ROGÉRIO FERNANDES**

3

PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

CONDICIONADORES DE AR PHILCO

AR QUENTE — AR FRIO

TEMPERATURA AMENA EM QUALQUER ESTAÇÃO DO ANO!

IMPORTADORES:
Arnaldo Trindade & C.ª Lda.
R. Santa Catarina, 117
PORTO
Rua da Alegria, 122
LISBOA

PHILCO DE FAMA MUNDIAL PELA QUALIDADE

# UM RA NO TRAP DO ABSU

..Vai pobre em ficção este ano literário. A olhos vistos — estatísticas não faço — tem vindo a decrescer a nossa produção novelística.

..Causas? Explicações? Que as estudem os teóricos, os críticos e os sociólogos da Literatura.

..Mas, talvez entre os múltiplos factores de ordem local, temporal e universal, que poderiam definir a conjuntura deficitária (ou de declínio?) da nossa novelística, se pudesse contar certo desamparo da crítica para com os escritores.

..É verdade que esforçada, intrépida, quase abnegadamente, diríamos, um veterano exerce a crítica pública profissionalmente, prestando há longos anos a sua assistência aos escritores literários. E também alguns novos, poucos, se apresentam dotados ou preparados, mas no entanto ainda não se decidiram a uma assistência ampla e regular.

..Nós, os escritores literários (o caso dos científicos é ainda mais deplorável), com pouco mais podemos contar do que com umas quantas notícias de «aparecimento» ou «notas de leitura».

..No entanto vai-se (ou ia-se) tornando necessário começar a olhar demoradamente para os últimos trinta ou quarenta anos, e detectar, definir ou descrever correntes, orientações, convergências e divergências, significâncias e insignificâncias, desistências e sobrevivências, singularidades e generalidades, clivagens e projecções. Seria importante estar atento às **emergências,** independentemente até do seu valor.

..Porque apesar de toda a aludida pobreza, algo parece continuar a emergir. Um jovem ficcionista entra com o pé afoito no campo da narrativa fantástico-absurda, género raro entre nós, que quase não saímos da novela realista, regionalista ou psicolírica. Portanto, por mais não fosse e por isso mesmo, haveria que dar relevo ao evento, situá-lo, interrogá-lo e, precisamente, erigi-lo em **evento,** em **indício de provável emergência.**

..«No País das Lágrimas», de José Viale Moutinho, é um livro de narrativas fantástico-absurdas, desse dito género raro entre nós. Talvez impelido pelo tal desamparo em que nos vemos quase todos (novos e velhos, e uns mais, outros menos) veio o jovem ter comigo e mostrou-me a vontade de que eu tornasse públicas as minhas impressões da leitura do seu livro. Sim, só isso explica que ele pudesse desejar as considerações de quem na verdade mais não poderá dar do que «impressões», sem ironia mas por rigor o digo.

..Em «No País das Lágrimas» deixou este novo escritor uma narrativa a que,

# PAZ ÉZIO RDO

José Viale Moutinho

em minha privada escala de valorizações, dei um **óptimo**: «Na vinha». Aí há depois outras que levam um **bom**: «Porcumanos», «A última aula», «O atleta»; os restantes apanharam apenas um benévolo **suficiente**, para não desencorajar. Conseguir escrever um conto «óptimo», num conjunto de quinze, é felicidade que raramente acontece a um escritor. Aprovo pois José Viale Moutinho neste exame de admissão à profissão de ficcionista. Prognósticos, não os faço.

..E agora digo-lhe daqui que me desagradou o emprego feito das **adversativas, mas porém e todavia** porque isso dá ao leitor — pelo menos deu-me a mim — a impressão de estar a ler **prosa traduzida**, mal traduzida, ou então feita «à maneira de». Os humoristas e ficcionistas do fantástico, que escrevem em língua inglesa, empregam muito essas adversativas, num peculiar jogo de ironia, baseado numa sofismada contraposição de conceitos; mas isso não o conseguiu Viale Moutinho. Que me lembre, não o conseguiu ninguém na nossa literatura, porque, tirando Eça, nós não sabemos trabalhar a **ironia** ao nível do humor crítico, económico e elegante. Não é defeito: não está na nossa psique nacional. Daí corrermos risco extremo quando nos propomos (e aí há um propósito) fazer coisas de arte ou de literatura «à maneira de».

..Também este novo escritor novo encabeçou os capítulos das suas narrativas não com algarismos ou com letras romanas, ou ainda com a designação dos números ordinais, à maneira clássica, mas utilizando o nome dos algarismos escritos por extenso: **um, dois, três.**

..O que perturba — inutilmente — o leitor. Sem querer, é este levado assim a esboçar, para essas «palavras», um significado outro que não o de indicativo ordinal ou cardinal, um significado proto-eidético em trânsito de integração no texto **(discurso)** que vem a seguir. Perturbar, só por perturbar, não vale a pena.

..O conto que ganhou o **óptimo** pareceu-me bem construído, bem dinamizado, continente de um significado susceptível de repercussão na Ética e na Estética: utilmente perturbante. Além de que — característica rara também na nossa literatura — o seu simbolismo, de notável profundidade, está veridicamente apoiado no psíquico; a sua transposição literária de um caso de delírio alucinatório, provocado pelo medo, encontrará comprovação na descrição científica de casos semelhantes da realidade.

..Os contos de **non-sense**, de Viale Moutinho, a que atribuo apenas o benévolo **suficiente**, enfermam, segundo a minha pessoal opção de escritora, de um defeito: o insuficiente atendimento à lógica.

..Quando um autor cria as suas histórias fora da «imitação» da realidade — e dou aqui a esta palavra «imitação» a maior amplitude — nem por isso, ao entrar no campo do maravilhoso ou do absurdo, se deve esquecer ou escusar de objectualizar as coordenadas da inteligibilidade interna do sistema, e também de lançar as **pontes** que permitem a comunicação entre o domínio «sui generis» desse fantástico ou desse absurdo, e a «realidade». Porque uma coisa é a perversão (per-versão) imaginativa, no onírico e na arte das comuns coordenadas **existenciais** em que nos movimentamos na «realidade», outra o «brûler les étapes» sobre a estrada da coerência, ou seja, da necessária apresentação de antecedentes e consequentes, com alguma detença, de quando em quando, para a busca de certos **termos médios** que, por muito disfarçados que os apresentemos, são necessários, e nessa busca e nessa apresentação disfarçados é que está a **arte.** É justamente este o ponto em que esbarram os que julgam que **abolir a discursividade** é abolir a **coerência,** ou os que ao fazerem experimentações linguísticas procedem de modo a cuidar só de **palavras,** deixando o discurso ininteligível, o pensamento incomunicável.

..Podemos plasticizar, por exemplo, a relação espaço-tempo, em todos os sentidos; e movimentarmos, imobilizarmos, desintegrarmos personagens que, por sua vez, poderão ser poliédricas, monolíticas, embrionárias, residuais, fragmentárias, oclusas, desfenestradas, expansivas, explosivas; recorrer a simbolismos de todos os níveis. Tudo nos será permitido, penso, desde que a coerência interna fique assegurada e estendamos ao leitor as tais pontes de pilares assentes na lógica.

..Não é a **questão da verosimilhança** que se põe. Na absurdidade do **non-sense**, não funcionam **juízos de existência.** Porque o absurdo é sempre **imaginável, concebível** e até **crível.** No real é que interessam as referências fundamentais da **verosimilhança,** da **possibilidade** e da **probabilidade.** Em qualquer dos casos, porém, os caminhos para a imaginação do absurdo estão limitados, pelo menos internamente, pelo princípio lógico da **razão suficiente.** Quem quer poderá verificar que, em «Alice no País das Maravilhas», através da dita perversão das coordenadas espácio-temporais do senso comum, permanece uma sólida **argumentação** que, além de preencher as necessidades da **razão suficiente,** serve até muito habilmente, como **recurso,** por confrontação, de trampolim a partir do qual se dão então ironicamente os saltos para o absurdo.

..Imaginoso, e ousado, e corajoso, Viale Moutinho não se exercitou ainda suficientemente nos pequenos gestos de segurança que amparam e garantem o êxito dos acrobatas no trapézio do absurdo.

**NATÁLIA NUNES**—

# AFORISMO [S]

Estou tão habituado a tudo...
Que até um rato acabou por me parecer simpático...
Atravessou o piso.
E me deixou imune.

Sim, o exclamativo.
Mas quanta coisa minha não é exclamativa!

O que eu tenho é medo de perder-me e achar-me.

Se desato a pensar: nunca mais penso...

O esquecimento funciona ao retardador: quanto mais depresa vem, menos valioso.

As expressões vulgares — ditas assim — : outra coisa não são, em certos casos, para certas **linguagens**, que partes, e não displicentes, do seu contexto. Amputá-las, vilipendiá-las, desprezá-las, omiti-las, **indesejá-las:** o mesmo seria que preferir ao penico com asa o penico sem asa: falta-lhe qualquer coisa, portanto não está completo, portanto foi partido, portanto e principalmente: foi tomado por uma coisa que não é, é **outra coisa**. Há manifesto zelo em encarar as coisas (e as pessoas e as artes) desta maneira simplória, para não dizer simplista, para não dizer obtusa, para não dizer míope, para não dizer — e é o que acontece em muitos casos, apontáveis — que é uma maneira (a deles) de ver como lhes convém. Nada impede, na verdade, que haja pessoas que desejem de preferência utilizem, não concebem sequer — a asa **é** o penico, o penico com asa, a coisa inteira. (a que me parece útil.) Pelo contrário, **interessa-lhes...** tomar a parte pelo todo: **deformar,** f i n a l m e n t e; e a seu bel-prazer. Não me p a r e c e que c o n d u z a a q u a l u e r c o i s a que não seja: um p a r c i a l i s m o (obscurantismo) de v i s ã o. E se coisas há, fatais, — incompletas: não são essas as minhas preferidas. E se olhos há, — e espíritos há — propensos a olhar a parra só a uva, e vice-versa, — prefiro-os eu aqueles que **querem** (propendem **a**, se esforçam, se inclinam a) não destrinçar a todo de modo a anular o todo. Temos, então, que... as palavras **banais** (ditas banais), os sinais medíocres (ditos medíocres), a ausência (parcial, reconhece-se) das rigorosas, ou excepcionais, ou **típicas** (formas): podem não fazer parte do melhor, em arte. Pode acontecer — e creio que acontece — que esses **deslizes** (essas... **faltas de atenção**) sejam como que os suportes (os **pés** deselegantes) de um banco cujo tampo se nos revela (com pés e tudo) — ...Elegante. E o erro estaria nos olhos, não nos pés do banco: hipótese que proponho. E que... proponho à consideração de quem!? — Dos **aflitos** críticos que não percebem nada de marcenaria... E leio, ocasionalmente, em Theodore Rossak:

> Aprendemos o que aprendemos analisando as árvores e esquecendo a floresta, examinando as células e esquecendo o organismo, analisando as minúcias e pormenores da experiência e esquecendo o todo que dá aos elementos constituintes o seu supremo significado. Deste modo, tornamo-nos cada vez mais eruditamente estúpidos.

E, Wordsworth, transcrito:

**We murder to dissect.**
**Assassinamos para autopsiar.**

**2.ª PARTE**

Impregnarmo-nos de uma presença bela é possuí-la.

O descontentamento sexual para o artista resulta de não ver onde o mundo se carrega da valência multidimensional.

Se bem percebo E., e à luz destas 3 características: 1) a dicotomia; 2) a hierarquia; 3) o imperativo; — penso que: a) E. discerne entre bons e maus, o bom e o mau, o que convém (**n** conveniência? **Uma** conveniência?) e o que não convém, etc. dicotòmicamente; b) E. **escalona**; valor 1, valor 2, até chegar ao valor zero, ao não-valor, ao falso valor,... e até ao possível «valor» a **desvalorizar** (à parte a distinção ou enumeração apenas dos métodos; c) E. considera **imperativo, por conseguinte**: e apoiando-se em razões por exemplo éticas: 1) suprimir o mal, o mau, o... etc.; 2) eleger um valor primeiro, depois um segundo, e assim de seguida; e, 3), finalmente aceitar e fazer aceitar como **imperativo** a resultante dos dois postulados.

Ora... e resumindo. E. **particulariza.** E. **não totaliza.**

E, fazendo E. assim, sendo E. assim, pensando E. assim: fornece-nos E. uma ilustração (objectiva?) do pensar, do ser, do fazer errado.

Porque E. escamoteia o real, não se conforma com o real, não se **amolda** ao real, não se lhe submete: antes, o que E. faz, pensa, diz (é **dizendo** e **fazendo** que o ser de E. se (me) manifesta: **limita-se** a trair, diminuindo-o, reduzindo-o, fragmentando-o um real que é o que a realidade **é**: descontínua, sem valor autoritário, mesclada e não hierarquizada. Não será assim?

Poder-se-ia dizer então, que E. procede à **pulverização** do real

Tem continuação

16 e 17-VII-71

**RAUL DE CARVALHO**

# AS QUYBYRYCAS

## Fr. Ioannes Carabatus

«Desde quando é tradição em Portugal, ou em Portugal se exige que um prefaciador tenha lido a obra que prefacia?» — pergunta, ironicamente, Jorge de Sena, a certo passo do prefácio (todo ele, aliás, repassado do mesmo tom) que escreveu para um curioso livro de poesia dado à estampa em Lourenço Marques e em cuja capa se pode ler: «As Quybyrycas/poema éthyco em outavas/que corre como sendo de Luis Vaaz de Camões/em suspeitíssima atribuiçon de FreyIoannesGarabatus/Impressas em Moçambique, com rial privilégio de Jorge de Sena: em casa de Tempo Impressor 1972».

Trata-se de um longo poema, em 11 cantos (1180 estâncias) ou seja, mais um canto e 78 estâncias que «Os Lusíadas», obra cujo 4.º centenário de publicação tem servido às mais distintas comemorações nos últimos meses. Aliás, a publicação das **Quybyrycas**, «atribuidas ao conhecido e estimado poeta por certo quinhentista Fr. João Grabato» não poderá ser tomada senão como (e Jorge de Sena não se esquece de salientá-lo) a «mais sensacional participação nesta geral romaria que agita os corações mais doutos do universo directa ou indirectamente afecto à gloriosa lusitanidade».

Claro que, na esteira do prefaciador, também o opinante crítico se poderia dar ao luxo de fazer a pergunta com que abre esta nota. O que não faz, naturalmente. Primeiro porque lhe falharia desculpa mais convincente que a chateza de reviver tempos em que o forçaram a dividir «Os Lusíadas» em orações; depois porque, contrariamente ao que sucedeu a Jorge de Sena, não o atingiu (ao opinante crítico) a precipitação da edição (no seu caso, a leitura) da obra no ano do centenário de «Os Lusíadas»; e, finalmente, porque sempre gosta (coisa estranha, talvez) de ler antes aquilo sobre que depois, mal ou bem, se permite escrever.

Não foge Jorge de Sena, como seria de esperar, no seu notável prefácio, a saborosas considerações sobre a relação

# OPINIÕES CRÍTICAS

numéricas (cantos e estâncias) entre «Os Lusíadas» e «As Quibíricas» (vamos lá actualizar o título...); nem tão pouco se esquece de um **erudito** relato da vida de Frei João Grabato, ou Grabatus ou, ainda, Garabatus — o qual outro não é, evidentemente, que o excelente poeta moçambicano João Paulo Grabato Dias, aliás pseudónimo de conhecida figura das nossas artes.

Se a peça introdutória de Jorge de Sena prima pela inventiva desenfreada, a que uma sábia ironia e o seu reconhecido espírito crítico-satírico dão precioso sabor, o poema de João Grabato Dias ultrapassa-a em (e aqui permitam que me socorra das palavras do prefaciador) «vigor, desbordamento sabiamente calculado, inventiva, sentimento tão actual e tão vetusto...».

João Paulo Grabato Dias vem provar que os decassílabos ainda são legíveis...

**TORQUATO DA LUZ**

# CIDADE DIÁRIA

## Baptista-Bastos

. Não vou referir-me à maneira de escrever de Baptista-Bastos, que muito o tem caracterizado como escritor. Estando eu de acordo com o que já foi dito por Carlos de Oliviera, Urbano Tavares Rodrigues, Alexandre Pinheiro Torres e muitos outros, nada adiantaria em relação a outras opiniões críticas e às badanas da capa.

Prefiro falar deste Armando Baptista-Bastos, jornalista do **Diário Popular**, com algum orgulho pelo seu metro e 84, que já ensinou boxe, corpulento, agressivo de linguagem, frequentador de bares, apregoando valentias, fazendo parecer dos são poéticos. A vida renovando-se. Os velhos que vão morrendo e as mulheres parindo novos homens que envelhecerão por sua vez, ao longo de uma vida em que derrubarão obstáculos, para os que depois vierem dos ventres de outras mulheres que envelheçam mais lentamente.

Esta continuidade, esta marcha em que uns vão tombando e outros prosseguindo é uma

duro e que, no entanto...

Baptista-Bastos é um poeta, um tímido, que ao álcool vai por vezes pedir auxílio, adolescente ainda, mas no que de generoso e bom tem a adolescência — o que só o honra — e um admirável cronista.

Que é poeta, isso facilmente se constata. Corram-se rapidamente as páginas desta sua **Cidade Diária** que, a cada linha, por lá se encontra poesia. Leiam-se as crónicas **Ignorado por ti, aqui me encontro, A feira vulgar das horas, Advérbio como protesto, Digam isto aos outros, Um homem com nome de rei**, e encontrarão poemas que de crónicas se vestiram.

E não apenas na linguagem. Mesmo os seus temas preferi- constante das suas crónicas. Leia-se por exemplo **A árvore de sombra**, onde um velho planta uma árvore que só abrigará sob as suas ramadas os «netos dos seus filhos e os filhos dos seus netos»; ou **Fica sempre para outra vez**, que nos desperta a consciência da nossa força de homens, conhecedores do seu verdadeiro destino, que terão de ficar pela estrada e dizer por fim a um outro, com dignidade e coragem: «Vais sozinho, porque já não tenho pernas para te acompanhar!»

. Continuidade que coincide com uma maior solidariedade, que deseja e sabe ser possível, como o foi no **Raconto dos Morangos**.

Mas nem sempre, pois nesta sua **Cidade Diária** também se retrata o egoísmo e surge então em Baptista-Bastos a melancolia de não sentir em si, como no **Homem com nome de rei**, a força de novas palavras de fraternidade, tão arrebatadoras que, por elas, todos os homens se tornasem verdadeiramente fraternos.

Em **Leio no teu retrato um sorriso** sente-se o descontentamento por si, a insatisfação de não dar quanto desejaria. É este amor pela Vida, por nela não ter lugar que o satisfaça, que dá às suas crónicas este tom simultaneamente de amor e de frustração. Porém, sem estes dois elementos contaditórios não seria Baptista-Bastos aquilo que é. Nele se manifesta, como me parece notar em **Os dias difíceis**, o desejo de dar amizade, coragem, liberdade, heroismo, mas sentindo muitas vezes na sua «cidade diária» que existe impossibilidade de dar quando não se encontre quem aceite, de amizade, se a desconfiança a escorraça, de coragem, quando esta não é admirada nem desejada, de liberdade, quando tantos a receiam, de heroismo, se não se sabe onde o exercer.

E creio não ter sido eu apenas a senti-lo. Numa sua reedição de **O Secreto Adeus** vejo estas linhas muito belas de José Gomes Ferreira, que transcrevo para, com elas, terminar esta opinião crítica:

. «Testemunho ardente que veio desvendar-me as razões fundas por que certa juventude — por certo a mais consciente e digna — vive afogada, **dir-se-ia que provisoriamente**, numa desregra de exageros sexuais. Afinal, segundo a revelação perturbadora deste depoimento em forma de romance, essa juventude sofre de «saudade de heroismo impossível».

**FRANCO DE SOUSA**

# UMA PERSPECTIVA SOBRE PORTUGAL

## Francisco Sarsfield Cabral

. Sarsfield Cabral, com o seu estudo **Uma Perspectiva sobre Portugal**, lúcidamente nos dá resposta á interrogação há muito feita por Mouzinho da Silveira. Por que razão estando Portugal, através das descobertas, na origem do actual florescimento industrial dos países tecnológicamente mais avançados, delas não tirou partido e nunca conseguiu aproximar-se do progresso técnico e industrial da Europa?

. Eis o que nos responde Sarsfield Cabral:

. «Faltou-nos uma classe mercantil suficientemente forte, numerosa e dinâmica, para aproveitar as oportunidades abertas.

«Não obstante a multiplicação das viagens e o transporte de grandes quantidades de produtos para a Europa, não se radicaram, entre nós, as estruturas comerciais e financeiras indispensáveis ao desenvolvimento do novo tipo de relações económicas e sociais que então, noutros lugares despontava, e que teria plena expressão três séculos mais tarde, com a revolução industrial».

Fomos apenas os intermediários, os que, pelas caravelas e galeões, íamos buscar a India e a África, as matérias primas e as especiarias que depois vendiamos á Holanda e á Inglaterra. Porém, estes países tinham o material humano indispensável uma burguesia que de si tomara consciência, se norteava por uma ideologia investindo os seus capitais em novas fontes de riqueza.

Poderíamos dizer que a revolução de 1383 foi para Portugal uma fatalidade histórica. Fatalidade, neste sentido: embora a burguesia tivesse sido a força impulsora que levou o Mestre de Aviz ao trono, não era ainda uma classe suficientemente amadurecida na sua ideologia e não soube assim vencer a nobreza que ainda dispunha de força bastante para se apossar da direcção das descobertas.

«A sujeição feudal de vassalo a uma hierarquia — escreve Sarsfield Cabral — foi transferida para uma dependência de súbito em relação á Coroa-Estado que, incorporando, e nessa medida, modificando aquela antiga hierarquia, aparece como entidade mítica dispensadora de todos os bens em contrapartida de pedidos e boas influências. Trata-se de uma atitude perante o Estado que, até aos nossos dias, jamais deixaria de marcar a vida portuguesa.

«A classe mercantil nacional era demasiado débil para agarrar a oportunidade histórica que se lhe oferecia de dominar e controlar os acontecimentos, de acordo com os seus critérios específicos. Pelo contrário, ela foi afastada pela burguesia estrangeira e, sobretudo pela Coroa e pela nobreza.

«As classes ligadas á estrutura feudal interessaram-se pelo negócio ultramarino — mas, naturalmente, á sua maneira, o que frustrou o normal desenvolvimento económico, financeiro e social das descobertas.»

. Eis porque a revolução de 1383 se pode considerar como uma fatalidade histórica. Veio demasiado cedo. Muitos dos elementos mais válidos da burguesia ascenderam á nobreza e, sem uma ideologia própria, adoptaram a dos nobres.

A nobreza, históricamente condenada, sobreviveu com a expansão ultramarina e, a partir daí, tudo faria para se manter como classe dominante. A grande aventura iniciada pelo Infante D. Henrique iria ter um destino paradoxal: rejuvenescer o que estava caduco, manter no domínio uma classe que devia ser destronada.

E para se manter dominante introduziu a Inquisição, criada para defesa da fé católica contra as heresias. Porém, onde se difundiam estas heresias? Precisamente entre os elementos mais combativos e conscientes de uma burguesia europeia. A inquisição foi pois o organismo repressivo da nobreza portuguesa contra uma burguesia, sua inimiga.

Durante mais de dois séculos a Inquisição actuou contra uma burguesia, que não teve portanto a possibilidade de ser suficientemente forte para traçar um destino histórico idêntico ao da Inglaterra.

As reformas de Pombal poucos progressos conseguiram. Como lutar contra uma classe burguesa estrangeira que entre nós já estava representada? Como poderia bater-se com uma Grã-Bretanha. potência económica a impor-nos o tratado de Metthuen?

. E novamente o erro se repete. É agora a vez de explorar as riquezas do Brasil. Mas...«O ouro brasileiro permitia aumentar as receitas do Estado e na Corte, suscitou manifestações de luxos, claramente desproporcionados com o nível de actividade produtiva nacional.»

. Mais uma vez se aplicava mal o que poderia ser ponto de partida para uma criação de uma indústria. O mal estava na mentalidade portuguesa, deformada por mais de duzentos anos de Inquisição mal que nem o liberalismo conseguiu sarar. Mudavam de dono os bens miguelistas, aumentavam os funcionários públicos e os barões e mantinha-se a falta de gosto pelo trabalho e o desinteresse pelos empreendimentos industriais.

Fontes Pereira de Melo não obteve melhores resultados, não obstante os caminhos de ferro e as obras públicas. Continuámos dependentes do comércio e da indústria estrangeiras.

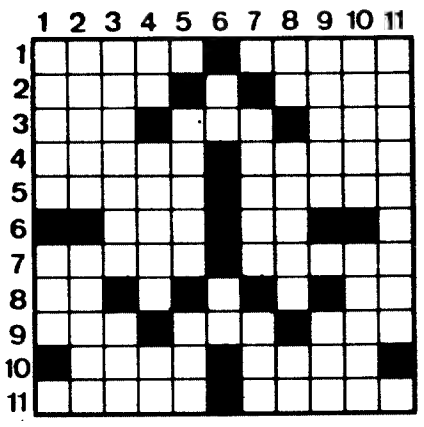
Sarsfield Cabral prolonga o seu estudo até aos nossos dias, estes já de industrialização porém «numa acentuada tendência para a internacionalização da economia portuguesa». É esta certamente, na sua **Perspectiva sobre Portugal**, a parte que nos oferece mais interesse, pois refere-se ao hoje e ao amanhã.

**FRANCO DE SOUSA**

# PASSATEMPOS

## COM PROVÉRBIO

### PROBLEMA N.º 10375



**HORIZONTAIS:**

1 Medida agrária em Damão. Deseja ardentemente.
2 Estavam. Lavrar.
3 Norma. Pronome possessivo. Víscera dupla.
4 Véu com que as mulheres mouriscas cobrem a cabeça. Ligava.
5 Cidade de Espanha. Domesticai (inv.º).
6 Oásis. Antigo Testamento.
7 Pronome possessivo. Curral.
8 Artigo definido. Interjeição que exprime admiração.
9 Animal doméstico (inv.º). Quadrúpede ruminante. Membro de ave.
10 Leito. Monarcas.
11 Apupar. Restos mortais.

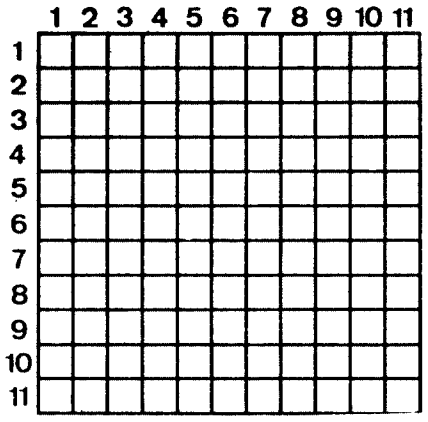
**VERTICAIS:**

1 Antigo. Recusa.
2 Praia. Cidade do Japão.
3 Irias para fora. Tomba.
4 Sumário (s. q.). Acautela. Ruim.
5 Ecoara. Botequim.
6 Pronome pessoal. Rio de Itália.
7 Combinar. Enguia.
8 Em a. Pequenos barcos de recreio. Pertences.
9 Vagueiam. Suspiros.
10 Nódoa. Cidade da Cária.
11 Esparrela.

**Resolveu completamente este problema?**
**Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.**

## NOVA MODALIDADE

### PROBLEMA N.º 6531



**HORIZONTAIS:**

1 Lavram. Espírito.
2 Ilha da Suécia, prov. de Calmar, no mar Báltico.
3 O mais. Verbais. Nome de letra.
4 Braço de mar. Triture. Qualidade.
5 Compro. Rio do Congo francês.
6 Janotas.
7 Sacerdotes budistas.
8 Ratem. Bebida usada no Peru.
9 Aprontar. Filha do Oceano e de Tétis.
10 Destinar. Pronome pessoal. Estime.
11 O mesmo que aiala. Corrijas.

**VERTICAIS:**

1 Largo de Lisboa. Porto abrigado por terras mais ou menos altas.
2 Ligue. O mesmo que acai.
3 Letra grega. Donzela de Orleães. Freguesia do concelho de Barcelos.
4 Para barlavento. Tranquilidade.
5 Designativo da pescada quando jovem. Mãe de Rómulo e Remo.
6 Nagativa. Íntimo.
7 Acelera. Concedes.
8 Rio de Portugal. Cidade da Cária.
9 Ruim. Ofereces. Rezar.
10 Preposição. Pecado.
11 Redimir. Campeões.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10374

**HORIZONTAIS:**

1 Anões. Caala.
2 PROMESSAS.
3 Amoreira.
4 Ela. Res. As.
5 Natal.
6 Gorro. Imole.
7 Amassaram.
8 Dó. Uno.
9 Oca. SÃO.
10 Solteira. Um.
11 Sais. Omita.

**VERTICAIS:**

1 Au. ENGODOS.
2 Alão. Ocos.
3 Op. Atra. Ala.
4 Era. Arma. Ti.
5 Som. Loa. Sés.
6 Mor. Suai.
7 Cereais. Oro.
8 Ases. Mau. Am.
9 Asi. Torna.
10 Lara. Lao. Ut.
11 Asassem. Ema.

**Provérbio: PROMESSAS SÃO ENGODOS.**

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6530

**HORIZONTAIS:**

1 Apresentara.
2 Coiro. Aotos.
3 Erra. Área.
4 Mai. Nas. Ari.
5 Oaio. Inca.
6 Mas. Mua.
7 Vão. Ide.
8 Assaltasses.
9 Na. Voara.
10 Bo. Go.
11 Ocaso. Papas.

**VERTICAIS:**

1 Acém. Avanço.
2 Porão. Asa.
3 Riríamos. Ba.
4 Era. Ia. Avós.
5 Só. Nós. Lo.
6 Zá. Otão.
7 Na. Sim. Ar.
8 Toa. Nu. Saga.
9 Atracais. Op.
10 Roera. De.
11 Asai. Pescas.

MÚSICA

# Ainda Peixinho, onde se lembra Rabelais, e carta aberta e popular a Mário Vieira de Carvalho

. . Mais do que a discussão sobre o «conteúdo real» ou a «substância musical» das obras de Jorge Peixinho («VOIX» e «RECITATIVO IV») agora dadas em concerto, mais do que uma controvérsia prematura a vários títulos importa a consideração, pura e simplesmente, do investimento que representa para o «meio português» a actividade do compositor e do director do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa.

Quando Peixinho, com as «Voix», pretende trazer o público a um processo «desintegração», quando a plateia é esperada para uma «Participação» na apoteose final de Rzewski, aqui ou ali, o que é que ele quer? Anunciar a intervenção provocatória de que fala Manuel de Lima ou criar uma improvisão colectiva? Ou esta só se tornaria possível da prancha da hostilidade?

. O grande salto, quem tem medo? Ou apenas a queda inglória e inevitável? De qualquer modo, e felizmente, ninguém morreu, nem houve acidente graves, e o mundo a 15 de Março continuou ás voltas.

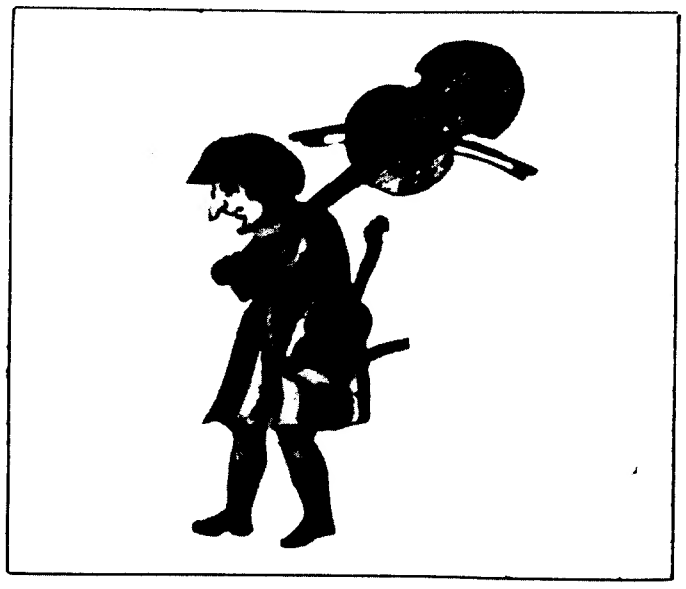
Existe então o problema do investimento. Ele, compositor, faz música e recusou, por vocação e vontade, ser tipógrafo ou economista. Ele, como director, interpreta a gente do seu tempo, e não escolheu Schütz ou Carlos Seixas.

Muito bem. E agora, que contas nos dá? Duas primeiras audições, uma das quais por graça de encomenda da Fundação Gulbenkian. Aos ouvidos do largo público, manifestações insólitas e nada habituais.

Que conseguiu porém, ao lado da extrema agitação (ou isso) que Mário Vieira de Carvalho aponta no seu artigo de crítica («Ainda o dilema de Peixinho»)? Que conseguiu, entenda-se, do ponto de vista de uma prática colectiva? Justamente agitação, o que não é nada.

E quando, neste mundo e no outro se discute se a música é uma linguagem ou não, seria entretanto a pedir a Peixinho a sua actuação «não só no meio musical português, mas no meio português, em geral» para que «a música seja como todas as artes uma fonte de desalienação do homem e uma fonte de consciencialização, não de uma maneira, é evidente, imediata superficial, grosseira, de ser o motor de uma revolução, mas que seja uma consciencialização e desalienação ao nível individual de cada ouvinte, de cada fruidor», como declarava à «Crítica» o próprio compositor.

Jorge Peixinho, para além de ter encontrado ou não a «maturidade», desconhece ainda a forma de estar com os outros, e até esse ponto, estabelecimento de valores adjectivos é impreciso e desnecessário, e teòricamente incorrecto, para situar **realmente** a sua música. Daí que uma certa exuberância a dois tempos, o positivo e o negativo, traga a certos episódios do artigo de Vieira de Carvalho um ritmo pouco conforme. Com efeito, se para ele «Recitativo IV» é a reedição de mais uma «palhaçada», já «Voix» lhe surge «com uma abundância de imaginação, uma qualidade de invenção, um rigor e um sentido crítico de auto-exigência» até aí desconhecidos no compositor,»... sem dúvida, a sua primeira grande obra, aquela em que o seu autor, pela primeira vez, aflora a dimensão de autêntico **criador**». E a razão de tal julgamento teria a instrução



bem sucedida «na mais que suficiente eloquência da música».

Ora, antes de mais, isto de **eloquência** da música, é uma história muito comprida. Sobretudo se só lhe agarramos uma das pontas, é que não há tempo (possibilidade) de a narrar. Eu gostaria de acentuar que a **audição** de uma obra não é mais do que uma sua possível representação. Outras formas figurativas são a leitura do texto ou a assimilação ponderada, esta última conceito de extrema importância na teoria da criatividade múltipla.

Apenas uma integração, necessàriamente sucessiva, das várias formas de representação do fenómeno musical pode permitir conclusões de alcance **efectivo** (e não dogmático).

Que falta pois? A prática a outros níveis da obra de Peixinho, se a alguém tal interessar, incluindo ele próprio. E antes de mais, creio, um seminário a algumas sessões (com a condição de aí se abolir a retórica e a literatura) onde, partitura à vista, se desenvolvesse a aproximação gradual do tal processo de «permanente alternância ou oscilação de vários graus de rigor e liberdade, tanto no que diz respeito às zonas de campos harmónicos definidos, como às técnicas de permutação e manipulação combinatória de figuras musicais fàcilmente identificáveis» e onde se viesse a entender como «o final da obra assinala uma progressiva desintegração do material, durante o qual o director e cada um dos músicos da orquestra assumem uma função cada vez mais independente e autónoma, até à total descoordenação do material da obra e desagregação do corpo orquestral. Esta progressiva desintegração deverá atingir o próprio público» (palavras de Peixinho para «Voix», as palavras que Vieira de Carvalho na análise da obra entendida não se deverem interpretar à letra, nem levar muito a sério.

Estas palavras, escritas para todos que compraram o programa, poderiam nessa altura descarregar os elementos duma sintaxe que as julgo capazes de referir. Até então não se conhece o discurso, não há eloquência possível.

E, finalmente, para que Jorge Peixinho se esclareça e o esclareça devidamente é que o «meio português» nele investiu. Onde há a citar de novo Vieira de Carvalho: «Quanto ao dilema de Jorge Peixinho (cf. D. L. de 28-12-72) revelou-se-nos ainda mais agudo: a opção entre a via aberta por «Voix» e o beco sem saída (insistimos) de «Recitativo IV» é, por assim dizer, a superestrutura musical da opção entre responsabilidade e alienação, no que toca à relação do compositor com o meio portugues». E aqui fica a pergunta. Simplesmente, como? Como é que uma obra e outra figuram atitudes opostas? Ou mesmo, se definíssemos o «meio português» para este preciso jogo?

Voltando à plateia que ouviu o compositor em «Voix» no Grande Auditório, que naturalmente escutara Schumann logo antes, ela não estava presente ao Autidório Dois, o dia seguinte, para acolher o GMCL. Outra gente, de quem talvez se esperasse outra reacção, dados os termos em que decorreu o concerto (Além do «Recitativo !V», estavam programadas obras de Lopes e Silva Komorous, Rzewski e Emanuel Nunes).

E, realmente, o termo final é épico. Uma vaga música, como lhe chama Manuel de Lima, enrola-se sobre si mesma, numa imitação, que a cada final os músicos encontram novo princípio. Antes, Peixinho havia pedido a participação do público. O autor F. Rzewski, o título: LES MOUTONS DE PANURGE. O programa nada diz, além de títulos e nomes. E fico-me a pensar no delicioso episódio de «Gargantua e Pantagruel») V. Ex.as conhecem! Panurge, querendo vingar-se do negociante Dindenault, acaba por conseguir comprar-lhe a bom preço um carneiro do seu rebanho. Depois, não tem mais: lança-o borda fora do navio onde viajavam por alto mar. O resto do rebanho segue em atropelo para o trágico fim, que o próprio Dindenault encontra no afã de evitar tanta perda. O carneiro, escreve ainda Rabelais, «Aussi le dict Aristoteles, lib. IX, de Histo. Animal, estre le plus sot e inepte animant du monde».

Creio que o Auditório Dois não lembrou os clássicos na devida altura, e Peixinho esqueceu-se de contar a história. Em ambos os casos talvez se não assistisse ao que efectivamente se passou: um a um, a grande maioria dos ouvintes foi entrando na roda viva, cantando, tocando, tilintando as chaves ou marcando compasso. Pode dizer-se que houve entusiasmo; e hoje, mais a frio, penso que Rzewski pregou uma partida nada lisonjeira à plateia!

. Quanto à música? Pois não esqueço Sá de Miranda, clássico também.

**«...«...Milagres de Portugal: cousas de tanto sabor para saberem tam mal!»**

**CUNHA DAIRE**

# Antes de mais, convém saber ouvir

I

Para fugir ao jogo das escondidas em que muitas vezes se enredam as discussões públicas nas colunas dos jornais — e, além do mais, as eternizam — parece-me de boa política, neste caso, reescrever em súmula o mais sucinta possível, a carta do meu amigo Cunha Daire. A ver se compreendi a linha do seu raciocínio, a perspectiva em que se coloca. Se as nossas perspectivas forem diferentes, basta esclarecê-las e não vale a pena «polemicar» mais. Se a perspectiva for a mesma e as conclusões opostas, então sim, há que determinar, naturalmente, onde reside o vício de raciocínio. De momento, pois, importa aclarar a posição do meu interlocutor. Afigura-se-me que o seu itinerário é, de toda a evidência, o seguinte:

. 1. Uma obra musical, antes de ser ouvida, é escrita segundo um código de sinais convencionado e desenvolvido ao longo de séculos.

2. Ouvir música é uma forma incompleta de a conhecer e apreender: para verdadeiramente a conhecermos torna-se, pois, necessário lê-la, estudá-la, analisar os elementos morfológicos e sintáticos que constituem esse sistema codificado.

3. Sem se conhecer o discurso (conhecer o discurso é proceder como no número anterior) a «eloquência» da música é uma palavra vã ou «uma história muito comprida» (?).

**Conclusão I:** a mera audição não é critério para estabelecer termos de comparação entre duas obras musicais; há que conhecê-las por escrito.

A partir daqui, Cunha Daire conclui concretamente sobre o caso de Peixinho:

. 1. Na medida em que Peixinho optou pela composição e não pela economia política ou pelas artes gráficas, há que averiguar se esse seu investimento na música é ou não rentável.

2. Jorge Peixinho entende que a música deve ser «como todas as artes, uma fonte de desalienação do homem e uma fonte de consciencialização (...)» e a sua prática não corresponde a esta profissão de fé.

3. O objectivo definido no número anterior, que é condição da rentabilidade do investimento-Peixinho, só é realizável se Peixinho se esclarecer a si próprio e esclarecer o meio português. Foi para isso que este investiu naquele.

4. O esclarecimento consiste **antes de mais** em organizar um seminário precedendo a audição de cada obra, e compreendendo várias sessões, onde **partitura à vista** se conduza o auditório a uma **aproximação gradual** do processo compositivo caso a caso utilizado, descrito nos textos que o compositor faz inserir no programa.

**Conclusão II:** não se verificando estes pressupostos nada se pode concluir quanto ao «conteúdo real», quanto à «substância musical» duma obra, e menos ainda alegar **responsabilidade** ou **alienação** do compositor, no que toca à relação com um determinado meio social.

II

Se o que precede é a perspectiva de Cunha Daire, a minha é completamente diferente.

A notação musical — que a partir de certa altura se cristalizou na pauta ou pentagrama, compreendendo cinco linhas e quatro espaços para definir as alturas dos sons mediante a identificação de um ponto de referência (a clave); utilizando um certo número de figuras e de modificações destas para determinar a duração relativa de tais sons; inventando um sistema de compartimentação do tempo (os diferentes compassos) que, entre outras vantagens práticas, serve para estabelecer a métrica em que se desenvolvem os ritmos; etc., etc. — nasceu do estado de necessidade em que o criador musical se encontrava perante o criador literário (por exemplo). Enquanto este lançava ao papel os vocábulos, que eram directamente recebidos pelo destinatário, com a conformação exacta que lhes imprimira o autor, o criador de música, na impossibilidade de expedir o produto da sua imaginação directamente através de um veículo sonoro, tinha que recorrer a um sistema escrito de sinais convencionais, que, uma vez decifrado pelos intérpretes, se transformasse na música viva que imaginara. Isto para não falar da improvisação, onde o texto nem sequer existe: Beethoven é um caso célebre, os organistas sempre a praticaram e também os «virtuoses» nas cadências dos concertos, além de que está hoje na ordem do dia. E para não falar da moderna música electro-acústica, onde o compositor modela directamente na banda magnética o material sonoro, ou da chamada música algorítmica, quando o «programa» introduzido no computador é directamente vertido em sons pelo sintetizador electrónico.

A notação é, pois, um meio limitado e limitativo de expressão das ideias musicais. Por isso sofreu permanentes transformações ao longo da história. A ponto de hoje se poder falar, sem receio de exagerar, em tantos sistemas de notação quantos os músicos da nova geração que à composição se dedicam. Qualquer partitura moderna vem hoje munida da respectiva «chave» de sinais, que o compositor inventa caso a caso e muda de obra para obra consoante lhe parece mais adequado às suas necessidades expressivas. Hoje mais do que nunca, depois de uns tantos séculos de música tonal em que a cristalização das fórmulas e os hábitos enraizados levaram os músicos sem talento a pôr-se ao serviço das pautas em vez de se porem ao serviço da música (sem compreenderem que a história da música foi feita por aqueles

Continua na pagina seguinte

# ANTES DE MAIS, CONVÉM SABER OUVIR

Continuação da pagina anterior

que sucessivamente subverteram os academismos estabelecidos), a invenção do som vivo, para ser vivido através da audição, é a essência mesma da música, a sua única leitura possível, em relação à qual tudo o mais não passa de mero instrumento ou auxiliar de análise. Hoje mais do que nunca a partitura, quando existe, está reduzida à sua justa dimensão de código de sinais, esgota-se na função de traçar aos intérpretes o percurso que estes hão-de seguir para produzir as sonoridades requeridas pelo compositor. Hoje mais do que nunca a música é para ser ouvida e não para ser lida: sobretudo é preciso **saber ouvi-la.**

Porque, afinal, saber música é saber ouvi-la. Não pode exigir-se ao instrumentista, ao cantor, ao compositor, ao chefe de orquestra, ao crítico, que, para além da sua especialidade, saiba tocar todos os instrumentos, ler à primeira vista todas as partituras, manipular as múltiplas técnicas electroacústicas, elaborar programas para computadores, lidar com a teoria das probabilidades e com as leis matemáticas de Poisson e Markov, que são uma brincadeira para Xenakis, ter uma sólida formação filosófica e estética... Para além do que possam aprofundar dentro da sua especialidade, o fundamental, para serem músicos, é saberem ouvir. E saberem comparar o que ouvem.

Se isto é verdade para os músicos, muito mais o é para o público em geral, a quem a música se destina. A música é feita de sons: começa e acaba na audição.

Posto isto, vê-se que a premissas diferentes correspondem conclusões diferentes. As premissas em que me fundo não admitem a **Conclusão I** do meu interlocutor.

### III

Quanto ao percurso que leva à **Conclusão II,** parece-me ele mais tortuoso. Não se percebe bem por que é que um seminário, com a partitura à vista (e quando ela não existe?), há-de magicamente resolver o esclarecimento de Peixinho, perante si próprio e perante o seu meio. Pela minha parte, confesso que já não tenho paciência para ouvir Peixinho discretear sobre a sua obra e muito menos com a partitura à vista. Tenho mais que ouvir: por exemplo, a sua própria música.

Cunha Daire dá uma extrema importância ao texto que o compositor faz inserir no programa e que pretende **explicar** a génese, estrutura e intenções da obra. Eu faço dele letra morta e valho-me de um argumento de autoridade: «a música ou se explica por si ou então não vale a pena explicá-la». Gosto muito desta afirmação de Lopes Graça, que lhe ouvi num dos concertos organizados em 1969 pela Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico, precisamente naquele em que Jorge Peixinho e o Quarteto do Porto tocaram o **Canto de Amor e de Morte.**

Mas Cunha Daire, que cita várias vezes Manuel de Lima, deveria lembrar-se do saboroso capítulo de «A Pata do Pássaro desenhou uma nova paisagem», onde o **vício explicativo** que alastrou entre os «vanguardistas» é tratado como merece.

Não, efectivamente a eloquência da música não é comprida nem curta, e nem sequer é uma história. Quando me referi, a respeito da obra **Voix** de Jorge Peixinho, à «mais que suficiente eloquência da música» estava simplesmente a comparar o discurso literário de Peixinho com o discurso musical da obra. Para mim, a música não precisa de muletas para se impor, existe como expressão artística autónoma, como a poesia, como a pintura. Mal de nós se ao lado de cada quadro ou de cada poema devesse figurar obrigatoriamente (sob pena de nada se perceber e de nada se poder avaliar dos ditos) a «explicação» do autor.

Claro que não sou contra as análises de qualquer obra musical. Seria ridículo. É a desmontar as obras alheias que se aprende o ofício de compor. Adquirem-se então conhecimentos técnicos que enriquecem o potencial expressivo e estimulam a imaginação do artista-criador. Mas o público não vai aos concertos para **estudar,** vai para ouvir música, e pela minha parte, como crítico musical, interessa-me menos contribuir para a assimilação técnica das obras do que para a sua compreensão estética, dentro das coordenadas em que me movo.

Sou contra as análises «a priori», cuja única função é impingir ao público um produto fabricado segundo determinadas regras. Não foi por se saber que Bartok aplicou a «regra de ouro» na **Sonata para dois pianos e percussão** que se passou a considerá-la uma obra-prima, das supremas de toda a música europeia. Foi por se ter inculcado obra-prima através da simples audição — quem se atreve a negar a eloquência da música? — que ela foi analisada e os escaninhos mais íntimos da sua estrutura desvendados. Não invertamos a ordem natural das coisas.

Um seminário, desdobrado em várias sessões, só para promover com a partitura à vista a «aproximação gradual» do processo compositivo de **Voix?** Está-se mesmo a ver que Cunha Daire confunde as suas louváveis e honestas preocupações de estudante de harmonia, contraponto e fuga, com a fruição estética duma obra.

Ora é no plano estético, considerando a obra como entidade expressiva ou significante, que se exerce a crítica sobre o seu «conteúdo real», sobre a sua «substância musical», e que se pode discutir a posição do artista perante o seu meio. No plano estético, e não no plano técnico. Convém, uma vez mais, lembrar a sabedoria popular: para bom obreiro, não há má ferramenta. Como se explicaria então que coexistissem, cada um com a sua eficácia dramática, as músicas de Kurt Weil e de Alban Berg, a primeira tirando partido precisamente dos «clichés» mais vulgares da tradição tonal, a segundo em pleno atonalismo?

A comparação entre **Voix** e **Recitativo IV,** com a partitura à vista, nada de essencial viria acrescentar à fruição estética das obras, enquanto entidades sonoras que são.

E novamente a premissas diferentes correspondem conclusões diferentes. Não tenho outro remédio senão rejeitar também a **Conclusão II** do meu interlocutor.

### IV

Depois de tudo isto, vejo-me obrigado a tentar deslindar o que é que se entende por «uma certa exuberância a dois tempos, opositivo e o negativo», que traz «a certos episódios» da minha crítica «um ritmo pouco conforme». Suponho que na origem deste comentário em que sou visado se descobre facilmente a tendência do meu interlocutor para tomar a música não como arte viva e comunicante mas tão-só como fastidioso objecto de estudo e exegese. Mas eu gosto profundamente de música e entusiasmo-me com ela. Entendo que a sua missão «é exprimir poderosa e sugestivamente grandes pensamentos e grandes emoções» (relembro Lunatcharsky, de quem há dias citei este mesmo passo). E tomo partido. Por um compositor contra outro. Por esta obra contra aquela.

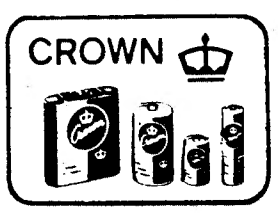
Para mim estudar música é munir-me de todos aqueles elementos — inclusivamente técnicos, claro — que possam enriquecer a vivência musical. Não é alienar-me a um formalismo míope que só compreende a música com a partitura à vista.

E não abdico do meu direito de exprimir sincera e honestamente o que, na sua realidade viva de entidade sonora, penso duma obra. O risco de me enganar é pelo menos tão grande como o que correria se procedesse à exegese da partitura. Parece-me, porém, que vale a pena arriscar e intervir. É isso o que faz falta ao exercício da crítica musical no nosso país.

A propósito: **fiquei tão interessado em Voix** que vou pedir ao Peixinho a partitura...

**MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO**

CROWN



A RAINHA DAS PILHAS

MAIS LUZ — MAIOR DURAÇÃO

Importador e distribuidor:

CASA DAS LAMPADAS

Rua dos Caldeireiros, 80 — PORTO —

LEIA motor

FAMOSO CIENTISTA RUSSO

descobre um importante segredo:

como viver mais tempo com mais saúde

ELI METCHNIKOFF ganhou o Prémio Nobel com o seu trabalho de «caça ao microbio». O resultado dessas investigações está agora disponivel no BEVITA, o Iogurte Express absolutamente natural

ELI METCHNIKOFF, um dos mais brilhantes cientistas do mundo, tornou-se famoso quando descobriu os glóbulos do sangue e a sua acção defensiva do organismo. Metchnikoff descobriu também que a maior fraqueza do homem está no seu tubo digestivo. Este canal está todo enrolado e é constantemente contaminado por micróbios produtores de fermentações e venenos prejudiciais que produzem mal-estar e tiram anos de vida. Metchnikoff procurou a forma de remediar isto. Observou que os pastores búlgaros eram extraordinàriamente vigorosos e isentos de complicações e desarranjos intestinais. Verificou-se que eles bebiam leite azedo. Seria esta a razão?

**OS LIVROS SAGRADOS**

Na Bíblia fala-se frequentemente em leite azedo. Abraão ofereceu-o aos três anjos. Moisés incluí-o entre os alimentos que Jeová deu ao seu povo. *Mas foi Metchnikoff que deu a conhecer ao Mundo moderno o maravilhoso Lactobacillus Acidophilus.* Este micro-organismo é uma preciosa ajuda para o bom funcionamento intestinal... agora fácil de obter com iogurte express BÉVITA.

**HISTÓRIA DA ÁGUA A FERVER**

Ninguém ignora que a água a ferver destrói os micróbios. Pasteur demonstrou isso há muito tempo. Se pudéssemos deitar água a ferver sobre os biliões de micróbios que pululam nos nossos intestinos todos os germes nocivos seriam destruídos, mas morreriam também os bons.

**COM «BÉVITA» CONSEGUE MAIS QUE COM ÁGUA A FERVER**

Apareceu o *Bévita* — o iogurte express que contém o maravilhoso *Acidophilus*. Logo que os *Acidophilus* chegam ao intestino começam a trabalhar para si. Ajudam as bactérias boas, encorajam-nas e dão-lhes forças para lutarem e destruirem as perigosas bactérias putrefactivas. A flora intestinal fica sã e livra-o dessas impurezas que lhe envenenam a existência. Quando os amigos *Acidophilus* acabarem com as putrefacções sentir-se-á bem, comerá com mais entusiasmo porque se sente mais jovem, com olhos brilhantes e ideias claras.
Experimente a agradável sensação de se sentir completamente limpo por dentro, mais leve e muito mais bem disposto. Comece a tomar BÉVITA ainda hoje.

**UM SEGREDO DA NATUREZA ENCERRADO NUMA LATA DE «BÉVITA» PARA LHE PROPORCIONAR BEM-ESTAR**

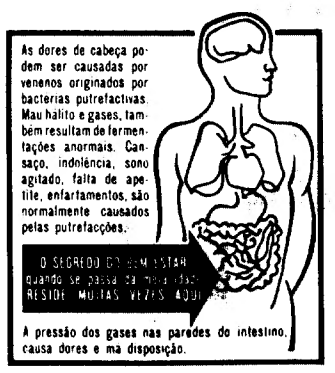
Nunca fora possível conservar os *Acidophilus* adormecidos para reviverem no instante desejado. Conseguiu-se isso agora no BÉVITA. Um processo especial conserva esses micro-organismos adormecidos. Quando chegam ao intestino acordam e começam a trabalhar activamente para si eliminando as bactérias putrefactivas. Todos os alimentos que ingere não podem ser aproveitados convenientemente se o seu tubo digestivo estiver sujo. O BÉVITA faz com que os alimentos possam ser aproveitados como deve ser.
Sucedem coisas maravilhosas no seu organismo assim que começa a tomar o BÉVITA. Comece hoje mesmo.

O SUPER-IOGURTE EXPRESS BÉVITA devolve-lhe a alegria de viver. Ele é o único iogurte instantâneo do Mundol É maravilhosol BÉVITA ajuda a acabar com as putrefacções intestinais, fomentando um incomparável bem-estar. Junte-se a água simples, a leite ou a sumo de frutos e verá como a sua vida é outra.

O

O BÉVITA só está à venda nas melhores mercearias e supermercados.
Se não encontrar o BÉVITA, preencha e cole o cupão abaixo num postal e remeta-o para:

diese ALIMENTAÇÃO RACIONAL av. da República, 46 - Lisboa 1



*Peço que enviem na volta do correio*

☐ *lata individual de BÉVITA (para 50 iogurtes)* ..... 45$00

☐ *lata familiar de BÉVITA (para 100 iogurtes)* ..... 75$00

*NOME* .....

.....

*MORADA* .....

.....

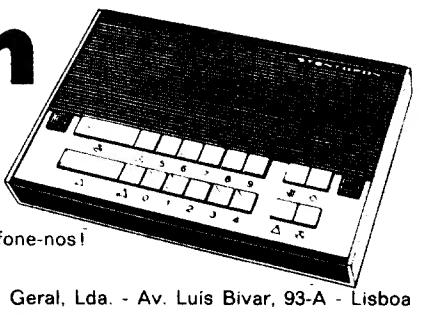
a Scotland Yard, o Rádio Luxembourg e a Companhia de Seguros Fidelidade, resolveram os seus probemas de intercomunicação

- de uma vez para sempre!

Lisboa 42124 713470 | Porto 483598 | Faro 24338 | Portimão 22954

Stentofon

Sistemas de intercomunicação



Os nossos clientes compararam preços, qualidade e possibilidades e resolveram o seu problema de intercomunicação com o custo de uma chamada telefónica. Telefone-nos!

POLIPRODUTOS, Representações e Comércio Geral, Lda. - Av. Luís Bivar, 93-A - Lisboa

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

# ARTUR VARELA OU AS VIRTUDES DA EMIGRAÇÃO

**OBJECTOS, COLAGENS, FILMES — SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES**

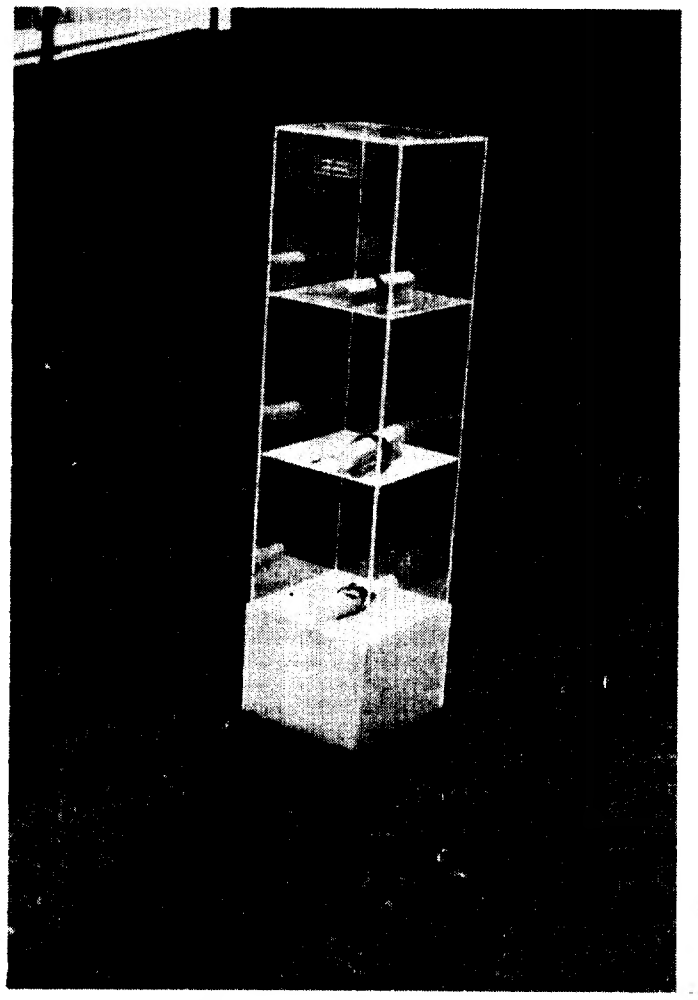
..Quase nunca a emigração é um simples capricho. Muito pelo contrário, resulta sempre de uma verdadeira necessidade; porém, no caso de um artista português que emigra, ou que «vai lá fora» (passe o termo), fica, a maior parte das vezes, fora de uma produção que tenha directamente que ver com um nível internacional, sendo a atitude geral, e outra não podia mesmo ser, um epigonismo estrangeiro que, embora tomado como tal, não é afinal nem vivido nem entendido, isto mesmo em casos de longas estadas ou mesmo de fixações. Para compensar, porém, há outros casos, como o de Artur Varela (o qual, aliás, já representou a Holanda em duas exposições internacionais, pelo menos) que nos provam como continua a ser não só importante mas também fundamental o contacto de artistas portugueses com centros verdadeiramente criadores, nos quais, embora discutível (e ainda bem), reine um espírito de experimentação e de risco, e não a especulação de gosto mais ou menos «modernaço» que entre nós impera e que só pode levar às mais lamentáveis confusões para o uso interno.

Mais saborosa ainda se torna a presente exposição quando verificamos que Varela partiu de Portugal há quase dez anos (durante este período fez apenas duas curtas visitas de menos de uma semana), que se fixou na Holanda em 1964 e que está desde Novembro em Portugal, onde executou na totalidade os trabalhos que compõem a presente exposição (falo apenas dos objectos e das colagens), que são o resultado do reencontro de Varela com a sua terra, vista agora em 72/73 com o olhar espantado e irónico de quem se descobre estrangeiro no seu próprio país. Contínuos motivos de cómica admiração...

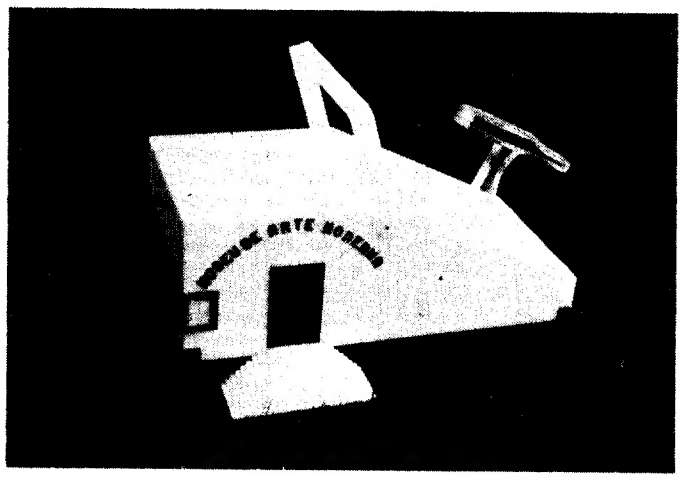
Artur Varela é um escultor. Tirou escultura nas Belas-Artes de Lisboa e frequentou o «atelier» (livre) de Adam na escola homónima de Paris. Os casos de uma viagem e de um prémio (1.º prémio Van der Rijn, 1965, para jovens escultores) fixaram-no na Holanda, que já representou internacionalmente, repetimos, e onde durante os anos 60 trabalhou dentro dos moldes do que se poderia chamar a abstracção escultória tradicional, com uma evolução que ia desde a «assamblage» de peças soldadas, dos anos 65, até um geometrismo «minimal», já no começo dos anos 70. Muitas dessas peças, tirante talvez o último período indicado, seriam hoje perfeitamente «consumíveis» em Portugal, o que não me parece que aconteça com as que propõe na presente exposição, pois quase abandonaram toda a problemática formalista para entrarem num tipo de comunicação mais directo e imediato, ao nível de uma intervenção-denúncia visual que se pretende, aliás, objectiva, ou até mesmo neutra quanto possível. Senão vejamos as próprias obras:

**. A. Colagens**

Quase sempre feitas à base de bilhetes postais ilustrados, com uma «imagerie» extremamente divulgada e cujo «comentário» é feito através de textos rigorosamente transcritos de caixas de fósforos turísticas, guias com a mesma função, manuais de conversação portugueses, ou da própria legenda dos postais. Duas atitudes de base informam a sua produção:



«Auto-retrato»



«Museu de Arte Moderna»

. A. Uma «constatação neutra» de «Kitsch» ao nível urbanístico-monumental ou de «imagerie» pretensamente popular (amorosa, religiosa, turística) em que é a própria neutralidade na apresentação das imagens que vale como distanciamento crítico em relação a elas. Exemplo disso o «S. António», cuidadosamente fotografado de todos os ângulos e com uma muito neutral legenda em português, francês e inglês, tendo a acompanhá-lo, também o mais neutralmente possível, um fragmento da planta da cidade que indica a sua exacta localização. (Aliás, o mesmo S. António aparece numa outra colagem, já quase submerso pelos peixes que uma varina lhe despeja, num tipo de imagem completamente oposto a este).

B. Uma animação de imagens que estetiza muito mais o material apresentado, tornando-o até agradável. A tourada que aqui se reproduz (posso testemunhar que foi feita quando ainda não se pensava em festivais de cantigas, o que aliás não tem importância nenhuma), é um bom exemplo desta «animação» que até pode ter mais do que uma leitura. A legenda, tirada, segundo creio, de uma caixa de fósforos da especialidade, é um comentário, mais sério possível, à «nobre arte de marialva», este, sim, objectivamente transcrito mas a dar-nos toda a medida do gozo de Artur Varela.

Menção especial merece o «Pequeno Álbum», série de fotografias em branco, de diferentes formatos, montadas sobre uma cartolina da mesma cor e com legendas variadas, em torno da doutorite, da engenheirite e do hábito lisboeta e anti-higiénico de cuspir no chão, o que é de facto um pequeno retrato da nossa terra vista por um português ausente.

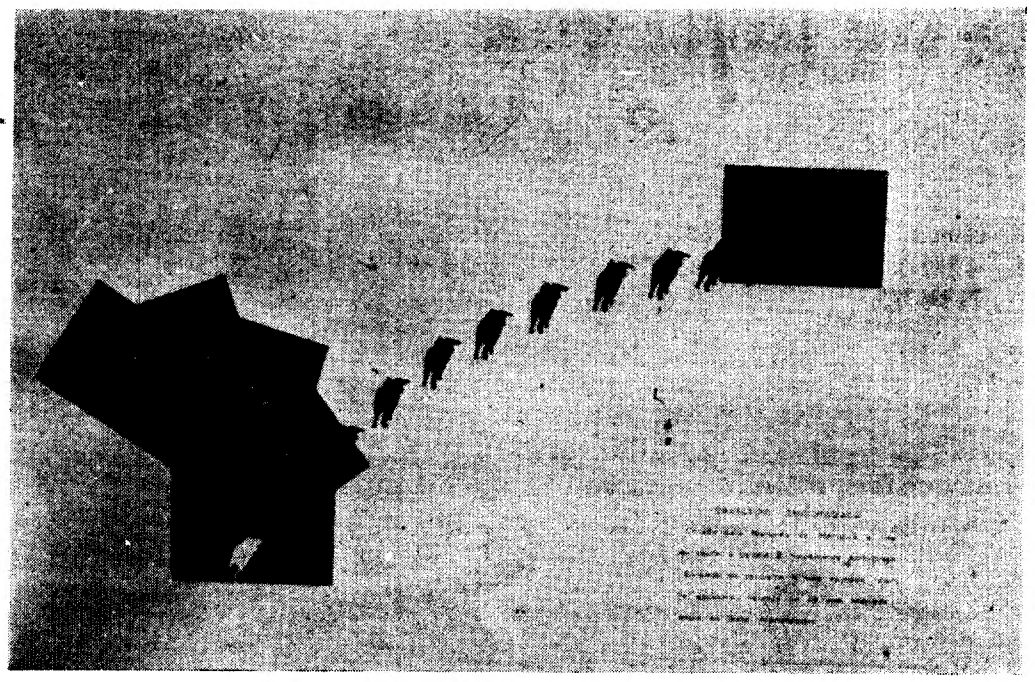
**B. Objectivos**

Estes trabalhos, executados em vidro acrílico por artífices portugueses, estão certamente mais próximos da antiga escultura de Varela, muito embora com um tipo de expressividade e de intenção completamente diferentes. Passo a comentar os dois reproduzidos:

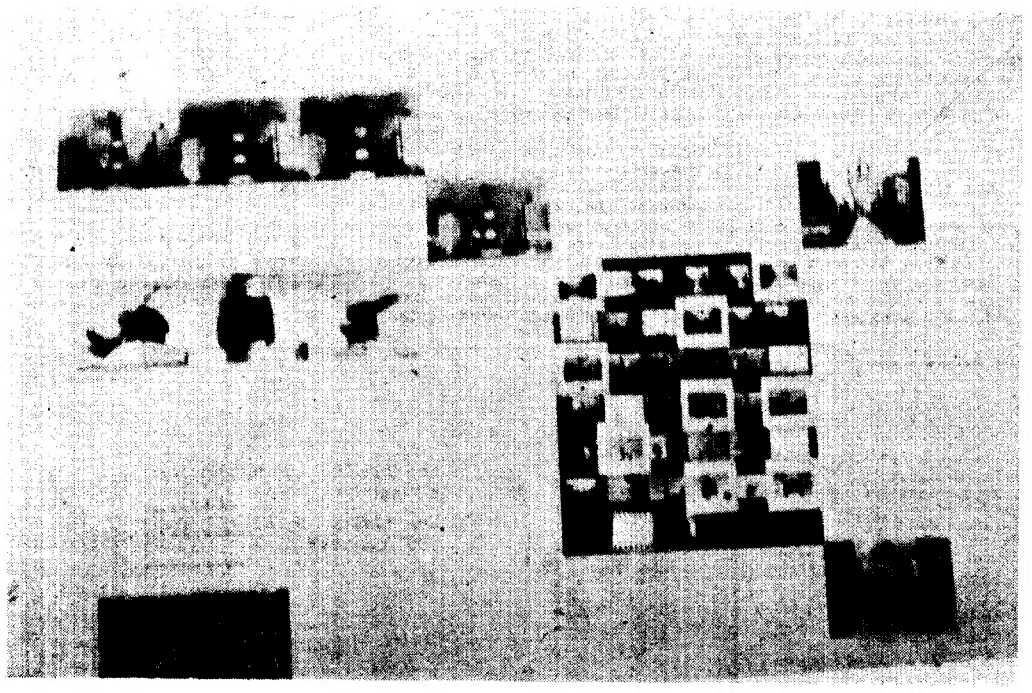
A. «Auto-retrato». É, de facto, uma estrutura minimal, uma base branca e três cubos transparentes sobretudo, cada qual contendo um papel enrolado e atado com uma fita de cor, verde e encarnada, que sugere, sem margem para enganos, um diploma, o sacrossanto canudo que Varela não deixa de possuir. A rematar, e no mesmo material, o nome do autor e a legenda em que o autor salutarmente de si mesmo troça.

B: «Museu de Arte Moderna». Herbert Distel, Robert Filliou, Claes Oldenbourg propuseram recentemente os seus próprios museus. Artur Varela, ao reencontrar em Portugal um objecto que esquecera, a caixa de engraxador, teve a ideia de reproduzir uma em plexiglas branco, por-lhe janelas, pés, uma porta almofadada e uma escadaria de acesso, por cima da porta os dizeres em relevo e a dourado, «Museu de Arte Moderna». Não um objecto de museu, mas um museu-objecto (o trocadilho era tentador), que, se pensarmos na actual conjutura da encomenda e do mercado de arte em Portugal, e nas conotações do verbo engraxar, resulta uma peça curiosamente agressiva, no seu aspecto de brincadeira inconsequente. (Aliás, se um futuro museu de arte moderna for aquilo que os actuais especuladores impuseram, não será nem mais nem menos do que esta peça de Artur Varela, uma caixa de graxa).

Impossível de realizar por um não português, impossível de realizar por um português de Portugal, como todos nós habituado a sofrer passivamente um determinado ambiente urbano e visual, esta é uma exposição extremamente interessante e um significativo retrato da nossa terra por um português turista, a transformar a estupidez em riso, e o riso, esperamos, em reflexão. Sinal de que a arte contemporânea não pode ser passividade ronceira mais ou menos oportunista e... «avançada», à espera que venha o comprador «bem» ou que suba a cotação, e que nela o lugar primordial continua a ser o da pesquisa, da inquietação e da ironia, aqui, agora, com o nosso material, com a nossa realidade, que Varela tão cuidadosamente inventaria.



«Tourada»



«Monumento a S. António»

## Folhetim-artístico de José-Augusto França

# MILO, VÉNUS DE

Aprendi na História do 4.º ano dos liceus, faz muitos anos, que o autor da Vénus de Milo era o escultor Milo, artista tão célebre como Fídeas, pelo menos. Quando o disse a meu pai fiquei sabendo e na aula seguinte confundi-o. Emendou o homem, dizendo que se tinha enganado, e tomou-me de ponta, como é natural. Isso obrigou-me a estudar mais do que o normal à custa do Mallet, o que ainda bem porque me livrei do compêndio do Matoso, e ganhei gosto à ciência da história, aprendendo a pensá-la à francesa com grande utilidade futura. Fiquei também a desconfiar da história da arte que se aprende e ensina e que atrás da tolice do Milo-escultor muitas coisas espreitam.

Datou daí o meu conhecimento da Vénus em questão que uma dúzia de anos mais tarde veria no Louvre, ao fim do corredor que a valoriza. Reacções, reacções ao conhecimento directo da estátua, não me lembro de ter tido muitas. É a Vénus de Milo ou é a Gioconda e fica tudo dito, ou tudo por dizer. Durante muitos anos, sempre que passava pelo Louvre calcorriava o corredor da Vénus, dava uma volta à volta dela — e nada, ou pouca coisa. Um torso atribuído a Praxíteles, ou cópia, que está perto, numa embocadura de porta, sempre me disse muito mais; e com a vantagem de não estar ninguém à volta a ouvir ou a fotografar.

Assim a Vénus de Milo e eu fomos coexistindo indiferentemente, com respeitosa distância da minha parte, frieza marmórea da parte sua. Nenhuma história, portanto, e felizes ambos assim.

...Até que, de repente, o Museu de Artes Decorativas de Paris expôs o «dossier» da estátua, bem nutrido de informações sobre a sua celebridade. É uma manifestação do «Ready Museum» (de Colette Lambrichs e Corneille Hannoset, com vários colaboradores), existente e agente na Bélgica, e o catálogo comporta trinta e tantos números, ou seja trinta e tantas Vénus, com excepção, por óbvia, da propriamente dita.

A saber, entre outros: o seu torso amarrado por Man Ray ou a sua cabeça metida pelo mesmo numa rede; a sua imagem colada com curvas matemáticas por Max Ernst; um selo das Poste Vaticane de 10 liras, desenhado por Carelman, com a imagem da estátua pudicamente de «soutien-gorge»; a escultura amolecida e deformando-se graças a Pol Bury; Antoni Miralda entrincheirando soldados de chumbo nas curvas do seu busto; Albert Szukalski expondo apenas, de muletas, os dois braços ausentes da estátua: Salvador Dali abrindo gavetas funcionais no busto ou pendurando moncos de pássaro no nariz da célebre divindade. E mais ainda, como a «Vénus à poils» de Topor que Deus me livre de descrever.

O mito da imagem ou do objecto (que nada tem a ver com o do ícone tão desintegrado quanto o sistema religioso em que funcionou) ficou activo por si próprio, dentro da vigência da civilização greco-latina em que se abeberou estoutra que vamos tendo. Acabaram os deuses do Olimpo mas ficaram certos ideais que as catacumbas e os peixes simbólicos não conseguiram destruir; a isso se tem chamado a civilização ocidental, especialmente fixada na Vénus em questão e também no Eros que lhe está associado.

Conta o catálogo, em imagens de «comic's», como foi descoberta a estátua, e comprada, e recomprada, e trazida para França, por mãos diversas dum aspirante de marinha, dum embaixador marquês, dum conde adido de embaixada, dum almirante de esquadra e do Luis XVIII, enfim, que a deu ao Louvre, em Março de 1821 era então director geral dos museus de França o conde de Forbin que havia de proteger o Sequeira em Paris. E que lhe mostrou, decerto, a famosa estátua; sem resultado visível, porém.

Mais informações do catálogo: a reconstituição de J. M. Valton que vê na estátua mutilada uma Vitória inscrevendo algum nome ilustre (Lissandro? Alcibíades? Antígona? sabe-se lá!) numa placa. A direcção dos troços de braço, do olhar, do joelho, dá certeza de tal função. Mas já não se sabe quem, punha mais cinco hipóteses — de estender coroas de louros, de se ver ao espelho, de segurar um pássaro... — para a reconstituição desejada.

### «MARBRE SACRÉ, VÊTU DE FORCE ET DE GÉNIE»

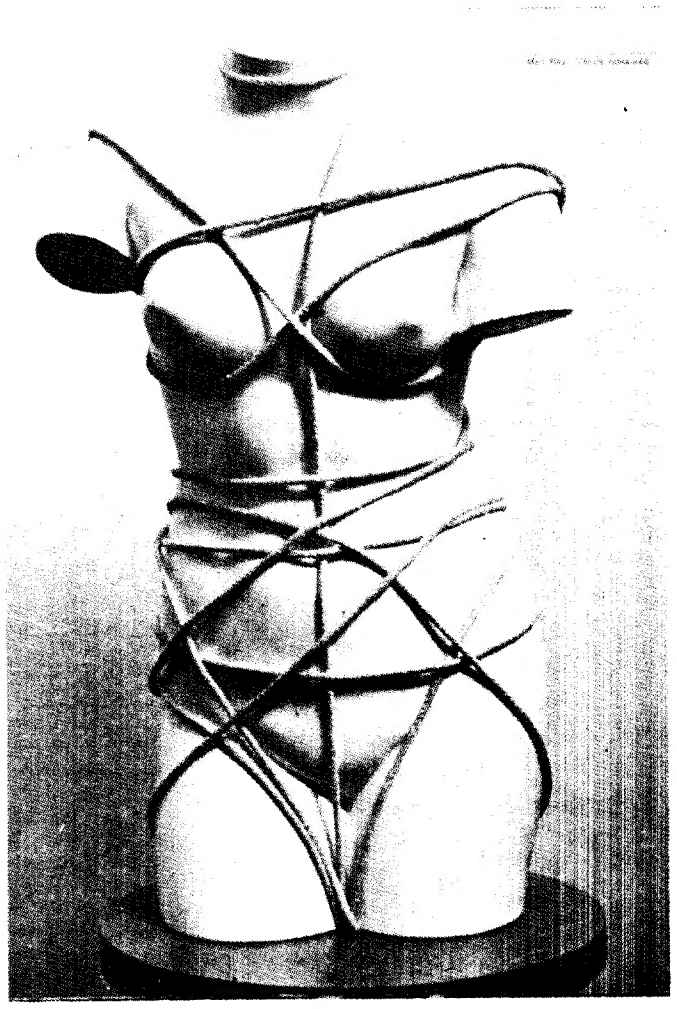
Chamava-lhe Lecomte de Lisle; «maravilha das maravilhas», dizia Rodin; «defendei-vos dela», aconselhava Baudelaire. Buster Keaton-Pamplinas fez melhor, maquilhando-se como tal.

Caricaturistas? Maurice Henry esculpindo-a conforme modelo maneta também; Picha pondo diante dela um «cul-de-jatte» a fazer-lhe compensatóriamente um «pied-de-nez»; Ronald Searle fazendo-a amparar por uma enfermeira atenta, após o acidente que lhe deu a perder os braços...

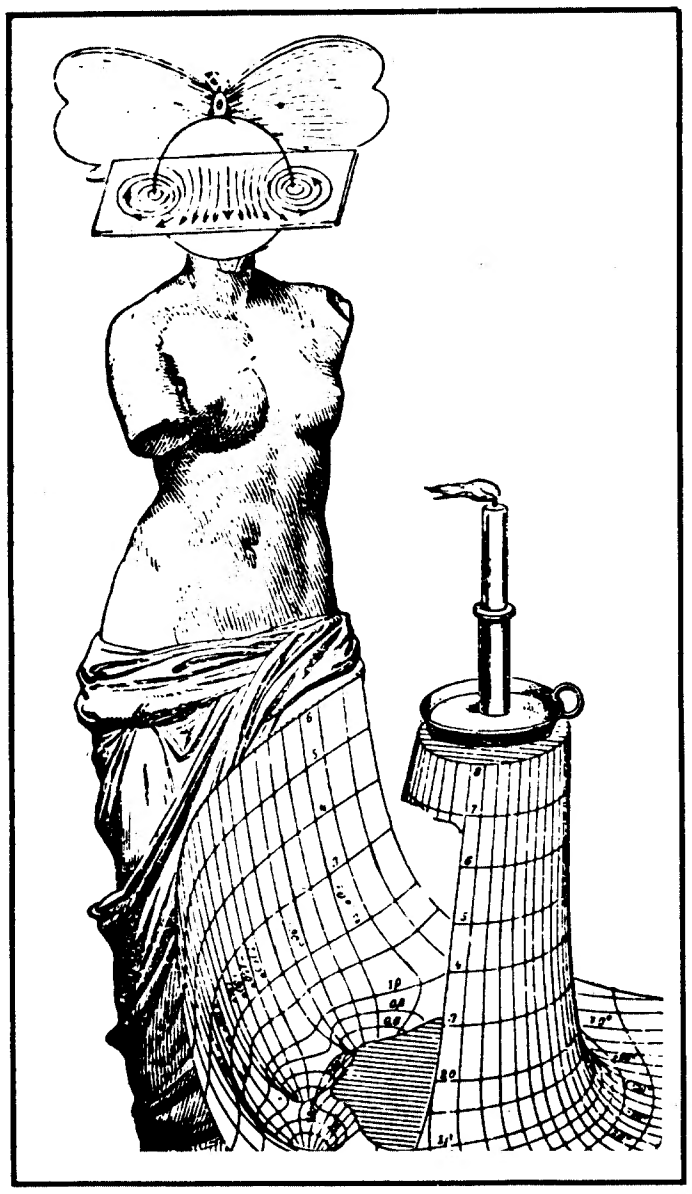
Publicidades? Tudo quanto a estupidez possa desejar.

Mas, mais do que qualquer caricaturista possa jocosamente dizer ou inventar sobre a célebre obra de arte (ou algum anunciante usar), di-lo, sem invenção, a multidão de gente que é fotografável à sua volta, olhando, fotografando também, espiando — ou espiando-se, que, em redor da estátua, as pessoas (repare-se!) olham mais umas para as outras do que para o objecto da sua admiração...

Solenemente, em outra imagem, um polícia motorizado e japonês conduz o cortejo do caixote em que a Vénus foi levada por Malraux ao Japão — homenagem do Ocidente, raríssima, atenta e preciosa. Prestígio de uma cultura que, embora tendo perdido os braços, ainda ressoa miticamente com voz potente. Prestígio sobretudo da ilha de Milo, onde afinal a estátua foi descoberta, se não feita, para espanto e confusão do tal professor que tive, e tão bem me vacinou...



MAN RAY: Vénus restaurada



MAX ERNST: as curvas matemáticas...

Vénus em capa de disco...

# UM EQUÍVOCO DUPLO NOS FESTIVAIS

A questão levantada por Mário Vieira de Carvalho, o último número deste «Suplemento Literário», sob o título «Apontamentos polémicos à margem de um Festival», não sendo totalmente nova, veio trazer, no entanto, à ordem do dia das minhas preocupações um tema que, efectivamente, justifica profunda meditação.

Fá-la-ei, consciente do equívoco em que, ao nível da minha actuação pessoal como jornalista, durante algum tempo laborei: o de acreditar, que, através dos chamados festivais da canção, seria possível a um artista (poeta ou compositor musical) exprimir preocupações humanas, sociais ou políticas.

É muito possível que os autores dos textos cantados nos festivais comerciais da nossa praça estejam convencidos de que, com a sua intervenção, conseguem, por um lado, destronar a mediocridade que anteriormente caracterizava tais certames e, por outro, dizer «coisas importantes que as pessoas precisam de ouvir». O equívoco é duplo: não só a mediocridade que pensam afugentar se continua, embora por outras formas, no que eles próprios produzem, como é impossível tornar actuantes, quer no plano estético quer político (aliás indissociáveis), obras seleccionadas segundo um critério que os nega a ambos.

Este aspecto é, aliás, sublinhado por Mário Vieira de Carvalho: os autores das canções festivaleiras estão, logo à partida para a sua elaboração (e repugna-me utilizar aqui o termo «criação» pelo que este implica de compromisso com a arte), condicionados pela necessidade de produzirem algo que possa caber dentro do padrão comercial em voga. Ora, mais do que o suficiente sabemos nós todos quanto tal padrão contraria as tais preocupações humanas, sociais e políticas que os autores em questão ingenuamente crêem inculcar nos ouvintes.

Acredito na função social da música e estou consciente de que mesmo os cantores integrados no circuito comercial poderão servir ao público textos que o obriguem a uma tomada de consciência. Mas não me iludo quanto ao papel que os meios de comunicação (radiofonia ou televisão) poderão, nas actuais circunstâncias, desempenhar neste aspecto, aqui e agora.

O mais que o autor de uma canção festivaleira pode conseguir é a elaboração de um texto carregado de tal ambiguidade que jamais poderá ser utilizado ao nível da intervenção política.

**TORQUATO DA LUZ**